

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação de Mestrado

**A mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos na
hospitalização infantil**

Manuella Rasch Saraiva

Pelotas, 2020

Manuella Rasch Saraiva

**A mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos na
hospitalização infantil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Vania Grim Thies

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S243m Saraiva, Manuella Rasch

A mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos na hospitalização infantil / Manuella Rasch Saraiva ; Vania Grim Thies, orientadora. — Pelotas, 2020.

128 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Mediação da leitura literária. 2. Uso do livro. 3. Hospitalização infantil. 4. Educação e saúde. I. Thies, Vania Grim, orient. II. Título.

CDD : 370.1

Manuella Rasch Saraiva

A mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos na
hospitalização infantil

Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data de defesa: 25 de setembro de 2020.

Banca examinadora:

.....
Profª. Dra. Vania Grim Thies (orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Profª. Dra. Gabriela Medeiros Nogueira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

.....
Profª. Dra. Marta Nörnberg

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mas o hospital não é nem uma calçada nem uma prisão. No entanto, esta dimensão da leitura como recriação de um espaço privado pode fazer sentido nesta instituição onde o espaço da intimidade se reduz de forma drástica. Onde a pessoa se sente limitada a uma categoria de corpo-objeto, obrigada a se submeter, "para seu bem", às decisões dos outros. Onde tudo nos reduz a uma passividade, a uma perda de autonomia, a uma regressão: seja pela doença e pelos limites que esta impõe à motricidade, ou pelos tratamentos sofridos, ou ainda pela própria natureza do discurso médico e do funcionamento a instituição, ainda que muitos dos que trabalham nela se dediquem a torná-la mais humana. [...] Queria apenas insistir no fato de que na leitura ou na rememoração de obras literárias (quando ler é impossível materialmente), há algo que pode ir muito além do esquecimento temporário da dor. Algo que, no hospital, tem a ver com o sentido da vida, com manter a dignidade, com manter a humanidade, apesar das mutilações e dos tratamentos humilhantes. Isto tem a ver também com a recomposição da imagem de si próprio, esse si próprio às vezes profundamente ferido. Quando a pessoa se sente despedaçada, quando o corpo é atingido, angústias e fantasias arcaicas são despertadas, e a reconstrução de uma representação de si, de sua interioridade, pode ser vital. E nas leituras, ou também na contemplação de obras de arte, há algo que pode ser profundamente reparador (PETIT, 2013, p. 67-68).

Resumo

SARAIVA, Manuella Rasch. **A mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos na hospitalização infantil**. 2020. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

A pesquisa teve o objetivo de analisar contribuições da mediação da leitura literária e do uso do livro como recursos terapêuticos no alívio das tensões geradas na hospitalização infantil. O estudo qualitativo (CRESWELL, 2010) contou com os procedimentos da observação-participante presente na pesquisa interpretativa (GRAUE; WALSH, 2003). Participaram da pesquisa 12 crianças hospitalizadas, entre 3 e 12 anos incompletos, ao longo de 39 intervenções nas quais foram realizadas mediações de leitura literária e empréstimo de livros. Também foram realizadas 12 entrevistas e um questionário foi respondido por 16 profissionais de saúde do setor de pediatria. Além disso, foi utilizado um diário de campo para os registros das observações. Para a discussão teórica, os conceitos principais foram: literatura (REYES, 2012), leitura literária (PAULINO, 2020), leitura (PETIT, 2013, 2008; MACHADO, 2012; CASTRILLÓN, 2011), mediação (BAJOUR, 2013), livros (COLOMER, 2017), letramento literário (COSSON, 2019), biblioterapia (CALDIN, 2001), recurso terapêutico (PRADO; BARTALOTTI, 2001). Os resultados deste estudo revelaram contribuições da mediação da leitura literária e do uso do livro durante o período de hospitalização das crianças, tais como: a leitura como refúgio o refúgio nos livros, a superação de medos, a proveniente sensação de segurança, as mães como mediadores de leitura, a leitura como aliviadora de dor no pós-operatório e do tédio, o uso peculiar do livro no seu cotidiano, a identificação com a personagem com posterior introjeção da história lida. A mediação da leitura literária e o uso do livro podem ser considerados recursos terapêuticos potentes para a viabilização de uma estratégia de humanização, a fim de fomentar a ambiência das crianças no hospital. Como contribuições para as áreas da Educação e Saúde, houve o diálogo de ambas acerca do uso dos livros e da mediação da leitura literária como recursos terapêuticos utilizados no hospital, chegando a um ambiente diferente do considerado habitual.

Palavras-chave: Mediação da leitura literária. Uso do livro. Hospitalização infantil. Educação e saúde.

Abstract

SARAIVA, Manuella Rasch. **Reading mediation and the use of books as therapeutic resources in children's hospitalization**. 2020. 127f. Master dissertation - Postgraduation Program in Education. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brazil.

This research has as objective to analyze contributions from mediation of literary reading and the use of the book as therapeutic resources in the relief of tensions generated in children's hospitalization. The qualitative study (CRESWELL, 2010) followed the participant-observation procedures present in the interpretative research (GRAUE; WALSH, 2003). Twelve hospitalized children between 3 and 12 years old participated in the research, and the approach involved 39 interventions in which literary reading mediation and book lending were practiced. Also, 12 interviews were also carried out and a questionnaire was answered by 16 healthcare professionals in the pediatric sector. Moreover, a field diary was used to record the observations. For the theoretical discussion, the main concepts used were: literature (REYES, 2012), literary reading (PAULINO, 2020), reading (PETIT, 2013, 2008; MACHADO, 2012 CASTRILLÓN, 2011), mediation (BAJOUR, 2013), books (COLOMER, 2017), literary literacy (COSSON, 2019), bibliotherapy (CALDIN, 2001), therapeutic resource (PRADO; BARTALOTTI; 2001). The results of this study indicated contributions from the mediation of literary reading and the use of books during the children's hospitalization period, such as: reading as a refuge, overcoming fears, the feeling of safety, mothers as mediators of reading, reading as a pain reliever in the postoperative period and boredom, the peculiar use of books in daily lives, identification with the book character with subsequent introjection of the story. The mediation of literary reading and the use of the book can be considered effective therapeutic resources for the possibility of a humanization strategy, in order to promote the ambience of children in hospital. As contributions to the areas of Education and Health, there was a dialogue between both of them about the use of books and the mediation of literary reading as therapeutic resources in the hospital, reaching an alternative environment, different from the usual one.

Keywords: Mediation of literary reading. The use of books. Child hospitalization. Education and health.

Lista de Figuras

Figura 1	Definição de “hospitalização” no DeCS	31
Figura 2	Informativo para doação de livros	45
Figura 3	Fotografia do armário com livros infantis do Hospital Escola/UFPeI/Ebserh	45
Figura 4	Informativo sobre o cuidado com os livros	47
Figura 5	Fotografia do armário organizado com livros infantis e inserção de informativo	47
Figura 6	Fotografia de ML3 com livro-brinquedo <i>O Jardim Encantado das Fadas</i>	69
Figura 7	Foto do livro-brinquedo <i>O jardim Encantado das Fadas</i>	69
Figura 8	Fotografia de H3 folheando os livros	71
Figura 9	Fotografia do livro encenado por H3 e sua mãe	71
Figura 10	Fotografia da mediação da leitura com M7	74
Figura 11	Fotografia do livro <i>Otis</i>	81
Figura 12	Fotografia dos livros utilizados com JP9	89
Figura 13	Fotografia dos livros utilizados com B4 na primeira mediação de leitura literária	92
Figura 14	Fotografia do livro <i>Mexa-se!</i>	96
Figura 15	Fotografia dos livros pessoais de R8	98

Lista de Quadros

Quadro 1	Indicadores para conceitos pela Retrato da Leitura no Brasil	23
Quadro 2	Questões norteadoras da pesquisa	42
Quadro 3	Aspectos observados nas crianças	53
Quadro 4	Demonstrativo das siglas utilizadas para referenciar os participantes no texto.	56
Quadro 5	Quantitativo acerca de número de encontros e quantidade de livros emprestados.	56
Quadro 6	Quadro de referências aos profissionais participantes	57

Lista de Abreviaturas e Siglas

CEALE	Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
Hisales	História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares
HE/UFPel	Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas
IEEAB	Instituto Estadual de Educação Assis Brasil
PBVH	Projeto Biblioteca Viva em Hospitais
PNH	Política Nacional de Humanização
RMASO	Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde Oncológica
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TPPI	Teoria e Prática Pedagógica I

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
INTRODUÇÃO	17
1 MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA E A HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL	22
1.1 A leitura e a leitura literária: entrelaçando dois mundos.....	22
1.2 Hospitalização em foco: mediação da leitura e uso do livro como recursos terapêuticos	30
1.3 Mediação de leitura: entrelaçando vidas e livros.....	35
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	40
2.1 Afinal, para que serve um livro? – a entrada no hospital.....	42
2.2 A produção de dados sobre a pesquisa: desvelando os caminhos às análises e discussões	51
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA REALIZADAS NO SETOR DE PEDIATRIA DO HOSPITAL ESCOLA DA UFPEL .	60
3.1 Contribuições da mediação da leitura e do uso do livro como recursos terapêuticos na hospitalização infantil	60
3.1.1 A contadora de histórias.....	68
3.1.2 O menino-lobo e sua nova descoberta.....	71
3.1.3 A leitora brincalhona e saltitante	74
3.1.4 O ouvi(dor) de histórias	77
3.1.5 O pequeno contador de histórias	79
3.1.6 Ouvi(n)do histórias	81
3.1.7 A leitura como refúgio	84
3.1.8 (Re)existência no ato de ler	86
3.1.9 O guri de botas.....	92
3.1.10 O menino-brinquedo.....	95
3.1.11 A guria que lia livros	98
3.1.12 A guria silenciosa	101
3.2 (Re)Lendo algumas questões... ..	103

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS.....	109
APÊNDICES	114
APÊNDICE A – Estudos selecionados.....	115
APÊNDICE B - Observações e percepções da mediadora acerca do projeto-piloto	118
ANEXOS	120
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	121
ANEXO B – Carta de Anuência do Hospital Escola	123
ANEXO C – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)	124
ANEXO D – TCLE direcionado aos profissionais de saúde	127
ANEXO E – Questionário aberto para os profissionais de saúde	128

APRESENTAÇÃO

Sou terapeuta ocupacional formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) em 2015. Concluí o Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde Oncológica (RMASO) do Hospital Escola (HE) da UFPeI, obtendo o título de especialista em Atenção à Saúde Oncológica em 2018. Em minha busca pela continuidade da jornada universitária, escolhi o Programa de Pós-Graduação em Educação por já ter apreço pela área. Dessa forma, dou seguimento à minha história pessoal e profissional.

As memórias adquiridas e as experiências vivenciadas são de grande valia para meu percurso profissional e pessoal, e fazem parte da minha formação. A partir delas, pude reviver e reavaliar minhas aspirações e condutas perante os meus pacientes e as equipes das quais fiz parte, revendo meus princípios, crenças e valores. Essas vivências me auxiliaram na evolução profissional e me possibilitaram criar uma visão crítica sobre minha atuação e sobre as reais necessidades dos pacientes e seus familiares.

Durante minha infância, sempre quis ser professora, ensinar ao outro, repassar conhecimentos e construir novos caminhos, fazendo parte do crescimento dos alunos. Aos 15 anos entrei para o Magistério, no Instituto Estadual de Educação Assis Brasil (IEEAB), em Pelotas/RS, onde comecei os estudos na área da Educação, porém, o encanto pela área da Saúde me impulsionou a criar coragem e desistir das antigas metas e objetivos, iniciando novos passos em um terreno até então impensado.

A decisão por uma profissão que me fizesse estar em contato direto com o paciente e suas frustrações, suas alegrias e angústias perante as adversidades da vida, assim como a influência de Patch Adams¹ – médico, criador do Instituto Gesundheit – nos passos que decidi seguir, pensando em levar alegria e colorir um pouco o dia das pessoas que passassem por mim, tal como ele o faz, foram importantes na decisão de escolha dessa mudança. Teorizar, pensar estratégias e alavancar os conhecimentos a fim de melhorar a qualidade de vida dos pacientes,

¹ Patch Adams é conhecido por seu trabalho como médico e palhaço, além de ser um ativista social que dedicou mais de 40 anos de sua vida para mudar o sistema de saúde dos Estados Unidos. Ele acredita que o riso, alegria e criatividade são parte integrante do processo de cura e, com a ajuda de amigos, fundou o Instituto Gesundheit, em 1971, a fim de resolver todos os problemas de saúde em um modelo. Versão completa em: <http://www.patchadams.org/patch-adams/>

seus familiares, profissionais de saúde e afins, são alguns dos fatores que me motivaram a investir nessa carreira.

Enquanto aguardava o 2º semestre letivo para tentar uma vaga para o curso de Terapia Ocupacional, ingressei no curso de Pedagogia, no ano de 2011, na Faculdade de Educação/UFPel, no qual conheci um mundo totalmente novo e diferente para mim. Revi alguns conceitos e antigos sonhos, pude me (re)apaixonar pela área da Educação, que foi onde descobri a ludicidade e as diversas possibilidades de atuação do pedagogo, além das questões referentes ao livro e à leitura. Sequer imaginava que viriam a ser tão importantes para mim.

Então, no 2º semestre de 2011, abri mão da vaga no curso de Pedagogia e iniciei a graduação como integrante da 2ª turma do curso de Terapia Ocupacional da UFPel. Procurei participar de projetos de pesquisa e extensão, além de eventos com apresentações de trabalhos, a fim de adquirir novos conhecimentos. Afinal, tomo como referência o pensamento de Freire quando este afirma que "não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino" (FREIRE, 1996, p. 16). A importância de me manter em busca de conhecimento impulsiona a busca por me tornar uma profissional atenta ao novo.

Durante o percurso da formação generalista proposta pela graduação, em conjunto com as vivências teórico-práticas da Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde Oncológica, pude refletir sobre meu crescimento profissional e pessoal. Assim, as escolhas que fiz na época do vestibular repercutem agora, na fase adulta, com uma profissão que me proporciona a possibilidade de auxiliar os pacientes no enfrentamento das dificuldades advindas do adoecimento e das limitações que influenciam em seus papéis no seu cotidiano.

Desse modo, tive contato com a pesquisa acadêmica e me encantei pelas diversas possibilidades existentes, que proporcionavam formas de auxiliar os pacientes indiretamente. Também escrevi trabalhos científicos a serem apresentados em Congressos, a fim de fomentar novos conhecimentos em diversos campos de atuação e fazer parte da formação dos diferentes profissionais da saúde. Assim, busquei estar em contato com o "mundo da pesquisa", o que permite a busca de novos conhecimentos e motiva os profissionais a se tornarem melhores e atentos ao novo. Era isso o que eu estava buscando.

Os dois anos de Residência Multiprofissional me fizeram colocar em prática diferentes técnicas e abordagens com os pacientes onco-hematológicos. O lidar

diariamente com as diferentes formas de dor e as tentativas de amenizá-las tornaram cada pequeno ganho um grande acontecimento. Assim, observo que a residência multiprofissional enriqueceu não somente o meu currículo acadêmico e profissional, mas também o meu “eu singular” e o meu “ser terapeuta ocupacional”, abarcando o modo de enxergar a vida, as possibilidades de repensar meu cuidado para com o outro e, conseqüentemente, um encontro comigo mesma, em que pude repensar minhas crenças, valores e reais necessidades. Durante o percurso da formação generalista² proposta pela graduação, em conjunto com as vivências teórico-práticas da Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde Oncológica, pude refletir sobre meu crescimento profissional e pessoal naquele período.

Como alternativa futura, vislumbrei o mestrado em Educação. Dentre tantas opções, eis que ela – a Educação – retorna à minha vida e me mostra sentidos repletos de possibilidades. Afinal, o desejo de seguir pesquisando, realizando trocas e a construção de conhecimento se faz presente em meu “ser ocupacional”. Ao pensar como interligar as áreas de Educação e Saúde, me questiono sobre qual intersecção eu poderia criar a fim de seguir pesquisando temas que me motivem e que contribuam com os envolvidos?

Recordei-me de uma das primeiras aulas da disciplina de Teoria e Prática Pedagógica I (TPPI)³ do Curso de Pedagogia, na qual a professora leu para a turma o livro *Bruxa, bruxa, venha a minha festa*⁴, e me vi ali, como ouvinte, apreciando cada palavra e gesto da professora como uma novidade, as palavras se tornavam música aos meus ouvidos, me vi em um mundo paralelo, me senti mais leve após a leitura daquele livro. Foi então que, a partir dessa memória, decidi, por que não pesquisar os impactos da leitura de livros com as crianças hospitalizadas? Afinal, os conhecimentos adquiridos em minha formação como Terapeuta Ocupacional alinhados aos conhecimentos da Educação teriam grande potencial de discussão acerca do tema.

² O Terapeuta Ocupacional é um profissional da saúde, com formação acadêmica superior, capacitado para atuar em todos os níveis de atenção à saúde. Com formação generalista, humanística, ética, crítica e reflexiva, tem capacidade para atuar em conformidade com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde e do Sistema Único da Assistência Social, compreendendo as políticas sociais como direito de cidadania, de forma a garantir a integralidade da assistência em todos os seus níveis de complexidade (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - COFFITO).

³ Teoria e Prática Pedagógica I era uma disciplina do 1º semestre do curso de Pedagogia (FaE/UFPel) ofertada em 2011/1 pela profª Dra. Eliane Teresinha Peres.

⁴ DRUCE, A. **Bruxa, bruxa: venha a minha festa**. Ilustração de Pat Ludlow. São Paulo: Brinque-book, 1995.

Remeti às minhas memórias para vislumbrar um projeto de dissertação de mestrado, unindo minhas áreas de interesse, sendo elas: a leitura, os livros e a hospitalização infantil. Afinal, como já mencionei, sempre me mantive conectada às áreas de Educação e de Saúde, tanto em minha vida acadêmica e profissional, como na vida pessoal. Esta dissertação que apresento ao Programa de Pós-Graduação em Educação versa sobre as interseções entre as duas áreas: Educação e Saúde.

INTRODUÇÃO

Em busca de aliar teoria e prática, recordei-me das vezes em que fui inserida nas práticas de leitura literária, algo tão acolhedor e amigável para mim, que se torna fácil falar e relembrar. Nas minhas mais antigas memórias consigo lembrar da voz da minha mãe me contando histórias, lendo os livros com histórias sobre coragem, amizade e romance, dentre elas, a mais marcante foi sobre Branca de Neve. Lembro também das histórias de vida que minha bisavó me contava, ficava horas ouvindo-a narrar sobre si, sobre suas dúvidas na adolescência, sobre os bailes “lá fora”, as brincadeiras com os primos, etc.

A partir das minhas vivências prévias como leitora e, posteriormente, no hospital, como Terapeuta Ocupacional observei a necessidade de inserir algumas práticas de leitura no setor de pediatria a fim de tentar amenizar os impactos decorrentes da hospitalização e proporcionar bem-estar às crianças hospitalizadas. Assim, vislumbrei o despertar para as práticas de leitura, e me tornei mediadora, proporcionando o contato das crianças hospitalizadas com o livro, com a finalidade de viabilizar a realização do projeto de mestrado em Educação.

A leitura em si, torna-se um importante instrumento para adquirirmos conhecimento acerca da construção do nosso eu. Conforme Petit (2013), o leitor se apropria de um texto, interpreta-o à sua maneira, lhe dá um sentido aliado aos seus desejos e angústias, mesclando as suas vivências com as do autor. Assim, em diferentes contextos, teremos um mesmo texto com sentidos diferentes.

Tenho como objeto de estudo, portanto, a mediação de leitura literária e o uso do livro com as crianças hospitalizadas. Dentre algumas mediações, destaco a mediação entre o livro e a criança, sendo a leitura em voz alta realizada individualmente ou em grupo, tanto na sala de recreação⁵ do hospital, como no leito⁶ da criança. Desse modo, apresento o problema de pesquisa, no qual questiono se a mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos contribuem

⁵ O Hospital Escola da UFPel oferece aos pacientes o serviço de recreação infantil em uma sala destinada ao entretenimento dos pequenos internados. Nela ficam disponíveis jogos didáticos, brinquedos, televisão com programação infantil, utensílios de pintura e desenho, além de outros passatempos que possibilitem tornar o período de internação mais agradável. Ainda com essa intenção, os profissionais de Educação Física e de Terapia Ocupacional desenvolvem diversas brincadeiras e jogos que estimulam as relações de convivência, localização temporal e espacial, coordenação motora, percepção visual e raciocínio lógico.

⁶ Local (uma cama) destinado à permanência do paciente que se encontra internado/hospitalizado.

de alguma forma no alívio das tensões geradas na hospitalização infantil. Junto à pergunta principal, somei outras que auxiliaram a pensar o processo da pesquisa: A mediação da leitura literária pode ser vista como uma estratégia terapêutica que contribui para o alívio das tensões nas crianças hospitalizadas? O uso do livro como recurso terapêutico pode ser considerado um aliviador das tensões geradas pela hospitalização? A mediação e a leitura de livros auxiliam na promoção da ambientação da criança no hospital?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as contribuições da mediação da leitura e do uso do livro como recursos terapêuticos no alívio das tensões geradas na hospitalização infantil. Este objetivo geral desdobrou-se nos objetivos específicos a seguir:

- a) descrever e problematizar as experiências da mediação da leitura literária junto às crianças internadas;
- b) investigar a existência de contribuições do uso do livro como recurso terapêutico no alívio das tensões nas crianças hospitalizadas;
- c) relatar as vivências, a partir da mediação da leitura, pelo olhar terapêutico ocupacional;

Na busca realizada para identificar outros trabalhos e referenciais teóricos para esta pesquisa, os quais apresentarei mais adiante, identifiquei a existência de poucos referenciais teóricos e metodológicos relacionando especificamente a leitura literária de livros a crianças hospitalizadas. Esses trabalhos me auxiliaram a pensar a realização desta pesquisa. Afinal, a integração e a interface entre Saúde e Educação também têm a finalidade de acolher as demandas e necessidades oriundas da infância. Neste caso, penso que a infância necessita das práticas da leitura literária, mais especificamente da mediação literária da criança com o livro, como um dos importantes fatores para o seu pleno desenvolvimento emocional e cognitivo, pois, “ao ouvir, ler e contar histórias, a criança vivencia a oportunidade de descobrir outros significados para a experiência humana” (MACHADO, 2012, p. 96).

Independentemente do contexto, a leitura pode e deve se fazer presente, a fim de ressignificar os momentos difíceis que surgem nas diversas etapas da vida cotidiana da criança. Dessa forma, vejo o uso do livro como um importante recurso terapêutico, relacionado à mediação de leitura literária proposta e à possibilidade no enfrentamento das adversidades e das tensões impostas pela hospitalização; além de

proporcionar o diálogo multidisciplinar entre as áreas da Educação e da Saúde, interligando essas áreas que, por vezes se aproximam e em outras, se distanciam.

Reflito sobre a singularidade do meu estudo, no qual faço uso da mediação da leitura literária e do uso do livro como recursos terapêuticos com as crianças que se encontram hospitalizadas. A partir da coleta de dados, descrevo as intervenções⁷ realizadas e os resultados que surgiram, considerando que cada indivíduo tem sua percepção e suas vivências relacionadas à leitura, ao seu contato prévio com os livros e à vivência da hospitalização na infância.

Para tomar conhecimento de produções acerca da temática da leitura literária no processo de hospitalização, busquei referenciais teóricos em livros e diversos materiais. Imergi em teorias sobre leitura literária, mediação de leitura e conceitos relacionados às práticas da leitura por meio de autoras como Michèle Petit (2008; 2009; 2013), Cecília Bajour (2013), Yolanda Reyes (2012), entre outros.

Seguindo a busca por referenciais, dei início a partir da definição das palavras-chave a serem utilizadas nas buscas por artigos, dissertações e teses nas bases de dados. As palavras-chave escolhidas foram: leitura, hospital, livros, mediação, criança hospitalizada, práticas de leitura. Quanto as bases de dados, as escolhidas foram: Periódicos Capes⁸, Lilacs⁹, Scielo¹⁰ e BDTD¹¹. Assim, utilizando apenas o filtro para “Assunto e Título” (em todas as plataformas), e “palavras e descritor de assunto” (apenas na Lilacs), após a verificação de documentos duplicados, foram selecionadas 64 publicações entre artigos, dissertações e teses.

Foram lidos na íntegra e verificadas suas palavras-chave. Destes, apenas 10 referiam-se a pesquisas envolvendo, especificamente, as diversas práticas de leitura ou leitura de livros em hospitais, sendo estes uma dissertação e nove artigos. Não houve limite de ano de publicação ou demais filtros nas bases de dados escolhidas. Os anos de publicação dos 10 documentos selecionados variaram entre 2004 e 2018. Eles estão descritos quanto ao ano de publicação, objetivos, metodologia e resultados

⁷ Termo comumente utilizado na área da saúde; se refere ao ato de intervir/mediar/oferecer assistência ao indivíduo. Neste caso, se refere às mediações envolvendo leitura de livros e o empréstimo de obras para a leitura posterior no leito, além das catalogações e organização do acervo de livros nos armários.

⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Periódicos Capes). Link para acesso: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

⁹ Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs). Link para acesso: <http://lilacs.bvsalud.org/>.

¹⁰ Scientific Electronic Library Online (Scielo); Link para acesso: <http://www.scielo.br/>

¹¹ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Link para acesso: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>.

no Apêndice A, que se encontra no final desta dissertação, e podem ser inseridos na análise e discussão dos dados, ao longo do capítulo 3.

Assim, essa busca nas bases de dados proporcionou um embasamento de quais estudos já foram realizados com temáticas similares ou afins sobre a pesquisa que realizei. Apesar de poucos, eles diferem em suas abordagens e dizem respeito a diferentes estados, culturas e países., o que me auxiliou a pensar na realização da pesquisa de mestrado. De forma geral, notei a importância da leitura literária, independentemente de *status* social, idioma, faixa etária, gênero, etc., além da variedade de métodos e tipos de pesquisa (qualitativa-descritiva, relato de experiência, observação participante) e público-alvo (crianças e seus acompanhantes, mediadores, bibliotecário, profissionais de saúde, voluntários e professores) abordados nos estudos.

No âmbito do Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – Hisales¹², a dissertação de mestrado de Soares (2016), versa sobre *Práticas de leitura literária em uma escola no campo no município de Canguçu/RS*. Este estudo teve como objetivo principal investigar como as crianças de duas turmas de 5º ano (2014 e 2015) de uma escola do campo e suas famílias viveram a experiência de práticas de leitura literária proporcionadas pelo professor-mediador-pesquisador, focando nas experiências literárias vivenciadas por essas crianças que vivem e estudam na zona rural. Embora meu trabalho não seja realizado na escola, discuto vários conceitos utilizados por Soares (2016). Sendo assim, enfatizo a importância dessa dissertação de Mestrado em Educação com temática das práticas de leitura literária, a qual é vinculada ao grupo de pesquisa Hisales, grupo ao qual minha pesquisa também está vinculada.

¹² Esta pesquisa encontra-se vinculada ao Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – que é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisas. Trata-se de um arquivo especializado nas temáticas da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares, constituído de diferentes acervos. O Hisales é, também, um grupo de pesquisa cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2006. Está localizado no *Campus* II – UFPel, Rua Almirante Barroso, 1202 - Sala 101 H, CEP 96.010-280 - Pelotas/RS. Mais informações sobre o Hisales, acervos, ações de ensino, pesquisa e extensão, podem ser conferidas via internet, no site (www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas redes sociais (Facebook: Hisales, Instagram: @hisales.ufpel) e por e-mail (grupohisales@gmail.com). Atualmente, três eixos são privilegiados nas investigações do Hisales: I) estudos sobre história alfabetização e da escolarização; II) pesquisas sobre práticas escolares e não-escolares de leitura e escrita; III) conteúdo, visualidade e materialidade em livros didáticos, impressos pedagógicos e materiais escolares. Este trabalho se insere no eixo II de investigação.

A dissertação está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo, exponho e dialogo com os principais conceitos (leitura, leitura literária, literatura, livro, mediação de leitura, biblioterapia, recurso terapêutico e hospitalização) que dão suporte teórico à pesquisa realizada.

No segundo capítulo, apresento a discussão acerca da metodologia adotada na pesquisa, abordo e descrevo os procedimentos metodológicos que foram realizados no decorrer de todo o processo: escrita do projeto de pesquisa; conversas iniciais no HE/UFPel; envio do projeto à plataforma Brasil; preparo dos instrumentos a serem utilizados na coleta e produção de dados; início da campanha para doação de livros pelas redes sociais e do contato com algumas editoras brasileiras, com a mesma finalidade; organização e cuidados (higienização, catalogação) do material e do local (organização do armário, criação de um informativo sobre os cuidados a serem tomados com os livros), realização do projeto-piloto, coleta de dados e efetivação da mediação da leitura literária na sala de recreação.

No terceiro capítulo, discuto e analiso a partir da produção dos dados coletados nas mediações de leitura com as crianças hospitalizadas, no período de janeiro a outubro de 2019. Além disso, trago as percepções da família e dos profissionais de saúde do setor de Pediatria do HE/UFPel, relacionando as discussões dos dados com estudos já realizados, e com os conceitos previamente discutidos no capítulo 1.

1 MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA E A HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, abordo os conceitos centrais que deram o suporte teórico para a pesquisa: leitura, leitura literária, literatura, livro, mediação de leitura, biblioterapia, recurso terapêutico e hospitalização, dialogando com os autores como Michèle Petit (2008; 2009; 2013), Cecília Bajour (2013), Graça Paulino (2020), Clarice Caldin (2001), Silvia Castrillón (2011), Ana Garralón (2015) e Yolanda Reyes (2012), entre outros.

A discussão dos conceitos teóricos, a coleta dos dados no hospital e a posterior reflexão destes levaram ao problema de pesquisa, no qual questiono se a mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos contribuem de alguma forma no alívio das tensões geradas na hospitalização infantil.

1.1 A leitura e a leitura literária: entrelaçando dois mundos

Começo pelo pressuposto de que a leitura está vinculada à cultura escrita, entendendo sua importância na construção identitária do indivíduo, inserindo ou excluindo as pessoas em seus diversos contextos sociais. Portanto, inicio pela reflexão acerca da leitura com um sentido amplo, apesar de a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2016), encomendada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência, não ter sido realizada especificamente com crianças, a mediação de leitura realizada na infância poderá refletir na fase adulta, questão que problematizarei a seguir. Segundo esses dados, quando questionados sobre as atividades que realizam em seu tempo livre, os brasileiros estão cada vez mais trocando a leitura de jornais, revistas, livros e textos na internet por atividades como escutar músicas ou rádio, navegar na internet, reunir-se com amigos e família, navegar na rede de computadores por diversão, entre outros.

A pesquisa revelou uma elevação no número de leitores no país: de 88,2 milhões, registrado em 2011, para 104,7 milhões, conforme os dados de 2015. O índice representa uma elevação de 6% no universo de leitores ao mesmo tempo em que a população cresceu de 178 milhões, em 2011, para 188 milhões, em 2015. Foram entrevistadas 5.012 pessoas em 315 municípios brasileiros entre 23 de novembro a 14 de dezembro de 2015 para a pesquisa supracitada (RETRATOS, 2016). Os entrevistadores classificam como leitores quem leu pelo menos um livro nos

três meses anteriores à pesquisa, enquanto não leitor foi considerado quem declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, ainda que tenha lido algum no último ano. O Quadro 1 demonstra as definições utilizadas na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2016):

Quadro 1 – Indicadores para conceitos pela Retrato da Leitura no Brasil

Conceitos	Definição
Livros	Consideram-se livros em papel, livros digitais ou eletrônicos e áudio livros digitais, livros em braile e apostilas escolares, excluindo-se manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais.
Leitor	é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses.
Não leitor	é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

Fonte: Retratos da Leitura no Brasil (2016, *on-line*).

Segundo Castrillón (2011), a leitura “é um direito, não é um luxo, nem uma obrigação [...]. É um direito de todos que, além disso, permite um exercício pleno da democracia” (CASTRILLÓN, 2011, p. 19). Nesse sentido, ao conceber diferentes contestações acerca da realidade e dos diferentes contextos sociais em vigência, como as desigualdades sociais que provocam exclusão de diversos grupos sociais, “toda leitura que, consciente ou inconscientemente, se faça em sintonia com a essencialidade do texto lido, resultará na formação de determinada consciência de mundo no espírito do leitor” (COELHO, 2000, p. 50).

A leitura de mundo, que cabe ser feita individualmente, a fim de que sinta e absorva sua realidade, alimentando com suas experiências e vivências à leitura da palavra escrita (FREIRE, 1989; SILVA, 2003), também ajuda na formação do leitor. A partir da apropriação que cada indivíduo faz da leitura e da influência da leitura de livros em sua vida – seja como uma manifestação cultural, econômica, educativa ou interesses pessoais como o lazer – sua democratização irá abarcar um maior número de pessoas (FREIRE, 1989). Portanto,

somente quando a leitura constituir uma necessidade sentida por grandes setores da população, e essa população considerar que a leitura pode ser um instrumento para seu benefício e for de seu interesse apropriar-se dela, poderemos pensar numa democratização da cultura letrada. (CASTRILLÓN, 2011, p. 16).

De Certeau (1994), em seu texto *Ler: uma operação de caça*, atenta para a relação entre leitor, obra e temporalidade e, especialmente, ressalta o papel do leitor na operação da leitura por meio de sua passividade. Lembra que a autonomia do leitor diante dos textos e, portanto, de sua leitura acerca dos mesmos, depende “das relações sociais que sobredeterminam sua relação com os textos” (DE CERTEAU, 1994, p. 268). E ainda, “a leitura poderia ser a chave para uma série de transformações, [...] sobretudo para uma recomposição das representações, das identidades e das relações de pertencimento” (PETIT, 2008, p. 103), inclusive mudanças sociais e culturais.

A leitura inaugura uma nova etapa no desenvolvimento cognitivo das crianças. Para nós, leitores e adultos, já acostumados a ler de diferentes formas, os textos escritos são uma maneira prática e acessível de comunicação. No entanto, ao aprenderem a ler e a escrever, nem todas as crianças desenvolverão as mesmas capacidades para se relacionar com a palavra escrita em um mundo onde ela predomina em todas as situações: desde comprar uma passagem aérea em um site até ler a bula de um medicamento ou encontrar determinada informação em um guia de viagem. (GARRALÓN, 2015, p. 17).

São múltiplos os fatores que modificam a relação do indivíduo com a leitura, são exemplos a disponibilidade, o acesso, a oferta, o contexto social. Assim, (re)penso o baixo investimento no quesito leitura de livros em nosso país, diretamente influenciado pela oferta e o acesso aos livros, de modo a modificar a relação do sujeito com a leitura. O “prazer da leitura”, tão enfatizado nos programas de incentivo à leitura e nos discursos do governo acerca da educação e do social, permanece como um sonho não vivenciado por muitas crianças e adolescentes em nosso país (SILVA, 2003). Neste sentido, Petit (2013, p. 32) reitera:

Eu lhes dizia que a leitura sempre faz sentido se tivermos a sorte de ter acesso a ela. Mas, para muitas pessoas, existe aí um mundo que não está ao seu alcance. Uma escolarização insuficiente pode ser uma das causas dessa situação, porém não podemos imaginar que ler seria algo espontâneo para os que foram escolarizados. A ausência física de livros e a distância representam obstáculos. Além disso, o que comprovei escutando os leitores, é que ler pode se revelar impossível, ou arriscado, quando significa entrar em conflito com os valores ou os modos de vida do lugar, do meio em que se vive.

Refletindo sobre o papel da leitura, observo os múltiplos entraves que possibilitam meios para o seu acesso e à presença física dos livros no cotidiano. Muitas pessoas não possuem condições financeiras para adquirir um livro, não têm

orçamento que as possibilite adquirir livros ou não veem o livro como objeto de desejo ou para aquisição de conhecimento.

Faço uso das palavras de Chartier (1994, p. 13) para reafirmar que "[ela] é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos". Os indivíduos se mantêm distantes de práticas de leitura eficazes, muitas vezes, vendo a leitura apenas como mais um espaço a ser preenchido no currículo da escola, desconsiderando as práticas de letramento¹³ e de letramento literário¹⁴, tão importantes no desenvolvimento de habilidades leitoras e de compreensão textual; e também ignoram a leitura utilizada como instrumento de lazer, tendo nela um preconceito acerca do prazer de ler por ler. Vista por muitos como um instrumento de grande importância para “a erradicação das profundas raízes da desigualdade e da injustiça” (SILVA, 2003, p. 11), a leitura se torna uma utopia em nossa atual conjuntura, pois, apesar das mudanças sociais que já ocorreram no decorrer dos anos, ela não é o único modo de realizar efetivas mudanças sociais e na educação de todos (SILVA, 2003).

Como definir o conceito de leitura literária sem persuadir o leitor/ouvinte? Pelas teorias dos autores Cosson (2014), Bajour (2013), Paulino (2020) e Machado (2012) é possível entender que a leitura literária pode ser considerada uma leitura em que o indivíduo se apropria de seu conteúdo e lhe provê um sentido, de acordo com suas experiências de vida, seus valores e princípios. A partir do momento que a leitura lhe provoca o interior e lhe impulsiona adiante, ela terá poder para embasar uma transformação social, trazendo o equilíbrio e a igualdade novamente (CASTRILLÓN, 2011).

Pensando nos diferentes contextos no qual a leitura literária poderia estar presente, a partir de uma visão ampliada da pesquisa realizada, observo que no

¹³ [práticas que dizem respeito a]o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções. (SOARES, 2019, *on-line*).

¹⁴ é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. (...) Primeiro, o *processo*, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o “letramento literário” começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de *apropriação*, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes. (COSSON, 2019, *on-line* grifos do autor).

hospital é possível encontrar uma diversidade de crianças com realidades distintas, tanto socioeconômicas quanto psicológicas e familiares. Em vista disso, a leitura literária assume os questionamentos que surgem acerca das diversas instâncias da vida, dispondo o diálogo com a literatura de frente aos valores afirmados na sociedade. Portanto, rompe-se com os limites espaciais e temporais através da imaginação e dialoga-se consigo mesmo (COSSON, 2014). Afinal, os textos literários preservam sentidos e vivências referentes a cada indivíduo, possibilitando ao leitor se colocar no lugar do outro e vivenciar um mundo até então desconhecido.

Pensando nos diversos contextos nos quais as crianças estão incluídas, destaco que a leitura literária, “quando bem trabalhada desde a infância, desencadeia processos criativos que passam a oferecer compensações simbólicas e ajudam a dar sentido à existência” (MACHADO, 2012, p. 35). É importante considerar os contextos nos quais a leitura literária poderá ganhar um novo papel, um novo gosto, um novo propósito, como nos hospitais, e mais especificamente no que se refere às crianças internadas, por exemplo. No hospital, a leitura levará à fuga dos momentos difíceis ali vividos e a criança irá em busca de algo que preencha seu tempo e seus pensamentos, o que fará com que a imaginação do pequeno leitor/ouvinte hospitalizado voe longe. Visto que

a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...]. Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. (COELHO, 2000, p. 27).

Como poderíamos conceituar literatura?! Penso que conceituá-la irá limitar seu alcance, pois o que a torna significativa para uma criança (as hospitalizadas, público alvo desta pesquisa) é exatamente a liberdade que ela proporciona, os sentidos e as experiências surgidas na imaginação do leitor/ouvinte. Colomer (2017), sustenta que a literatura infantil está inserida na literatura, não havendo necessidade de subdividi-las, apenas entender suas principais funções:

1. Iniciar o acesso ao imaginário compartilhado por uma determinada sociedade.
2. Desenvolver o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas e dramáticas do discurso literário.
3. Oferecer uma representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações. (COLOMER, 2017, p. 20).

Ou seja, a literatura (em suas diversas formas) propicia uma representação do mundo e leva o pequeno leitor/ouvinte a experimentar outras realidades, mesmo que estas sejam vivenciadas apenas na sua imaginação. Não esquecendo que, na maioria das vezes, os livros são indicados por adultos, em diferentes contextos, que previamente conhecem o livro, o recomendam e cobram sua leitura (CADEMARTORI, 2010). Além do que, a “literatura ajuda as crianças a descobrirem que existem palavras para descrever o exterior, para nomear o que acontece em seu interior e para falar sobre a própria linguagem” (COLOMER, 2017, p. 27). Nesse sentido, o letramento literário proposto por Cosson (2019) é importante desde cedo na infância, vendo na literatura uma forma de linguagem e de apropriação desta que começa “com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido” (COSSON, 2019, *on-line*).

Ao contemplar a literatura infantil, reflito sobre o sentido extraído de cada história lida ou ouvida por uma criança, sobre os inúmeros significados que a literatura é capaz de promover, as vidas que são tocadas e modificadas, a força interior que é movida pela semelhança entre as histórias da infância e as da literatura infantil, tão subvalorizadas nos dias de hoje. Petit (2013, p. 98) faz uma analogia:

[v]ocês certamente se lembram de Peter Pan, que, toda noite, escondido atrás da janela, escutava Wendy contar histórias para seus irmãos. Até que um dia a levou à Terra do Nunca para que se tornasse sua mãe e a dos Meninos Perdidos. O leitor faz como Peter Pan, e às vezes encontra nos livros o eco das histórias que escutava quando criança. (Sabemos da importância das histórias lidas à noite, para que as crianças se tornem mais tarde leitores: na França, o número de grandes leitores é duas vezes maior entre as crianças cujas mães contavam uma história todo dia, do que entre aquelas cujas mães não contavam história alguma).

O simples fato de os indivíduos terem contato com a literatura não a define como leitura literária, da mesma forma que a inserção na cultura escrita não implica no *status* social (GOLDIN, 2012). A partir da leitura literária, o leitor/ouvinte, poderá desfrutar de um mundo somente seu, onde sua imaginação poderá visitar terras distantes, esquecendo sua própria realidade e encontrando modos de lidar com as dificuldades da vida real. Seja em momentos de crise e de dificuldades ou de extrema alegria, através da literatura, o adulto (e no caso específico desta pesquisa, a criança) poderá elaborar seus sentimentos e enfrentar seus medos, mesmo ao ouvir uma história que relembre sua infância (BAJOUR, 2013). Afinal,

[n]o ato da leitura, através do literário, dá-se o conhecimento da consciência de mundo ali presente. Assimilada pelo leitor, ela começa a atuar em seu

espírito [...]. Mas, para que essa importante assimilação se cumpra, é necessário que a leitura consiga estabelecer uma relação essencial entre o sujeito que lê e o objeto que é o livro lido. Só assim o conhecimento da obra se fará e sua leitura se transformará naquela aventura espiritual de que falamos mais atrás. (COELHO, 2000, p. 51).

Independentemente no contexto, seja, escolar, familiar, hospitalar (de doença) ou qualquer adversidade que possa surgir no decorrer do tempo, “os textos literários nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntarmo-nos como viveríamos o que é representado nas ficções” (BAJOUR, 2013, p. 26). Portanto, deve-se repensar as estratégias utilizadas por meio da literatura, não parecendo certo focar a atenção somente na importância dos livros, mas, sim, considerar o que os livros e sua leitura podem ocasionar aos seus leitores (BRITTO, 2015). Isso permite a possibilidade de o livro ser utilizado como um recurso terapêutico com as crianças hospitalizadas, auxiliando-as no manejo das tensões geradas na hospitalização.

Ao longo do livro *A criança e a leitura literária: livros, espaços, mediações* (MACHADO, 2012), encontram-se diversas observações relevantes sobre a inclusão dos livros e de outros suportes textuais para que a criança estabeleça uma relação prazerosa com a leitura. Dentre elas: a presença de diferentes suportes textuais, para que possam manipulá-los e lê-los da sua forma; seleção dos materiais de leitura, considerando os gêneros, qualidade dos textos e das ilustrações (principalmente nos livros infantis); realização de práticas diversificadas de leituras, nas quais a criança tenha liberdade de se expressar da forma que se sentir mais à vontade (leitura oral para os outros, leitor/ouvinte, realização de atividades criativas); além dos empréstimos dos livros contidos no acervo, a fim de que possa compartilhar destes momentos com sua família. Por exemplo, “segundo Maria Rita Kehl, ouvir histórias é um dos recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa imaginário que indica o seu lugar, na família e no mundo” (MACHADO, 2012, p. 27).

Em um dos verbetes encontrados no Glossário Ceale¹⁵ – termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores, há uma descrição do que se pode entender como sendo leitura literária, redigido por Graça Paulino. Resumidamente, destaco que:

¹⁵ Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) | Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>> Acesso em 05. Abr. 2019.

a leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. [...] requer liberdade, cujo único limite é o respeito pela leitura do outro, que pode apresentar suas singularidades. As preferências de cada um são respeitadas para que ocorra de fato uma leitura literária (PAULINO, 2020, *on-line*).

Para Reyes (2012), a linguagem se manifesta de diversas formas no mundo que nos cerca, sendo o meio pelo qual sentimos, expressamos e vivenciamos. Assim, “na leitura da literatura, o leitor passa a viver um [...] mundo que só existe na linguagem, mas que deve se sustentar como se sustenta o mundo real” (REYES, 2012, p. 9), com a finalidade de encontrarmos uma possibilidade de linguagem com o mundo exterior, em que criaremos um vínculo entre o nosso eu interno e o externo. Pois, “[a] literatura ajuda a processar aquilo que não se pode suportar na vida real e permite ir avançando lentamente na interpretação: aventurar-se mais longe, mais longe, ou como dizem os heróis midiáticos das crianças, ao infinito e além” (REYES, 2012, p. 81).

O ato de realizar a leitura de livros poderá adentrar na rotina do sujeito e ser comparado aos rituais de higiene e alimentação inseridos no cotidiano, tornando-se um hábito (LAJOLO, 1993). Sendo assim, os problemas relacionados à leitura e seu acesso se encontram no cotidiano da criança. Trata-se de uma questão social, como reitero aqui, que ainda demandará muito esforço para que essa realidade seja revertida em nossa sociedade. A partir disso, reflito se, a inserção da mediação da leitura na rotina hospitalar, poderia vir a integrar o cotidiano desse ambiente.

A partir da valorização da leitura literária por meio da promoção, da intermediação das crianças com o livro, com indagações a serem realizadas acerca da literatura infantil, do o contato com o livro, com diferentes formas de ampliar o repertório das crianças e com os diversos mundos possíveis em uma leitura, reflito acerca da possibilidade de que a literatura infantil “só entrará na vida da criança por uma fenda, nunca pela porta principal” (CADEMARTORI, 2010, p. 11). Seja com relação ao livro físico ou virtual, gosto da ideia de pensá-lo como criador de distintos significados, indo ao encontro do que fora anteriormente citado acerca do livro, “[e]mbora pequeno em seu aspecto, o livro possui multidões dentro de si e preenche grandes espaços, porque amplia os horizontes de quem se ocupa dele” (LOIS, 2010, p. 54). Então, reforço o uso do livro como recurso terapêutico, no decorrer da pesquisa, durante a qual fiz uso da mediação da leitura literária com as crianças internadas, partindo do princípio de que,

sendo a literatura uma arte, funciona como a música, ou como a pintura, não tendo finalidade prática e imediata. O pequeno leitor lê aqueles livros que lhe provoquem alguma satisfação no momento mesmo da leitura, livros que o envolvam prazerosamente com o texto, com o modo de contar a historinha, e, afinal, com a própria história contada, que pode impressionar, emocionar, espantar. Seria um desenvolvimento da sensibilidade, que ocorre na criança pelo próprio ato de ler o livro, apreciando-o. (PAULINO, 2010, p. 128).

Dessa forma, mesmo uma criança que ainda não saiba ler, a partir do ato de folhear o livro e vislumbrá-lo com suas diversas formas, cores e figuras, além dos diversos materiais, lhe será proporcionado o entendimento sobre os modos e funções do uso e manuseio desses objetos (MACHADO, 2012, p. 18-19). Portanto, a mediação da leitura também poderá ser um recurso terapêutico eficaz, em conjunto com o livro, através dos significados criados por ela, auxiliará a criança no enfrentamento das tensões ocasionadas no período de hospitalização.

1.2 Hospitalização em foco: mediação da leitura e uso do livro como recursos terapêuticos

É necessário compreender que a palavra “hospitalização” é corriqueira na área da saúde e se refere ao período no qual o paciente permanecerá internado em um leito do hospital. É um termo comumente utilizado na área hospitalar, sendo difícil definir sua origem e o início de seu uso, mesmo na pesquisa científica. Embora não seja da área de saúde, e sim da leitura, Petit (2013, p. 72) caracteriza a hospitalização da seguinte forma:

Em qualquer idade, a doença ou a hospitalização são momentos em que a pessoa se vê diante, mais do que nunca, de todos os seus limites, da fragilidade de sua condição de mortal e da solidão para enfrentar esse medo. Diante também de uma solidão ainda mais temível caso esteja separada temporariamente de seus próximos [...]. É nesse momento que cada um vive também a experiência do isolamento, da estreiteza do horizonte.

Nesse caso, vislumbro uma possível contribuição da leitura de livros no contexto da hospitalização infantil, no qual a criança estará isolada de seu cotidiano e sua rotina se encontrará alterada. Portanto, o uso do livro como um recurso terapêutico – por parte do leitor – poderá auxiliar em sua reorganização interna, a fim de lidar com as situações estressantes e desafiadoras do hospital. Como observei ao

pesquisar na base de dados Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), o termo “hospitalização” e sua definição¹⁶ (Figura 1), têm como sinônimo a palavra internação.

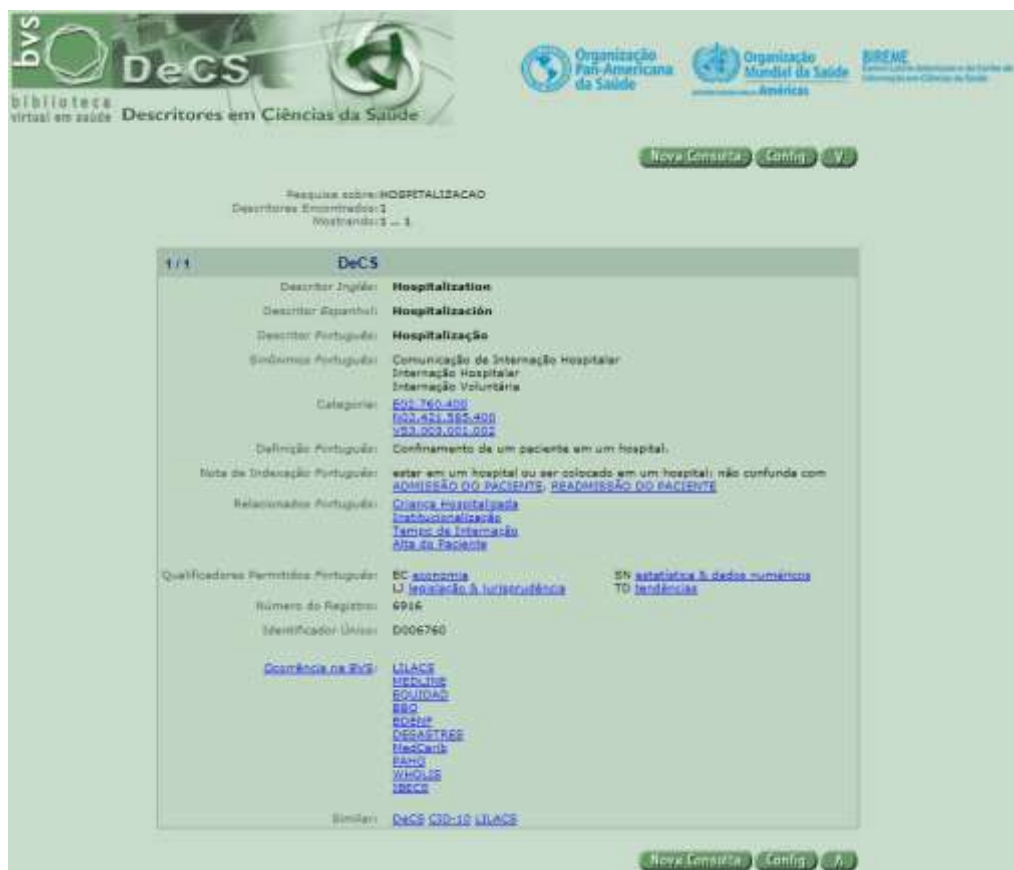


Figura 1 – Definição de “hospitalização” no DeCS.
Fonte: Hospitalização (2018).

Ao considerar algumas das tensões geradas pela hospitalização, a partir da perspectiva da criança, temos: o medo de agulha, as incertezas acerca da alta hospitalar, o receio sobre o que irão fazer ao longo do dia (com relação a exames e procedimentos), o fato de compartilhar o quarto com pessoas desconhecidas, o tempo ocioso, a saudade de casa e dos amigos e familiares (muitas vezes dos familiares que permanecem longe), a falta dos próprios brinquedos, entre outros.

A maioria dos profissionais de saúde têm a perspectiva de cura para a enfermidade na qual a criança se encontra. Muitas vezes, a rotina rompida, os possíveis traumas gerados a partir da internação e a história pregressa da criança é esquecida ou subvalorizada. Não se pede licença à criança para realizar a coleta de exames de sangue ou na realização de uma tomografia, afinal, quem lhes dá permissão são os pais; os profissionais de saúde encontram-se ali apenas para

¹⁶ Definição Português: Confinamento de um paciente em um hospital. Disponível em: <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decsserver/> Acesso em. 05. Abr. 2019

auxiliar no diagnóstico físico. Ou seja, no diagnóstico da doença, muitas vezes é desconsiderado o abalo emocional causado pela hospitalização e seus possíveis desdobramentos na vida da criança.

Vendo a hospitalização como um momento atípico na vida da criança e de seus familiares, reflito sobre o potencial que a leitura de livros e a inserção da criança no mundo da leitura pode ter na vida de uma pessoa, possibilitando criação de significados e sentidos a partir de uma história lida ou ouvida, na qual a criança consegue imergir em um mundo diferente e abstrair, mesmo que momentaneamente, da sua própria realidade. Para muitas, poderá ser o hospital uma porta de entrada e de conhecimento da leitura, assim como tantos outros locais que podem possibilitar o acesso para uma criança tornar-se leitora.

Para Castrillón (2011), um leitor é “alguém que se apropria da linguagem dos outros para expressar as próprias intenções e para se converter em autor e ator de seu lugar no mundo” (CASTRILLÓN, 2011, p. 90). Ou seja, após a leitura, o indivíduo irá interpretar à sua maneira e de acordo com as suas vivências, fazendo uso desse novo conhecimento para se recriar e/ou se reorganizar internamente. Ao elencar a mediação da leitura literária no setor de Pediatria, penso no quanto as diversas formas de leitura irão auxiliar as crianças a enfrentarem seus medos e aliviarem suas tensões, através do simbólico e da representação das personagens.

Concordo com Petit (2008), ao apontar sua visão sobre os leitores, vendo-os além das páginas em branco contidas no livro onde o texto será impresso, e como “[os] leitores são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica, se apropriam do que leem, interpretam o texto, e deslizam entre as linhas seus desejos, suas fantasias, suas angústias” (PETIT, 2008, p. 43). Deve-se considerar que a hospitalização pode ser uma porta de entrada e de descobertas da leitura literária e suas interfaces (PETIT, 2013), tendo nas histórias infantis uma ótima fonte de conhecimento, pois estimulam a imaginação, o raciocínio e a criatividade da criança, além de auxiliar na transmissão e entendimento de valores como ética, amor, respeito, carinho, cooperação, e na promoção da cultura. Assim, o ato de ler ou ouvir histórias tem a agregar no pleno desenvolvimento infanto-juvenil, indo muito além do passatempo, do entretenimento ou da diversão.

O método biblioterapêutico, descrito por Caldin (2001), em sua experiência como biblioteconomista, utiliza-se do imaginário e do lúdico a fim de proporcionar um espaço de reconstrução do “eu interior”, favorecendo a interação entre as pessoas e

a expressão de seus sentimentos iminentes com as mudanças advindas da hospitalização. Ela conceitua biblioterapia como:

[uma] leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. [...] Entendeu a biblioterapia como catarse, que vale-se da identificação (pela projeção e pela introjeção), da introspecção e do humor. Verificou, na recepção do texto literário para a infância, a validade de tal texto oferecer moderação das emoções às crianças. (CALDIN, 2001, p. 36).

Ao confluir para a ideia de modificação do ambiente, visando uma melhor recepção e acolhimento dos pacientes hospitalizados e almejando transformar o ambiente do setor de pediatria e subsidiar a construção de ambiências acolhedoras, algumas estratégias são adotadas pelas instituições de saúde a fim de humanizar a assistência à criança hospitalizada, é o caso da Política Nacional de Humanização (PNH) – Humaniza SUS¹⁷, por exemplo. Enquanto isso, o Projeto HumanizaSUS entende “humanização” como:

[...]uma aposta ético-estético-política: ética porque implica a atitude de usuários, gestores e trabalhadores de saúde comprometidos e corresponsáveis. Estética porque acarreta um processo criativo e sensível de produção da saúde e de subjetividades autônomas e protagonistas. Política porque se refere à organização social e institucional das práticas de atenção e gestão na rede do SUS. O compromisso ético-estético-político da humanização do SUS se assenta nos valores de autonomia e protagonismo dos sujeitos, de corresponsabilidade entre eles, de solidariedade dos vínculos estabelecidos, dos direitos dos usuários e da participação coletiva no processo de gestão. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, *on-line*).

Dentre algumas estratégias do projeto, destacam-se: a utilização de atividades lúdicas, musicoterapia, contação de histórias – que, nesse caso, poderia ser vista como similar à mediação da leitura literária realizada nesta pesquisa –; além da melhor articulação entre equipes; (re)construção do cuidado e do olhar individualizado acerca do paciente. Embora não seja uma realidade na rede de saúde de Pelotas/RS, o Projeto Biblioteca Viva em Hospitais (PBVH)¹⁸ encontra-se presente em alguns hospitais do país, conhecido como uma estratégia de biblioterapia com foco nos

¹⁷ Política Nacional de Humanização é uma política transversal ao SUS e perpassa diferentes ações, políticas públicas e instâncias gestoras. Foi constituída em 2003, com foco na efetivação dos princípios do SUS no cotidiano das práticas de atenção e gestão, qualificando a Saúde Pública no Brasil. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/acoes-e-programas/humanizaus/>> Acesso em: 01.Mai. 2019.

¹⁸ PBVH é fruto da parceria de três instituições: o Ministério da Saúde, a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e o Banco Citibank. O projeto visa à melhoria da qualidade do atendimento a criança e ao jovem hospitalizado, propiciando o alívio de tensões e favorecendo às mudanças no quadro psicológico. Disponível em: <<http://www.ippmg.ufrj.br/index.php/2014-11-25-17-33-45>>. Acesso em 21. Jan. 2020.

hospitais pediátricos, que tem o propósito de melhorar o vínculo entre as crianças e os profissionais de saúde, fazendo uso da mediação para realizar a leitura terapêutica, ou seja, o mediador se interpõe entre o livro e a criança ouvinte.

Desse modo, sendo a ambiência¹⁹ um fator indispensável no decorrer das mudanças emergentes, a mediação da leitura de livros dá-se como importante recurso terapêutico a ser utilizado, possibilitando o contato da criança com o mundo da imaginação pelas palavras lidas (CALDIN, 2001). Sendo assim,

ouvir histórias baseadas na leitura de livros é mais que se envolver com uma narrativa, é também participar de práticas de leitura que supõem uma relação com o outro e com o mundo, o que corresponderia à relação criada com a bola do nosso exemplo inicial, que há novos sentidos quando é atirada em direção ao outro, com a promessa de que será recebida de volta. [...] A história não é só a história; quando contada, ela é também um evento em que a criança se encontra com alguém, numa atividade comum ou partilhada. (MACHADO, 2012, p. 18-19).

Como terapeuta ocupacional, afirmo que o termo “recurso terapêutico” é amplamente utilizado na área da saúde. Na pesquisa realizada, utilizei o livro como um importante recurso terapêutico, aliado às mediações de leitura literária. A partir do dicionário Michaelis, a palavra “recurso” é indicada como:

Ato ou efeito de recorrer; Invocação de ajuda, apoio ou socorro; Meio de que se lança mão para vencer uma dificuldade ou um embaraço; venábulo. [Além da linguagem figurada definida como:] Qualquer coisa que possa servir de proteção ou acolhida; abrigo, refúgio. (MICHAELIS *on-line*, 2019).

Enquanto isso, “terapêutico” é indicado como “1. Relativo a terapêutica. 2. Que tem propriedades de cura ou tratamento de doenças” (PRIBERAM *on-line*, 2020).

Na prática da Terapia Ocupacional, utiliza-se o termo “recurso terapêutico” para designar todo instrumento ou atividade que vise à conquista ou melhora de autonomia e independência da pessoa em seu cotidiano com fins terapêuticos, ou seja, no sentido de (re)habilitar determinada ação. Pressupõe-se que o recurso terapêutico balizador, na prática, consista, na atividade humana, como foco centralizador na contextualização do processo terapêutico (PRADO; BARTALOTTI, 2001). Ou seja, o terapeuta ocupacional se utiliza de um objeto ou de uma atividade para facilitar a relação do indivíduo necessitado, a fim de ressignificar o que é preciso. No caso da

¹⁹ PNH define Ambiência como tratamento dado ao espaço físico entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais que deve proporcionar atenção acolhedora, humana e resolutiva. Envolve questões relativas a conforto, privacidade, acolhimento, integração, espaços de “estar”, assim como espaços que propiciem processo reflexivo, inclusão participação. Disponível em: <<http://www.saude.sp.gov.br/humanizacao/areas-tematicas/ambiencia>>. Acesso em 05. Abr. 2019.

hospitalização, o corpo e/ou a mente doentes necessitam de alguma intervenção para que possam se reestabelecer dentro desse processo terapêutico.

Nesta pesquisa na área da Educação, me aproximo de Caldin (2001), a fim de ampliar e dar um novo sentido ao uso do termo Biblioterapia na hospitalização infantil, tendo-a como uma terapia com livro. Afinal, a partir da mediação da leitura e do uso do livro como recursos terapêuticos, observo o alívio das tensões geradas na hospitalização. Em uma instituição como o hospital, o sujeito tem sua rotina esquecida, necessitando habituar-se a novas regras, horários e tornando-se, muitas vezes, um corpo-objeto, aceitando todos os procedimentos e opiniões necessárias para o restabelecimento de sua saúde. Sendo assim,

onde tudo nos reduz a uma passividade, a uma perda de autonomia, a uma regressão: seja pela doença e pelos limites que esta impõe à motricidade, ou pelos tratamentos sofridos, ou ainda pela própria natureza do discurso médico e do funcionamento a instituição, ainda que muitos dos que trabalham nela se dediquem a torná-la mais humana. (PETIT, 2013, p. 67- 68).

Ou seja, a criança hospitalizada irá se deparar com um misto de sentimentos e rejeições advindas desse período conturbado da sua vida. Momento em que enfrentará seus temores e anseios, além da solidão e da fragilidade, muitas vezes longe dos seus amigos e familiares e de seu cotidiano, permanecendo apenas com sua mãe, pai ou cuidador. Deste modo, “a leitura, oral ou silenciosa, permite, em certas condições, recriar um pouco essa continuidade, essa área transicional [...], e assim suportar melhor a dor da separação” (PETIT, 2013, p. 72).

1.3 Mediação de leitura: entrelaçando vidas e livros

O livro é um dos objetos da cultura escrita e junto com a prática de mediação de leitura literária compõe os recursos terapêuticos na pesquisa. O acesso ao livro e à leitura literária podem ser um ponto importante a ser considerado quando pensamos no letramento, principalmente, das crianças. Podemos enfatizar que o letramento “compõe uma das dimensões da cultura escrita, mas não pode ser tomado como seu sinônimo” (GALVÃO, 2010, p. 219-220). Ou seja, apesar de haver uma ligação entre as relações de poder e o letramento, existem outras relações possíveis e que não são exploradas nesta pesquisa, como a oralidade.

Em conjunto aos modos de ler existentes nos grupos e nas sociedades, reitero também a questão da oralidade “como um meio privilegiado nos processos de

aproximação de indivíduos e grupos sociais da cultura escrita” (GALVÃO, 2010, p. 223). Em outras palavras, a oralidade também é uma forma de estimular e iniciar o letramento, além de ser mais acessível quando pensamos nas relações de poder existentes em nossa sociedade. Dentre os suportes utilizados para leitura e escrita, na mediação de leitura com as crianças utilizei as obras literárias e as histórias em quadrinhos. Nos momentos de leitura e empréstimo de livros, as obras literárias foram utilizadas como livros principais e as histórias em quadrinhos como uma das últimas opções.

Considerados como livros menos consagrados pelos cânones literários, as histórias em quadrinhos, muitas vezes, contribuem significativamente na aproximação da cultura escrita pela maioria da população, seja pela facilidade do acesso ou pela difusão deste tipo de escrito. Com relação aos sujeitos que pesquisei, trata-se de crianças leitoras e não-leitoras, sua família e responsáveis legais e os profissionais de saúde do setor de Pediatria.

Refletindo acerca dos suportes da leitura e da escrita e sobre os meios de produção e de transmissão das culturas do escrito (GALVÃO, 2010), os suportes que utilizei foram os impressos: o livro literário e os gibis, para realizar a mediação da leitura de forma oral ou silenciosa pela criança. A partir da reflexão sobre “qual a função de uma mediadora de leitura?”, debruço-me sobre autores e me coloco no lugar de mediadora, o que me diferencia de uma pessoa que simplesmente lê um livro para outras pessoas, pois o mediador não apenas lê, mas possibilita o contato do outro com o livro, o acesso à leitura e à literatura infantil. Bajour (2013) afirma que no período de seleção dos textos a serem lidos já ocorre o início da escuta, pois o mediador irá se apropriando do texto para repassá-lo, sendo assim, visto como a antessala da escuta.

No caso específico da leitura de livros para crianças nos hospitais, a leitura realizada por alguém se incluiria na mediação de leitura literária realizada na sala de recreação ou diretamente no leito da criança. Especificamente nesta pesquisa, a mediação refere-se a uma prática realizada exclusivamente por mim, na qual me tornei responsável por oportunizar o encontro entre um livro e uma criança. Considerando que os mediadores de leitura se encontram em diferentes locais e com diversos públicos, eles podem dar voz aos livros para aqueles que ainda não leem,

por exemplo. No Glossário Ceale²⁰ - termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores, no verbete "Mediadores de leitura", é apresentada uma definição, ao considerar que:

os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. [...] No entanto, basta lembrar como descobrimos, nos primeiros anos da vida, esses livros que deixaram rastros em nossa infância e, talvez, aparecerão nítidas algumas figuras que foram nossos mediadores de leitura: esses adultos íntimos que deram vida às páginas de um livro, essas vozes que liam para nós, essas mãos e estes rostos que nos apresentavam os mundos possíveis e as emoções dos livros. (REYES, 2019, *on-line*).

Foi o que procurei fazer durante o processo da pesquisa: estender a ponte entre os livros e as crianças enquanto mediadora da leitura literária no ambiente hospitalar. Ainda destaco os diferentes contextos nos quais os mediadores podem estar inseridos, como nas escolas, hospitais (caso desta pesquisa), asilos, bibliotecas, entre outros, sendo comum enxergá-los em familiares, em nossos professores da trajetória escolar, em pessoas que nos encaminham os diferentes sentidos de uma história a partir de sua entonação, sua perspicácia em transmitir sentimentos através da voz. Conforme Bajour (2012, p. 45), “em experiências de leitura compartilhada, os mediadores que aprendem a ouvir nas entrelinhas constroem pontes e acreditam que as vozes, os gestos e os silêncios dos leitores merecem ser escutados”.

O papel do mediador se modifica a partir da demanda trazida para o contexto ao qual se encontra. Inicia lendo para si mesmo, buscando um sentido e criando um significado para somente depois compartilhá-lo com os outros. Em seguida, utilizará a criatividade para criar momentos nos quais os leitores e os livros possam entrar em sintonia, promovendo o encontro entre ambos, seja pela leitura em voz alta realizada em grupos, seja lendo para uma pessoa específica ou recomendando algum livro, a partir das observações feitas por aquele leitor ou ouvinte. Assim, os “mediadores de leitura são sujeitos que leem, discutem, promovem e facilitam o diálogo entre texto e leitor” (MACHADO, 2012, p. 86), ou, ainda, entre o livro e a criança.

Além disso “a experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida [...], não tem uma rota única nem uma metodologia específica; por isto os mediadores de leitura não são fáceis de definir” (REYES, 2019, *on-line*). Conforme

²⁰ Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) | Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>> Acesso em. 05. Abr. 2019.

Reyes (2012, p. 29), “no fundo, os livros são isto: conversas sobre a vida. E é urgente, sobretudo, aprender a conversar”. A leitura transpassa o social, entremeia as diversas vidas que são tocadas por ela e, por esse motivo, assumindo o papel de mediadora, levei a leitura e mais livros para o hospital.

O simples fato de permitir o livre acesso das crianças aos livros possibilita a elas um maior reconhecimento de seus gostos, permitindo que vasculhem e procurem algo que lhe chame atenção, que escolham e se deixem ser escolhidos pelos livros. Britto (2015, p. 43), traz um belo exemplo: “o pequeno gosta de repetir talvez porque, para ele, o mundo seja sempre novo e, diante dessa novidade, a repetição do texto ofereça uma espécie de segurança, ao passo que, para o adulto a novidade provoca a ilusão de mudança”.

Ao pensar nas crianças menores, que ainda não estão alfabetizadas, encontro diferentes formas de mediar o seu contato com os livros, seja pelo simples ato de folhear as páginas e vislumbrar as imagens, exercitando a imaginação, motivando a sua participação de forma oral, narrativa ou não. Isso fornecerá elementos para que ela consiga se expressar livremente, percebendo a magia que uma história bem lida ou ouvida pode desencadear em suas vidas, e promoverá o desejo pela leitura. A criança pode não entender a escrita e seu significado verbal, mas consegue intuir sua importância quando faz de conta que está lendo ou quando vê um adulto buscando uma informação em algum livro ou revista, estudando ou lendo uma embalagem, entre outras possibilidades (MACHADO, 2012). Portanto,

quando não se teve a sorte de dispor de livros em casa, de ver seus pais lerem, de escutá-los contar histórias, as coisas podem mudar a partir de um encontro. Um encontro pode dar a ideia de que é possível ter outro tipo de relação com os livros. Uma pessoa que ama os livros em certo momento desempenha o papel de “iniciador”, alguém que pode recomendar livros. [...] Para isso é preciso multiplicar as possibilidades de mediação, as ocasiões de promover tais encontros. (PETIT, 2013, p. 25).

Petit (2013) traz a dimensão da leitura a partir de uma recriação do espaço privado em uma instituição onde seu lado íntimo reduz drasticamente. É um exemplo quando o indivíduo se sente limitado, reconhecendo-se um objeto submetido a todos os tipos de procedimentos invasivos (exames de sangue, retirada e colocação de acesso venoso periférico, cirurgias, perguntas desnecessárias, pessoas, entre outros), gerando perda de autonomia e de independência, quebrando a rotina diária, gerando alterações no seu cotidiano, apesar da humanização no espaço hospitalar que vem ganhando espaço. Assim, a leitura pode auxiliar “quando a pessoa se sente

despedaçada, quando o corpo é atingido, angústias e fantasias arcaicas são despertadas, e a reconstrução de uma representação de si, de sua interioridade, pode ser vital” (PETIT, 2013, p. 68).

Neste sentido, como mediadora de leitura, utilizei a mediação da leitura e o livro como recurso terapêutico a fim de amenizar o impacto da hospitalização, além de tornar o ambiente hospitalar mais acolhedor, desenvolvendo algumas intervenções apresentadas no capítulo 2, no qual irei me dedicar a descrever os procedimentos que realizei a partir de um olhar terapêutico ocupacional.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, discuto os procedimentos metodológicos referentes à pesquisa, na qual não fui apenas pesquisadora, mas assumi, também, a função de mediadora de leitura literária com as crianças hospitalizadas. Além de descrever os procedimentos utilizados no estudo, desde a inserção no hospital, o início da campanha de doações (via internet e redes sociais) de livros infanto-juvenis para a criação de um acervo para os pacientes do setor de pediatria, relato a realização do projeto-piloto que ocorreu no mês de dezembro de 2018 e a coleta de dados desenvolvida entre os meses de janeiro e outubro de 2019. Resumidamente, na pesquisa tenho a mediação da leitura e o uso do livro como recursos terapêuticos com a intenção de aliviar as tensões decorrentes da hospitalização infantil.

Os procedimentos mencionados acima são característicos de um estudo qualitativo, ainda que com traços da pesquisa interpretativa (GRAUE; WALSH, 2003), a partir do pressuposto de que um estudo qualitativo é definido por Creswell (2010, p. 271) como “um meio de explorar e de entender o significado que os indivíduos ou grupo atribuem a um problema social ou humano”.

No caso da pesquisa realizada, o foco foi compreender as questões e procedimentos ligados à mediação da leitura literária e do uso do livro como recursos terapêuticos com as crianças hospitalizadas, buscando a descrição acerca das diversas mediações de leitura realizadas. A partir de uma visão ampla do hospital como instituição assistencial, na qual foco minha atenção às crianças hospitalizadas, destaco as multiplicidades de dados que vão surgindo ao longo da pesquisa, conforme as produções, interpretações e análise das categorias. Dessa forma, o termo “pesquisa interpretativa” (ERICKSON, 1986) “evita as conotações de não quantitativa que o termo ‘qualitativa’ adquiriu e aponta para o foco de interesse comum às abordagens do significado humano da vida social e a sua elucidação e exposição por um investigador” (GRAUE, WALSH; 2003, p. 119, *grifo nosso*).

A partir das observações realizadas por mim e registradas em um caderno de campo, os dados, obtidos em seu estado bruto, foram organizados, analisados, interpretados e problematizados com base na teoria e na minha própria vivência como mediadora e pesquisadora. Ao passo que considero que “a interpretação é uma questão de relações entre os dados, ou seja, a forma como o investigador trabalha

para desenvolver pontos de vista múltiplos para os dados gerados em campo” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 192).

A busca pela compreensão do uso da avaliação qualitativa em Terapia Ocupacional necessita de um entendimento acerca da formação do olhar científico, considerando que a área se inclui tanto no universo das Ciências Biológicas como das Ciências Humanas. Ao cuidar de vidas e fazer parte das vivências das crianças hospitalizadas que “reagem à sua presença, detêm um saber que lhes é próprio, decorrente de sua experiência de vida, capazes de atribuir significado às suas ações e ao seu discurso” (BRIOSCHI E TRIGO, 1987, p. 638), desenvolvemos um raciocínio clínico que abarca uma visão holística do sujeito em questão, procuramos contextualizar todas as suas dificuldades e limitações a fim de torná-lo mais independente e com maior autonomia, resultando na singularidade de cada pessoa e/ou ações, entretanto, não há uma receita com passos a serem seguidos. Ou seja,

o uso da avaliação qualitativa passa a exigir do entrevistador/pesquisador/terapeuta apreender os significados das comunicações verbais e não-verbais trazidos pelos sujeitos, relacionando-os aos contextos próprios de cada um deles. Para isso, é necessário ir além das manifestações imediatas para que se possa capturar o significado das atividades, dos gestos e da fala dos indivíduos avaliados, isto é, observar, analisar e interpretar a totalidade das expressões e desvelar o sentido oculto das impressões em busca de uma compreensão verdadeira do outro. O avaliador/terapeuta precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos, investigando o sentido que os indivíduos constroem sobre seu mundo social e interações no cotidiano. (CAVALCANTI E GALVÃO, 2007, p. 46).

Sendo assim, a partir da observação atenta do terapeuta ocupacional, neste caso também da pesquisadora enquanto mediadora de leitura, é importante exercitar a comunicação, a interação com os sujeitos e a capacidade de analisar e interpretar tudo aquilo que ouve ou que observa, explanando a peculiaridade contida na fala de cada um (CAVALCANTI E GALVÃO, 2007). Com esse intuito, procurei realizar o estudo aproximando as duas áreas: Educação e Saúde, a partir do meu olhar terapêutico ocupacional. Por isso observei a necessidade de realizar o projeto-piloto, como um início da pesquisa, antes da coleta de dados propriamente dita, a fim de experimentar as possibilidades pensadas e realizar uma ambientação para o desenvolvimento da pesquisa – até então projeto –, para que, posteriormente, fossem realizados ajustes e fossem elaboradas estratégias para aplicar as propostas com eficácia e organização.

2.1 Afinal, para que serve um livro? – a entrada no hospital

Nesta seção, descrevo os procedimentos iniciais adotados na pesquisa: conversas e contatos realizados com as chefias e direção do Hospital Escola (HE) da Universidade Federal de Pelotas/Ebserh; seleção dos critérios de participação e definição do local a ser realizada a pesquisa; submissão do projeto de pesquisa à gerência de Ensino do HE; encaminhamento à Plataforma Brasil; organização das entrevistas (questões norteadoras para a família e crianças hospitalizadas) e do preenchimento de um questionário direcionado aos profissionais de saúde; posteriormente à qualificação, iniciei a transcrição dos áudios das mediações, além das 12 entrevistas com os familiares e a escrita de um diário de campo, no qual coloco as minhas percepções, sentimentos e resgato as memórias das mediações realizadas no hospital.

Ao considerar os critérios burocráticos e/ou legais, foi realizada uma conversa com a direção do ensino e da pesquisa do referido hospital, momento em que me foram passadas as informações necessárias para a submissão do projeto de pesquisa para aprovação do comitê de ética, e posterior envio à Plataforma Brasil, a fim de viabilizar a liberação para entrada no setor de pediatria e início das intervenções. O projeto de pesquisa foi submetido para apreciação da Gerência de Ensino e Pesquisa do HE-UFPel/Ebserh (Anexo B), sob o protocolo nº 00754/18, e foi aprovada no Hospital e no Comitê de Ética em Pesquisa via Plataforma Brasil, conforme Anexo C.

Enquanto aguardava os trâmites burocráticos, preparei o material a ser utilizado nas entrevistas (Quadro 2), elaborando questões norteadoras acerca de três categorias de percepções e olhares diferentes: a) da família sobre a leitura, o ler e o livro; b) das crianças no pré e pós-leitura sobre o contato delas com os livros; c) dos profissionais de saúde acerca da inserção da leitura no ambiente hospitalar infantil. Em decorrência do tempo dispendido na pesquisa, elaborei um questionário para os profissionais responderem de maneira escrita, ao invés de entrevistá-los. Além disso, posteriormente às intervenções, sempre realizava a escrita do diário de campo em um bloco de notas do meu próprio celular, contendo o(s) nome(s) dos livros utilizados na mediação da leitura, os livros emprestados para leitura no leito, além das minhas percepções acerca da criança, no decorrer do tempo que estávamos juntas.

Quadro 2 - Questões norteadoras da pesquisa

Categorias de percepção	Questões
Crianças pós-leitura dos livros	O que tu mais gostaste na leitura? Alguém já tinha lido um livro pra ti antes, ou te contado uma história? Se sim, quem? Gostaste de ouvir a(s) leitura(s)? Tens livros parecidos com estes em casa? Tu gostas de ler? Olhar as imagens? Folhear o livro? Como tu te sentes ao ler um livro? E quando leem uma história pra ti?
Família acerca de sua percepção sobre a leitura, o ler e o livro	Tu costumavas ler livros pro teu filho? Quais livros? Dê alguns exemplos. De que forma tu incentivas a leitura em casa? Vês alguma importância na leitura para as crianças no cotidiano? Tens livros em casa? Se sim, de quais gêneros (gibis, livros infantis, etc.)? O que achas da proposta da leitura de livros para as crianças internadas? Notas algum efeito/diferença de reação no tratamento e na internação pós realização da leitura dos livros?
Profissionais acerca de sua percepção sobre a inserção da leitura no ambiente hospitalar infantil	Que tipo de ações tu achas que possui relevância para as crianças internadas a fim de amenizar as tensões geradas pela hospitalização? O que achas da proposta da leitura de livros para as crianças internadas? De que forma a leitura influencia no cotidiano da criança internada? Notas algum efeito/diferença de reação no tratamento e na internação pós realização da leitura dos livros?

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

A coleta de dados da pesquisa se deu a partir de uma amostra de conveniência na Clínica Pediátrica do Hospital Escola/UFPel/Ebserh das crianças hospitalizadas com idades entre 3 e 12 anos incompletos, a família e os profissionais de saúde do setor de pediatria. Como a própria palavra “conveniência” indica, a amostra dá-se de acordo com o número de crianças hospitalizadas e seus acompanhantes, sendo convidadas a participarem da pesquisa, ambos tendo autonomia para aceitar ou não.

Os critérios de inclusão das crianças hospitalizadas para a participação na pesquisa partiram dos seguintes princípios: pacientes internados na Clínica Pediátrica do HE/UFPel/Ebserh que tivessem a permissão da família; e que quisessem participar e ouvir a leitura dos livros. Quanto aos critérios de exclusão, foram: não assinatura do termo de consentimento da família; alterações neurológicas e/ou cognitivas que levem a alterações na compreensão da leitura; crianças sedadas, que estejam com dor ou em fase terminal da doença ou aquelas que estejam sendo submetidas a procedimentos hospitalares no momento das práticas de leitura literária, como exames e cirurgias, por exemplo.

Assim, a família foi consultada antes da realização das mediações de leitura literária quanto à participação das crianças na pesquisa e assinam o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo questionados acerca de sua percepção sobre a leitura e o livro no cotidiano da criança fora e dentro do hospital. Por percepção, entende-se a subjetividade de cada indivíduo, a qual reflete o seu interior, além de surgir a partir da relação entre suas percepções com relação a um acontecimento ou vivência, seja corporal ou mental. Ou seja, “a percepção se realiza em um campo perceptivo e o percebido não está ‘deformado’ por nada”. (OLIVEIRA E MOURÃO-JUNIOR; 2012, p. 46).

No decorrer da leitura de livros com as crianças, elas foram questionadas, em relação as suas práticas de leitura e imersão prévia relacionadas à leitura e ao contato com os livros, reiterando posterior espaço ao final das leituras para que as que pudessem (se assim quisessem) expressar sua criatividade, através da realização de desenhos e discussão sobre o livro lido, por exemplo. Quanto aos profissionais de saúde, estes foram questionados com relação aos possíveis efeitos da inserção da mediação da leitura literária no ambiente hospitalar pediátrico. O período total da coleta de dados se deu entre os meses de janeiro de 2019 e outubro de 2019, na vigência do seguro e da liberação do hospital para a execução da coleta.

Os instrumentos e procedimentos utilizados no decorrer da pesquisa foram auxiliando-me no estudo das mediações de leitura literária, ampliando a visão acerca dos dados. Sendo eles: a) anotações no diário de campo, no qual registrei os sentimentos, angústias e reflexões sobre as intervenções, além da descrição das leituras realizadas, dos livros escolhidos e percepções relacionadas às vivências; b) questões norteadoras para as entrevistas específicas com as crianças hospitalizadas, os pais e/ou responsáveis legais – que podem ser vistas no Quadro 2; c) gravação em áudio das entrevistas e intervenções realizadas, para posterior transcrição e análise dos dados, pós assinatura do TCLE; d) questionário aberto para os profissionais de saúde (Anexo E) a ser respondido após a assinatura do TCLE.

Para a conversa livre com as crianças, as questões foram amplas, servindo apenas como um guia, a fim de proporcionar uma maior liberdade para as expressões do seu pensamento, possibilitando melhor abrangência de sua percepção sobre a história lida e a experiência, conforme a narrativa do livro. Com relação à família, neste caso na figura das mães, foram questionamentos acerca de sua percepção sobre a leitura, o ler e o livro, além dos efeitos percebidos desses momentos de leitura no processo de hospitalização da criança, a partir também das experiências prévias, ou seja, anteriores ao hospital. Quanto aos profissionais de saúde, coube visualizar suas

percepções sobre a inserção da mediação da leitura no ambiente hospitalar infantil, mesmo quando não houve contato direto com as intervenções realizadas na sala de recreação e/ou nas mediações da leitura. Considerando, assim, três percepções/pontos de vista (família, crianças e profissionais de saúde) relacionados a uma mesma prática, proposta nesta pesquisa. Segundo Bauer e Gaskell (2002, *apud* Damiani *et al.* 2013, p. 59) “os cruzamentos de dados coletados por meio de diferentes instrumentos, a reflexividade e a validação comunicativa são os aspectos que imputam boa qualidade às pesquisas qualitativas” e, por isso, foram aspectos considerados e utilizados nesta pesquisa. Assim, as questões norteadoras e o questionário formulados auxiliaram para o melhor entendimento ao analisar as três distintas percepções (criança, família e profissionais de saúde), tanto com questionamentos sobre a relação da criança com a leitura no contexto prévio ao hospital, quanto com o uso da leitura e a partir dos efeitos percebidos no decorrer da hospitalização. Com relação ao diário de campo, este me auxiliou a partir da rememoração das minhas percepções enquanto estava intervindo nas mais diversas situações e efetivando a coleta de dados.

Portanto, a partir dos procedimentos adotados na mediação da leitura literária com as crianças hospitalizadas, destaco-os da seguinte forma: organização da campanha de arrecadação dos livros; organização da sala e armário de livros: higienização dos livros; elaboração de um informativo (Figura 2) em conjunto com a comunicação do HE, relativo aos cuidados com os livros; além do projeto-piloto, realizado em dezembro 2018, e da coleta de dados realizada entre os meses de janeiro e outubro de 2019.

Ao iniciar as observações no hospital, me deparei com alguns livros (Figura 3), guardados em conjunto com outros materiais, em um armário fechado e chaveado, o qual as crianças tinham acesso somente quando acompanhadas da Terapeuta Ocupacional ou do Educador Físico do Hospital, que eram os responsáveis pelos armários da sala de recreação.

**"Livro tem dessas coisas – faz mágica só com palavras."
Michelle Trevisani**

Doação de Livros Infantis

Você tem livros infantis para doar?
Contamos com a sua colaboração para realizarmos
ações de leitura com crianças hospitalizadas.
 Esta ação está vinculada a uma pesquisa com a temática dos
 livros e leitura literária com crianças hospitalizadas
 (0 a 12 anos) no Hospital Escola da UFPel.

Aceitamos livros infantis, novos ou usados.

Doações poderão ser entregues diretamente na sala do Hisales.
 Segunda a sexta-feira: 9h ao meio-dia (manhã) e 14h às 17h (tarde)
 Endereço: ICH - Campus II - Grupo de pesquisa Hisales (PPGE/FAE/UFPel)
 Rua Almirante Barroso, 1202 - Sala 101 H - Pelotas/RS

Contatos:
 E-mail: grupohisales@gmail.com
 Telefone: (51)981417000 (com Manuella)

CONTAMOS COM A SUA COLABORAÇÃO.



Figura 2 – Informativo para doação de livros.
 Fonte: Elaborado pela autora, (2018).



Figura 3 – Fotografia do armário com livros infantis do Hospital Escola/UFPel/Ebserh.
 Fonte: Acervo da autora (2019).

Quando cheguei para os primeiros contatos, havia 245 livros²¹ fechados no armário e utilizados somente quando solicitado espontaneamente pela criança. Eles se encontravam fora do alcance das pessoas, sendo mostrados quando solicitados pela criança ou por sua família, não havendo interação proporcionada pelos profissionais. Ou seja, não tinham grande importância ou visibilidade em ser utilizado como um recurso terapêutico pelos profissionais ali presentes. A partir disso, iniciei uma busca por possibilidades, a fim de viabilizar a criação de um acervo de livros literários para a faixa etária presente no setor. Entendo, assim, livros literários são aqueles que consideram a escolha da criança, na qual haverá uma interação prazerosa entre criança e livro, seja quando as crianças podem se colocar no lugar dos personagens e vivenciar situações em sua imaginação, seja em mundos diferentes, épocas distintas e histórias ficcionais (PAULINO, 2020, *on-line*).

Assim, com relação à criação do acervo de livros para a sala de recreação foi realizada a elaboração e posterior divulgação de um informativo (Figura 2) através das redes sociais e do site do grupo de pesquisa Hisales, solicitando a colaboração a partir da doação dos livros infantis, novos ou usados. Ao mesmo tempo, entrei em contato via *e-mail* com editoras brasileiras sobre possíveis doações de livros para comporem esse acervo. Todos os livros recebidos ficaram no hospital após o término da coleta de dados, um número total de 218²² livros doados e/ou recebidos.

A partir da divulgação do informativo e do contato com as editoras, os livros foram chegando, sendo higienizados e catalogados em um *software* de edição de planilha de dados que continham os seguintes campos de identificação: título do livro, autor, número de páginas, tipo de livros, editora e origem da doação. Ao refletir sobre a inserção da mediação e das intervenções ambientais na sala de recreação propostas no decorrer da pesquisa, elaborei um segundo informativo (Figura 4)²³ em conjunto com o setor de comunicação do HE (responsável por inserir o texto e padronizá-lo nos desenhos decorativos da sala de recreação), sobre os cuidados com os livros, direcionado às famílias e às crianças. Além da transferência dos livros para

²¹ Considero aqui todos os livros, mesmo os não-literários.

²² Data de atualização da catalogação dos livros doados: setembro/2019.

²³ Texto na íntegra: Cuidados com os livros: Mantenha sempre as mãos limpas ao manusear o livro; Não mexa no livro enquanto estiver comendo ou bebendo; Jamais dobre, amasse, rasgue ou escreva nas páginas do livro; O livro deve ser devolvido do mesmo jeito que foi emprestado. Enquanto estiver em suas mãos, ele é de sua responsabilidade; Lembre-se: depois de ti outras crianças também gostarão de ler o livro.

um outro armário com vidros (Figura 5), para que pudessem ser vistos pelos pacientes e pessoas que circulam por lá.



Figura 4 – Informativo sobre o cuidado com os livros.
Fonte: Setor de comunicação do HE (2018).



Figura 5 – Fotografia do armário organizado com livros infantis e inserção de informativo.
Fonte: Acervo da autora (2018).

Após a estruturação do espaço na sala de recreação com os livros, deu-se início ao que chamei de projeto-piloto, que totalizou 3 encontros semanais, com duração média de 45 minutos, em dezembro de 2018. Esse projeto teve o intuito de testar as intervenções no ambiente e entender possíveis demandas para a mediação de leitura, além de promover um primeiro contato com crianças de diferentes faixas etárias e a inserção de uma proposta inovadora no hospital. A amostra, neste período do projeto-piloto, foi composta por nove crianças que participaram das mediações da leitura, ocorridas nos três encontros semanais. Destas, apenas seis interagiram com a mediadora acerca de suas percepções sobre o livro e a leitura; as outras três apenas ouviram a leitura dos livros, sem nenhum diálogo.

O grupo de crianças hospitalizadas era rotativo, ou seja, recebiam alta no decorrer dos dias, assim, não houve um grupo fixo durante o período total de coleta de dados, considerando os pacientes internados nos dias das mediações. As idades variaram entre 3 e 12 anos incompletos. Durante o desenvolvimento da prática de mediação literária, todas as crianças ficavam sentadas em volta da mesa e acompanhavam a leitura em voz alta realizada por mim; com relação ao contato com os livros, algumas escolheram livros do acervo para levarem ao quarto, assim, a família lia à noite, antes de dormir, ou elas realizariam a leitura silenciosa do livro, individualmente. Os motivos das hospitalizações variavam entre: cirurgias, bronquite, entre outras. Os livros escolhidos para a realização das mediações da leitura durante o projeto-piloto foram: *Para que serve um livro?*²⁴; *Anton sabe fazer mágica*²⁵ e *Quem afundou o barco?*²⁶.

O projeto-piloto me auxiliou na ambientação e no entendimento da rotina hospitalar, na forma de acessar a criança para uma conversa antes e após as leituras, e na maneira de ler as diferentes histórias escolhidas por elas. Os dados dos três encontros realizados neste projeto-piloto não foram usados para a análise, apenas serviram de um teste para que eu pudesse verificar como seria o andamento na posterior coleta dos dados.

²⁴ LEGEAY, C. **Para que serve um livro?** Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

²⁵ KONNECKE, O. **Anton sabe fazer mágica.** Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

²⁶ ALLEN, Pamela (autor, ilustrador). **Quem afundou o barco?**. Editora Fundamento, 2012.

Além disso, o próprio projeto-piloto me permitiu perceber alguns fatores importantes na mediação da leitura literária no ambiente da hospitalização. Na área da educação não haveria a necessidade da realização de um projeto-piloto em torno de uma prática de mediação de leitura no contexto hospitalar, pois neste campo, as experiências iriam auxiliar na qualificação, ampliação e melhoria da própria prática. Os erros mostrariam as possibilidades para dar seguimento e qualificar o processo de mediação, de leitura, de escola, dos livros, organização do acervo, de reflexão das histórias, além das escolhas das histórias, que poderiam produzir sentimentos nas crianças, fazendo com que elas expressem ou não os seus sentimentos de uma forma fenomenológica e não especificamente intervencionista.

No entanto, reafirmo um aspecto importante, pois qualquer inferência ou interpretação dos dados se deu a partir da minha compreensão e do meu olhar como terapeuta ocupacional acerca da inserção de uma prática de leitura no contexto hospitalar, como é o caso da mediação da leitura literária e do uso do livro como recursos terapêuticos. Observei a necessidade de realizar o projeto-piloto, antes da coleta de dados, para testar as maneiras mais eficazes de realizar as abordagens com as famílias, de explicar os procedimentos realizados no decorrer da pesquisa, a ambientação da inserção de uma nova prática dentro do setor de pediatria e as possibilidades de intervenção da leitura dentro da rotina hospitalar pediátrica. De forma genérica, eu quis testar se o livro e a leitura poderiam ser considerados “remédios” eficazes no alívio das tensões provenientes da hospitalização infantil.

Após a inserção dessas práticas de leitura no contexto hospitalar, estruturei as formas mais efetivas de abordar as famílias, de realizar a mediação da leitura e de ter maior desenvoltura no momento de ler o livro ou indicá-lo para as crianças e suas famílias. E reitero que, como terapeuta ocupacional, considerarei a mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos quando houver uma relação triádica entre a terapeuta ocupacional no papel de mediadora da leitura (no caso, eu), a criança participante e a mediação e/ou o uso do livro. Além disso, os recursos terapêuticos irão atingir seu efeito como aliviador de tensões quando houver uma significação da atividade/prática. Assim, a partir do meu olhar como terapeuta ocupacional e com

a inserção de uma prática no setor de pediatria do hospital, considero que todas as experiências poderiam trazer algum alívio para cada criança/participante.

Depois desse período (dezembro de 2018), comecei a elaborar estratégias, a fim de recolher as informações para dar prosseguimento à pesquisa, além de adicionar algumas questões norteadoras no decorrer dela, em vista da facilidade ou não na manutenção do diálogo com as famílias e as crianças.

Com relação aos profissionais de saúde, formulei o questionário aberto de forma a ser respondido de forma escrita, além de uma versão do TCLE direcionado para eles (Anexo D). No Apêndice B, apresento as minhas percepções detalhadas com relação à riqueza de assuntos trazidos no decorrer das intervenções, a partir das anotações feitas no diário de campo nos dias das mediações, complementadas com as percepções relativas aos áudios das gravações.

2.2 A produção de dados sobre a pesquisa: desvelando os caminhos às análises e discussões

Iniciei o período da coleta de dados a partir do mês de janeiro, a qual perdurou até outubro do ano de 2019. Nos meses de janeiro e fevereiro estive presente no hospital sempre que havia algum participante dentro dos critérios de inclusão, assim, a terapeuta ocupacional do setor de pediatria me avisava e eu comparecia ao hospital para convidá-los a participar da pesquisa. Nesse período, minha ida foi praticamente diária, fosse para intervir propriamente com a criança ou para organizar os livros, higienizá-los ou catalogá-los, quando não havia crianças hospitalizadas dentro dos critérios de inclusão.

Além disso, nas duas semanas iniciais de janeiro, apenas uma criança esteve hospitalizada. Portanto, precisei modificar a estratégia para a realização da mediação da leitura e realizei a leitura do livro em voz alta no leito, no próprio quarto do paciente. A partir de março de 2019, reforcei a divulgação à equipe de enfermagem do setor sobre a inserção da pesquisa na rotina hospitalar – em função de janeiro e fevereiro ter sido um período de férias dos funcionários do hospital – e iniciei minhas idas semanais ao hospital. A partir do mês de abril, minhas idas passaram a ser semanais, todas as quintas-feiras, no turno da tarde,

abarcando as crianças que se encontravam dentro dos critérios de participação da pesquisa, exclusivamente nesse dia da semana.

Após a qualificação realizada no mês de junho de 2019, passei a ir continuamente, ou seja, a partir do momento que a criança aceitava participar da pesquisa, comparecia ao hospital para obter o maior número de mediações de leitura possíveis, além de seguir com as intervenções ambientais na sala de recreação e com os ajustes no armário dos livros. Com relação à pesquisa, totalizaram-se 39 intervenções no decorrer de 9 meses de coleta de dados, das quais 12 crianças participaram efetivamente; e 12 entrevistas com as famílias e/ou responsáveis legais, sendo que, para cada início de uma nova mediação da leitura com as crianças, as famílias foram ouvidas anteriormente. Além disso, realizei algumas atividades e conversas com as crianças ao final das leituras e registrei esses momentos no diário de campo. Uma amostra menor nos meses de maio e junho ocorreu devido à maior ocorrência de internações de crianças menores de 2 anos e de bebês recém-nascidos, ou seja, público que não pertencia ao público-alvo da coleta de dados, além de ter ocorrido uma reforma no setor de pediatria.

As idades das crianças variaram entre 3 e 12 anos incompletos, como já mencionado. Os tipos de intervenções realizadas foram: leitura em voz alta individual, tanto no leito como na sala de recreação e leitura silenciosa pela criança, além do empréstimo e indicação de livros para a leitura. As famílias não se contrapuseram à participação dos filhos, mas alguns afirmaram que a leitura se trata somente de uma forma divertida de entretê-los durante a hospitalização, não percebendo a relação da busca do alívio das tensões geradas pela hospitalização, seja através da mediação da leitura ou no uso livro como recursos terapêuticos.

Além disso, pude perceber as variadas formas de realizar a mediação da leitura literária no contexto hospitalar infantil, através do empréstimo e a indicação de livros para leitura no leito; da leitura em voz alta realizada no leito da criança que se encontrava impossibilitada de ir à sala de recreação; da leitura em pequenos grupos na sala de recreação; ou do fato de ouvir a criança me contar uma história de sua escolha, ou a criança menor, que prefere folhear os livros enquanto olha e conta a história com as suas palavras. Assim, as mediações da leitura realizadas se deram das seguintes maneiras:

- a) **Leitura em voz alta**, realizada individualmente, com cada criança. Permanecíamos na mesa disponível na sala de recreação, sentadas na cadeira; a criança escolhia um livro para que eu lesse em voz alta e, posteriormente, conversávamos sobre a história lida no livro, o que mais lhe chamou atenção e se havia gostado da história. Algumas gostavam simplesmente de folhear os livros e contar uma história de sua autoria, outras solicitavam que eu lesse enquanto acompanhavam as imagens. Enquanto algumas traziam o contato prévio com o livro, e já o tinham como grande amigo para os momentos difíceis, outras o (re)conheciam pela primeira vez, permitindo-se viver essa experiência de folheá-lo, vislumbrá-lo e utilizá-lo como um aliado à manutenção do lazer, mesmo durante a hospitalização.
- b) **Leitura em voz alta coletiva**, realizada com o grupo de crianças do projeto-piloto, na qual todas permaneciam sentadas em torno da mesa na sala de recreação. Depois de mostrar algumas possibilidades de livros para que eu lesse em voz alta, eles escolhiam em conjunto. Posteriormente, conversávamos sobre a história lida no livro, o que eles mais gostaram, qual a mais legal, entre outros aspectos. Então elas trouxeram a relação de alguns personagens com as suas vivências, sejam elas brincando e correndo, dormindo, a ausência de dor, a alegria em estar brincando, ações que fogem de sua realidade naquele momento de hospitalização. Por exemplo, um grupo associou o sumiço da imagem do ratinho no livro com a sua morte, ou seja, ele teria desaparecido na história porque teria morrido, no entanto, algumas páginas depois ele retornou, deixando as crianças alegres porque ele tinha apenas ido “dar uma voltinha”.
- c) **Leitura em voz alta no leito**, realizada a partir da preferência de leitura da criança, na qual ela podia escolher o livro que mais lhe chamava atenção e eu iniciava a leitura. A criança permanecia deitada ou sentada em seu leito e eu em pé, ao seu lado, lendo e folheando o livro escolhido. Em alguns casos, a criança solicitava a leitura do segundo livro também; foi o caso de um menino que esteve

hospitalizado sozinho em um quarto, por cerca de dez dias. Quando eu chegava com os livros, ele queria sentar-se e gostava de ouvir o maior número de histórias possível. Em um único encontro, chegamos a escolher 4 livros para que eu lesse para ele, que ainda não era alfabetizado, mas adorava ouvir as histórias e ver as imagens. Enquanto eu lia, ele opinava (como no livro *Quem afundou o barco?*²⁷ sobre o que iria ocorrer, ria alto se achava engraçado ou repetia as frases lidas (como no livro *Bruxa, bruxa venha a minha festa*²⁸). Talvez o período de solidão, advindo da hospitalização, o tenha feito querer a presença da voz do livro mais do que se estivesse em casa, por exemplo, como se fosse um hábito adquirido em decorrência da hospitalização.

- d) **Leitura silenciosa das crianças**, nas quais algumas crianças maiores, ao serem questionadas sobre preferirem que eu lesse uma história ou se elas preferiam lê-las sozinhas, optavam por escolher os livros e também aceitar algumas sugestões feitas por mim, além de levarem os livros para seu leito, para que pudessem ler sozinhas em outro momento. Referiam-se como um empréstimo de livros. Talvez pelo período de hospitalização oportunizar um momento de distanciamento da “vida real”, ocasionando rupturas no cotidiano da criança desde a separação de seus amigos e familiares, a pausa nas atividades escolares, até a presença de procedimentos invasivos (exames e cirurgias, por exemplo), situações em que não há o poder da escolha, a hospitalização tende a ser um momento difícil a ser vivido pela criança. Para algumas delas, a leitura prazerosa ameniza essas mudanças em seu dia-a-dia, fazendo-as reformular seus maiores medos, utilizarem-se daquele momento para desconectar do mundo real e vivenciarem sua infância.

²⁷ ALLEN, Pamela (autor, ilustrador). **Quem afundou o barco?**. Editora Fundamento, 2012.

²⁸ DRUCE, A. **Bruxa, bruxa: venha a minha festa**. Ilustração de Pat Ludlow. São Paulo: Brinque-book, 1995.

O Quadro 3, abaixo, resume as minhas observações em forma de tópicos e a ordem (de 1 a 12) estabelecida da criança mais nova à mais velha (de 3 a 11 anos), com as respectivas iniciais de seus nomes. Os quadrados marcados de amarelo indicam as observações que foram visualizadas por mim, em cada caso. Foi possível observar diferentes experiências com cada uma das 12 crianças em relação à mediação da leitura e o uso do livro como recursos terapêuticos e aliviador das tensões geradas na hospitalização, observação que discutirei no capítulo 3.

Quadro 3 – Aspectos observados nas crianças

	Crianças participantes											
Observações (crianças)	ML3	H3	P4	B4	V5	L7	M7	W7	R8	JP9	E9	E11
Frequenta a escola												
Contato prévio com/Tem livros em casa												
Contato com os livros na escola												
Conta histórias em voz alta												
Lê em voz alta												
Lê silenciosamente												
Ato de folhear os livros												
Tem o hábito de ouvir histórias em casa												
Família incentiva a leitura												
Empréstimo de livros												
Gosta de ler livros												
Gosta de ler gibis												
Livro como recurso terapêutico												
Participou da mediação da leitura												

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

No decorrer das mediações, sempre iniciava com o livro *Para que serve um livro?*²⁹ e, das 12 crianças, 8 responderam que um livro serve somente pra ler (preconcepção de leitura), 1 respondeu que serve para contar histórias, 2 não responderam e 1 respondeu que serve para ver as fotos, para aprender a escrever e para ler. Infiro alguns aspectos observados por mim no decorrer das práticas de mediação com relação às 12 crianças participantes da pesquisa, me

²⁹ LEGEAY, C. **Para que serve um livro?** Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

interesse em saber quantas já frequentam a escola, se, dentre estas, todas já tinham contato prévio com o livro ou se o contato surgiu após sua entrada na escola; além de investigar se gostavam ou não de ler sozinhos e/ou silenciosamente; descobrir quais já tinham o hábito de ouvir histórias de parentes e familiares; quais crianças preferiam ler em voz alta para mim, a fim de treinarem sua forma de ler e, ainda, quais famílias incentivavam suas crianças a lerem.

Enquanto as crianças menores não leitoras preferem apenas folhear os livros, sem paciência para ouvi-las, as crianças maiores de 9 anos preferiam ler silenciosamente em seus leitos, não gostando de ouvir histórias lidas por mim. Além disso, a maioria das crianças entre 6 e 8 anos solicitava ler em voz alta para mim, como uma forma de treinar sua leitura. Poucas preferiam contar histórias, e cerca de metade das crianças dizem ter livros próprios em casa. Todas as crianças quiseram empréstimo e indicação de livros para lerem no tempo livre.

Assim como o ato de folhear os livros mostra a intimidade da criança com este objeto, podendo ser um fator interligado à possibilidade de torná-lo terapêutico. Afinal, a criança que se interessa por explorar o livro demonstra um certo afeto pelo objeto em questão. O fato de gostar de ler, ter livros em casa ou de já ter tido um contato prévio com eles não foi algo que se mostrou determinante na presente pesquisa, pois há um equilíbrio entre os 12 participantes. Isso não quer dizer que não houve algum efeito interno, mas não foi possível visualizá-lo no decorrer da pesquisa.

Com relação a ter o hábito de ouvir histórias em casa, 8 participantes disseram já ter ouvido alguma história contada/lida por seus pais/familiares, seja com o uso do livro, seja através da narrativa oral sem o uso do livro. Além disso, 9 participantes aceitaram participar da mediação da leitura, concordando em ouvir a leitura de um livro realizada por mim, durante a hospitalização, enquanto os outros 3 preferiram ler silenciosamente em seus leitos.

No decorrer da escrita do texto e da análise da produção dos dados, elaborei um quadro (Quadro 4) a fim de facilitar o entendimento e o reconhecimento das falas das crianças participantes e suas respectivas mães (considerando que as entrevistas referentes às 12 crianças foram realizadas apenas com suas mães, não tendo participado efetivamente nenhum pai e/ou outro familiar). As siglas para as crianças e suas respectivas mães foram

determinadas da seguinte forma: as crianças com as letras iniciais dos seus respectivos nomes e com número referente a sua idade; enquanto as siglas das mães são representadas, inicialmente, pela letra M de mãe, seguida da sigla referente aos seus filhos, respectivamente, como explicitado no Quadro 4.

Quadro 4 – Demonstrativo das siglas utilizadas para referenciar os participantes no texto

Criança	ML3	H3	P4	B4	V5	L7	M7	W7	R8	JP9	E9	E11
Mãe	MML3	MH3	MP4	MB4	MV5	ML7	MM7	MW7	MR8	MJP9	ME9	ME11

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Além disso, foi contabilizado um total de 110 livros emprestados (Quadro 5) por mim, seja por meio da recomendação ou pela disponibilidade de escolha das crianças, não contabilizando os livros que foram pegos em dias que não estive presente, pois não foi possível registrar a entrada e saída das obras. Optei por elaborar o quadro para a melhor visualização dos dados relacionados ao número de encontros e o número de livros emprestados para posterior leitura no leito. Considero que o número de encontros se refere ao número de dias que realizei algum tipo de intervenção, seja com a leitura de livros, a sugestão de livros para empréstimos para leitura no leito ou ambos, e o número de livros emprestados se refere aos livros que foram levados ao leito para posterior leitura, seja por meio de indicação ou disponibilidade de escolha.

Quadro 5 – Quantitativo acerca de número de encontros e quantidade de livros emprestados

Número de encontros X número de livros emprestados												
Siglas dos participantes	ML3	H3	P4	B4	V5	L7	M7	W7	R8	JP9	E9	E11
Número de encontros	7	2	4	2	6	2	5	1	2	2	2	4
Número de livros emprestados	14	5	12	4	26	5	15	3	6	6	4	10
Média de livros por dias de encontros	2	2,5	3	2	4,3	2,5	3	3	3	3	2	2,5

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Previamente, verifico, a partir do quadro acima que, com relação à mediação de leitura e/ou o uso do livro como recursos terapêuticos, ao contabilizar as doze crianças participantes, tivemos apenas dois encontros com

seis delas; com as outras seis houve entre um e sete encontros, sendo possível visualizar maiores detalhes no quadro acima. Não houve, também, uma crescente entre o número de encontros e o número de livros emprestados, afinal V5, M7 e ML3 tiveram respectivamente 6, 5 e 7 encontros, além de terem sido as crianças que mais solicitaram empréstimo de livros para leitura no leito, respectivamente 26, 15 e 14 livros. Assim, a média de livros emprestados por dias de encontros se manteve em torno de 2 e 3 livros, com exceção de V5, que apresentou média de 4,3 livros emprestados. Fato curioso que se deu a partir do incentivo de sua mãe para que ele escolhesse livros novos para que ela realizasse a leitura à noite, na hora de se deitar para descansar.

Foram convidados a participar da pesquisa todos os profissionais da saúde que atuam no setor de pediatria. Após assinatura do TCLE, os entrevistados respondiam, por meio de um questionário (ANEXO E) escrito, alguns questionamentos sobre do tema proposto. Os profissionais que responderam atuam nas seguintes profissões: fisioterapia (3), enfermagem (1), técnico em enfermagem (6), psicologia (1) e educação física (5), além da terapeuta ocupacional responsável pelo setor de pediatria, que, por ser próxima a mim, teve suas respostas desconsideradas. Embora o número de profissionais que respondeu o questionário ter sido grande, optei por não descartar nenhuma das respostas, considerando a atuação na área da saúde e as percepções destes no conjunto do bem-estar das crianças hospitalizadas. Elaborei o Quadro 6, a fim de facilitar o entendimento acerca das siglas que fazem referência aos profissionais de saúde e, para manter seu anonimato, utilizei a letra inicial de sua respectiva profissão e o número de acordo com a ordem de respostas entre seus colegas, como demonstro a seguir.

Quadro 6 – Quadro de referências aos profissionais participantes.

Profissionais	Nº	Referências no texto
Fisioterapeuta	3	F1, F2, F3
Enfermeira	1	E1
Téc. Enfermagem	6	TE1, TE2, TE3, TE4, TE5, TE6
Psicóloga	1	P1
Educação Física	5	EF1, EF2, EF3, EF4, EF5
TOTAL	16	

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

As percepções dos profissionais de saúde acerca da leitura e do livro no contexto da hospitalização infantil serão trazidas no decorrer do capítulo 3, juntamente com as percepções das mães, das falas das crianças e das observações e pensamentos registrados por mim em meu diário de campo. No entanto, vale destacar que as percepções dos profissionais de saúde são referentes às suas respostas nos questionários, e não especificamente de sua participação na parte prática durante a mediação da leitura realizada na pesquisa. Ou seja, os profissionais não se referem especificamente a cada uma das crianças, mas trazem uma visão geral do contexto no qual elas estão inseridas, além da sua percepção como profissional em relação à mediação da leitura literária proposta por mim, na posição de pesquisadora e terapeuta ocupacional que desenvolveu a pesquisa.

As observações das mães referem-se às entrevistas e às conversas realizadas no decorrer das intervenções; a fala das crianças foi explorada a partir das conversas que ocorriam no decorrer das mediações de leitura. Passarei, no próximo capítulo, à discussão da produção do conjunto de dados, considerando as práticas de mediação de leitura literária, a participação das mães, bem como as respostas dos profissionais de saúde.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO SOBRE A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA REALIZADAS NO SETOR DE PEDIATRIA DO HOSPITAL ESCOLA DA UFPEL

Neste capítulo, discuto os dados produzidos no período da pesquisa levando em consideração a participação das 12 crianças e suas diferentes experiências com as práticas de mediação da leitura literária e o uso do livro durante o período de hospitalização. A visão das mães participantes da pesquisa e dos profissionais de saúde, bem como minhas percepções registradas no diário de campo estarão na discussão do conjunto dos dados.

A partir do pressuposto de que a mediação da leitura literária é um termo de difícil definição e que se refere diretamente a uma prática, tento delimitá-la aqui. No caso desta pesquisa, a mediação da leitura literária com as crianças hospitalizadas corrobora os aspectos elaborados por Cardoso (2020): “[...] desde o estabelecimento de critérios para a seleção do texto, até a ênfase, a intencionalidade de cada leitura e seus desdobramentos para além da leitura em si” (CARDOSO, 2020, *on-line*). Nesse caso, considero que os desdobramentos, para além da leitura em si, envolveram ações desde a criação de um acervo de livros infantis, a escolha de alguns títulos e o uso dos recursos terapêuticos previamente estabelecidos, conforme alguns aspectos e ações já descritas no capítulo 2. Passo, então, para a análise das experiências durante as práticas de mediação da leitura literária e o uso do livro pelas crianças hospitalizadas.

3.1 Contribuições da mediação da leitura e do uso do livro como recursos terapêuticos na hospitalização infantil

Esta subseção embasa todo o processo de escrita, é a origem de todas as discussões advindas da análise dos dados. A partir da mediação da leitura e do uso do livro, ambos utilizados como recursos terapêuticos na pesquisa, aponto algumas situações inusitadas no decorrer da coleta e da produção de dados e discuto-as com auxílio do referencial teórico, além de exemplos das próprias participantes, sejam as crianças, suas mães ou os profissionais de saúde, com base na transcrição de diálogos na íntegra. Apresento a discussão acerca das experiências de cada uma das 12 crianças e seus familiares no

decorrer da pesquisa, refletindo sobre as contribuições da mediação da leitura literária e do uso do livro durante o período da hospitalização.

Todas as interações realizadas me permitiram evidenciar e observar as experiências com cada sujeito que participou da pesquisa. As mediações de leitura e indicações de livros vivenciadas pelas crianças foram válidas, pois produziram experiências diferentes em cada criança, mesmo quando elas sinalizavam o fato de não gostarem de ler ou não gostarem da história lida ou ouvida; além de silenciarem ou não expressarem suas opiniões sobre algo questionado ou, ainda, quando indicavam outra preferência, como brincar ou jogar no celular. Não posso afirmar que a mediação da leitura e a presença do livro não tenham aliviado as tensões, mas afirmo que esse espaço de diálogo e acolhida foi construído e inserido em suas rotinas hospitalares e trouxe contribuições durante o período de internação.

Ao pensar o livro como protagonista da leitura, não posso esquecer de destacar o leitor, quem determina os rumos da leitura, os modos e formas de ler, quem dá sentido e significados aos textos lidos. Afinal, “[...] o leitor é termômetro, limite e ritmo para o livro” (LOIS, 2010, p.52). Antes mesmo de aprender a ler, a leitura já se faz presente, até mesmo nos momentos em que se ouve uma história contada ou lida por outra pessoa, abrindo um leque de opções nas nossas relações com o mundo e podendo criar as práticas de leitura.

Grande parte dos profissionais entrevistados respondeu de forma semelhante ao serem questionados sobre “O que é ler pra ti?”, questão com a qual busquei entender o sentido e uma possível relação prévia entre o profissional de saúde e a leitura. Nos dados apontados pelos profissionais que trabalham no hospital, foi recorrente, entre cinco deles, alguns apontamentos, tais como os sentimentos gerados pela leitura: *“É algo que faz bem para a ‘alma’, para o coração... Acalma, muitas vezes tira a ansiedade para alguns...”* (TE2).

Aqui, os profissionais referem-se a si próprios e às suas experiências com a leitura e, por consequência, com o livro: *“Tranquilidade”* (TE3); *“A leitura me acalma”* (TE4); *“É viajar, descansar a mente, um modo de diversão e teria que ser e estar dentro da minha rotina”* (TE5). Em suma, os profissionais de saúde falam de si mesmos e não se referem às crianças hospitalizadas. Mas, não seria um efeito próximo entre o sentimento dos profissionais e o das crianças? Ou que esses profissionais gostariam que isso fosse concretizado no ambiente de

internação? Afinal, com o livro é possível manter-se ativo e envolvido com o mundo, apesar de se encontrar hospitalizado, podem ajudar a questioná-lo.

Para Petit (2013, p. 79), “o livro se oferece como uma tela, permite dizer emoções e angústias, colocá-las a distância, atenuar um pouco os medos”. Ou seja, no livro, tudo se torna possível, o leitor pode imergir na história e se imaginar dentro dela, partilhando os mesmos sentimentos e anseios das personagens, (re)elaborando as suas próprias vivências, a partir da história contida nos livros.

O livro pode ter o complemento, pode ser utilizado com a mediação da leitura. A partir da mediação, é possível trazer à tona as experiências com as histórias lidas ou ouvidas, agregando-as na rotina dos pacientes e de seus pais, afinal, *“Tá aqui, lendo uns livrinhos aqui. Arrumando o que se entreter né, porque senão... Bah! Os dias vão ser longos”* (ME9). E se o livro não estivesse no ambiente hospitalar naquele momento? Mediar também é dar a oportunidade de alcance ao livro, fazer o livro chegar até outras pessoas. É possível falar de experiências vividas por essas mães participantes da pesquisa, além do fato de afirmarem que, apesar de não gostarem de ler, a leitura de algum modo atraiu seus filhos, tal como demonstro no excerto a seguir, extraído de uma entrevista realizada:

Ah ele adora ler, ele gosta de ler sim. [...] E aí, agora, até pra entreter ele aqui, a gente comprou um livrinho de pintar e de rabiscar e ele fica com aquilo, rabiscando, rabiscando. Não sei quem me falou esses dias, eu acho que ele vai gostar de ler. Porque eu não gosto de ler, se gostar de ler, vai ser o único, o único. (MH3).

É possível observar a predominância das mães no cuidado com as crianças hospitalizadas, principalmente no que se refere a saber as informações sobre a criança, tais como: medicação, quadro clínico, história de vida, dados gerais. Além disso, vejo a relação da leitura e dos livros com o entretenimento, vista, pelas mães, como uma forma mais rápida de passar o tempo. Corroborando as falas de alguns profissionais de saúde, como EF1 ao afirmar que *“[...] reduz o estresse causados pelos procedimentos em que são submetidas diariamente. É um entretenimento.”*, e TE3. Quando comenta *“[...] para alívio do estresse”*, se referindo às influências da leitura na hospitalização infantil.

Considero que todas as ações e (re)ações provêm das experiências terapêuticas vivenciadas por cada criança/participante da pesquisa, afinal, cada uma trouxe um significado diferente e diversas formas de aliviar as suas tensões a partir do seu contato com a mediação da leitura e os livros. Dessa forma, a leitura de livros “[...] *auxilia a ocupar o tempo da criança com atividades que estimulam a imaginação e que proporcionam a retirada do foco da criança do contexto saúde-doença*” (F3). O estresse relatado pelo profissional da saúde revela que a hospitalização tem momentos de tensão, um ambiente de saúde X doenças, conforme confirma na sua resposta, tendo em vista que as crianças hospitalizadas são retiradas de uma rotina cotidiana à que estavam antes da chegada ao hospital.

Como pude observar e confirmar no hospital, no decorrer da pesquisa com as crianças em diferentes idades, “o pequeno leitor lê aqueles livros que lhe provoquem alguma satisfação no momento mesmo da leitura, livros que o envolvam prazerosamente com o texto, com o modo de contar a historinha” (PAULINO, 2010, p. 128). Dessa forma, o momento da leitura e do contato com o livro provoca, como diz Paulino (2010), uma certa satisfação.

Algumas crianças tiveram, na leitura, seu momento de fuga de uma realidade dura como a hospitalização, pois, “a história não é só a história; quando contada, ela é também um evento em que a criança se encontra com alguém, numa atividade comum ou partilhada” (MACHADO, 2012, p. 19). Sendo o hospital um local onde tudo é possível, no qual temos a vida e a morte caminhando juntas, com a mediação da leitura, por vezes, a criança transformará sua hospitalização em algo mais leve e suportável, ressignificando esse período com as histórias que ler ou ouvir e com as vivências que tiver no decorrer desse período.

Historicamente, ao ponderar sobre a leitura em nossa sociedade, pude perceber que “a leitura está mitificada como prática de elite no pensamento do povo brasileiro” (PAULINO, 2010, p. 47), ou seja, era reservada apenas à elite brasileira. Já na atualidade, observamos as diferenças com relação à leitura literária, a qual exige uma conexão de seu leitor com o livro lido, em que será estabelecida uma interação prazerosa, nesse caso, a ação do leitor implicaria uma prática cultural de natureza artística, na qual as preferências do sujeito são respeitadas, a fim de cumprir com êxito a leitura literária (PAULINO, 2020, on-

line). Embora o acesso à leitura e aos livros ainda não abranja todas as pessoas, observamos um avanço nesse quesito, pois a leitura se faz presente na vida dos sujeitos em diversos locais desde a escola, em formato *on-line*, além das campanhas diversificadas; por esses motivos, também está dentro dos hospitais para auxiliar no alívio das tensões geradas como período da hospitalização.

É possível reiterar as contribuições da leitura na hospitalização infantil a partir dos posicionamentos de alguns profissionais de saúde e suas afirmações, vendo-a *“como uma forma de amenizar os transtornos de uma internação, a fim de estimular a imaginação e gosto pela leitura”* (EF4), ou ainda como *“uma forma de levar a criança internada para outro lugar, um lugar de fantasia”* (E1). Tal como eu já havia considerado, antes mesmo de iniciar a pesquisa, a partir das minhas vivências e leituras prévias de artigos e livros, partilhava da mesma visão acerca dessas contribuições. Assim como o profissional F2, ao dizer que a leitura auxilia a criança na hospitalização *“levando a universos alternativos, estimulando a imaginação, fazendo-as viajar o mundo sem sair dos quartos”* (F2).

Nos dados apontados pelos profissionais que trabalham no hospital, foram comuns, entre eles, alguns apontamentos, tais como os sentimentos gerados pela leitura, como *“alegria e satisfação após a leitura”* (E1), *“melhora o estado emocional da criança, distração, relaxamento, impacta na melhora da criança”* (TE2), *“tranquiliza as emoções, traz afago após os procedimentos invasivos”* (TE3). Sentimentos, muitas vezes, trazidos pelas crianças participantes na forma de um sorriso, em um gesto de alegria por ouvir as histórias, não necessariamente verbalizando-os.

Conforme a afirmação dos profissionais, a partir dos seus relatos é possível verificar que eles depositam uma contribuição da leitura e dos livros no ambiente hospitalar como contribuições possíveis para aliviar a tensão. Reafirmo, com o relato de TE6, para o qual a leitura de livros auxiliará as crianças hospitalizadas a *“passar o tempo e tornar esse período com alguma coisa boa, diferente, que faça com que elas esqueçam, por um tempo, que estão no hospital.”* (TE6).

A partir de uma visão que busca a interlocução entre as áreas da Saúde e da Educação, questiono-me acerca das inúmeras possibilidades de incluir a leitura de livros em sua finalidade terapêutica no contexto da hospitalização infantil. Talvez pelo fato da manutenção da tríade terapeuta/pesquisadora no

papel de mediadora, mediação da leitura e o livro como recursos terapêuticos ser possível com as crianças hospitalizadas. As crianças fazem uso do seu imaginário para adentrarem as histórias lidas na companhia de si mesmas – como ocorre na leitura silenciosa –, elaboram seus sentimentos internamente e isso ajuda a superarem os limites impostos nas adversidades.

Assim, o termo “imaginário” auxilia na descrição de um “imenso repertório de imagens, símbolos e mitos que nós humanos utilizamos como fórmulas típicas de entender o mundo e as relações com as demais pessoas” (COLOMER, 2017, p. 20). A partir da palavra escrita ou ouvida, a criança consegue criar em sua mente os personagens e acompanhar a narrativa, tendo o poder de entender o que elas comunicam. Não há uma fórmula a ser seguida para que se tenha o mesmo efeito em todas as crianças, afinal, a imaginação e o sentido são diferentes para cada pessoa. Eles se dão a partir da relação estabelecida entre a história lida ou ouvida e suas vivências pessoais como leitor e como indivíduo.

É possível observar, nas respostas dos profissionais, que as suas percepções sobre a leitura estão relacionadas ao imaginário. Seus relatos indicam que ler “*é viajar, sair e me distanciar completamente do que está ao meu redor e entrar no assunto da leitura*” (EF2); “*explorar a imaginação, adquirir conhecimentos, lazer*” (EF3); “*é olhar de fora uma história, mas ao mesmo tempo querer participar dela*” (EF4).

Outra forma de definir imaginário é trazida por Mansur (2007, p. 3), como “a capacidade elementar de evocar uma imagem, de representar algo” (MANSUR, 2007). Ou seja, quando a criança leitora ou ouvinte adentra na história a partir de sua imaginação, ela se permite imaginar as situações derivadas de suas representações acerca de seu próprio mundo. Do mesmo modo, quando ela folheia um livro, mesmo sem saber ler a palavra escrita, ela inventa uma história a partir das imagens vistas ali, a partir de seu conhecimento prévio sobre seu mundo real e seu mundo imaginário.

Ao retomar minhas anotações sobre as observações com as crianças participantes da pesquisa, considereei que as menores de 5 anos apontaram a preferência em escolher e “ler” os livros à sua maneira, ou seja, sem a interferência da mediadora. A partir do ato de folhear, a criança demonstra que pode “por meio da observação e do manuseio, compreender a leitura e incorporar modos de ler, mesmo sem saber ler” (MACHADO, 2012, p. 17-18).

Sendo assim, volto ao relato de MML3, sobre a preferência de ML3 em mexer sozinha nos livros, tendo prioridade em contar suas próprias histórias a partir dos livros folheados, tanto para si como para os outros. Sua mãe relatou: *“ah ela gosta de ler sozinha, fica folheando os livros por horas”* (MML3). Naquele momento, pude observar que ela ia folheando e brincando, contando uma história em sua linguagem, mas sem paciência para ouvir, querendo brincar com os livros. Brincar com os livros é uma das formas de dar sentido à leitura, pois ao mexer neles, folheá-los com autonomia e conhecendo os diversos tipos de livros existentes, a criança irá explorar e se apropriar deles, fazendo uma interlocução com a entrada no mundo da leitura, a partir do letramento literário, o qual Cosson (2019, *on-line*) afirma que “começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido”.

Da mesma forma, reflito sobre considerar o uso do livro com a criança, a fim de lhe permitir o contato com o novo, com novas possibilidades e “mundos diferentes”, uma outra forma de entrada no “mundo da leitura”. Acerca disso, reflito, também, sobre o quanto as crianças conseguem se expressar a partir de uma história lida ou ouvida; o que antes parecia inviável, a partir da leitura e do livro, torna-se possível (COSSON, 2019). Ou, como afirma Caldin (2001, p. 531), “a literatura, além de possuir a virtude de ser sedativa e curativa, pode estimular as crianças a se comunicarem, perderem a timidez, exporem seus problemas emocionais e físicos”.

Ao iniciar a coleta de dados, deparei-me com meu olhar de terapeuta ocupacional, que me fez perceber a possibilidade da mediação da leitura e do uso do livro se tornarem recursos terapêuticos para a criança hospitalizada ou apenas um recurso utilizado a fim de proporcionar lazer e entretenimento. Percebi que o fato de a criança ter um contato prévio com o livro e com a leitura oportunizava uma maior entrega dela, permitindo que, ao ouvir as histórias, pudesse se transportar do ambiente hospitalar e conseguisse enfrentar as situações da hospitalização de outras formas, pois o processo de mediação da leitura já era familiar a elas e não começava a partir de sua entrada no hospital.

No decorrer da infância, momento de formação basilar e primária, a literatura infantil pode vir a se tornar um recurso interessante, enfatizado na pesquisa realizada, como forma de enfrentamento das adversidades através da

mediação da leitura na hospitalização infantil. Visto que “a literatura surge como um meio possível de superação da dependência e da carência, por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento” (CADEMARTORI, 2010, p. 24). A partir das vivências prévias à hospitalização, a leitura literária poderá adentrar na vida do sujeito em questão e obter ou não um efeito terapêutico, seja com ênfase no uso do livro ou na mediação de leitura como recursos terapêuticos utilizados.

A leitura de histórias e o uso do livro não possuem uma fórmula mágica, mas dependem de uma significação prévia disso nas vivências da criança. Ou seja, se a mediação da leitura literária oferece conforto e bem-estar para a criança, se ela a solicita em seus momentos mais tensos e difíceis no período da internação, se tem, no livro, um refúgio para aquele momento de sua vida, considero que a mediação da leitura e o uso do livro obtiveram alguma finalidade terapêutica, a partir da experiência na prática da pesquisa que realizei.

Na minha concepção de terapeuta ocupacional, considero que, quando há melhora do bem-estar, da dor e das angústias geradas com a hospitalização, posso inferir que o uso desses recursos terapêuticos pode ser benéfico e eficaz no alívio das tensões. Tal como o remédio utilizado para o corpo físico, a mediação da leitura e o uso dos livros se devem a uma dimensão sensível e emocional, conforme afirma Othero (2010, p. 87):

o foco da atuação durante a hospitalização pode incluir os aspectos emocionais e as rupturas e limitações decorrentes deste processo; o terapeuta ocupacional pode ajudar os pacientes a terem maiores realizações, atividades significativas em um espaço despersonalizante, autonomia e senso de controle sobre a vida.

Afinal, a partir do contato com o livro, a criança se conecta com o real e o simbólico presentes na história e em sua vida, mantendo uma interlocução entre ambas. Ambos recursos terapêuticos utilizados no estudo “lidam, desse modo, com a realidade concreta, por meio da que foi simbolicamente construída. A linguagem recorta o mundo, a literatura o modela” (CADEMARTORI, 2010, p. 33). No entanto, não é possível mensurar o efeito a longo prazo da mediação da leitura na vida da criança, mas é possível inferir que algumas crianças ressignificam o período da hospitalização com o auxílio do livro e da leitura de histórias, seja com as mães como mediadoras, comigo como mediadora ou com a leitura silenciosa, realizada pela própria criança, pois,

a criança, em geral, não se interessa por livros que não lhe trazem nada de novo, não lhe surpreendem com algo que ela ainda não pensou. Mas, não podemos esquecer, na maior parte das vezes, não são elas que escolhem os livros. São os adultos que os escolhem e são eles que encaminham, recomendam e cobram a leitura. (CADEMARTORI, 2010, p. 35).

Durante a infância, o real e o simbólico presentes na relação da criança com o livro e a leitura auxiliam no desenvolvimento emocional. Aponto que a maioria dos profissionais que fazem parte do setor de pediatria tem uma visão positiva acerca da proposta de leitura de livros para as crianças internadas e, por muitos momentos, trazem visões parecidas e conectadas, como podemos ver na resposta de E1: *“considero muito interessante, visto que as crianças necessitam de atividades lúdicas”*. Assim, ao considerar os recursos terapêuticos escolhidos para este estudo, encontrei dificuldade em mensurar seu efeito de forma objetiva, então, ao refletir acerca do assunto, destacarei as experiências das 12 crianças³⁰ no decorrer do texto de forma mais pontual, refletindo como o efeito terapêutico foi percebido.

A partir das mediações da leitura realizadas com as crianças, da conversa com as mães, das observações feitas em cada encontro e dos registros escritos no diário de campo, elaborei um breve perfil para cada criança participante da pesquisa. Começo descrevendo, de forma breve, os dados de cada criança, com informações referentes ao contato prévio com a leitura e com o livro. Além de dados como: se estão na escola, se gostam de ler, se têm livros em casa, se a família inclui o hábito da leitura em alguma forma, se já ouviram histórias ou a leitura de livros em casa, a definição de “para que serve um livro?” de cada criança leitora ou não-leitora.

3.1.1 A contadora de histórias

ML3 é uma menina que ainda não sabe ler e não está na escola, mas adora inventar histórias a partir das imagens, de brincar com os livros,

³⁰ As crianças e suas respectivas mães são apresentadas em siglas, determinadas da seguinte forma: as crianças com as letras iniciais dos nomes seguida do número referente à sua idade; as mães com a letra M de mãe, seguida das letras iniciais e idade da respectiva criança, conforme já explicado na sessão 2, item 2.3 deste trabalho.

principalmente com os livros da sua irmã mais velha. Tem o hábito de escolher e mexer neles sozinha, além de folhear os livros que tem em casa e contar as histórias à sua maneira, não gostando muito de parar para ouvi-las. No decorrer das mediações, aceitou ouvir duas histórias lidas por mim, mas não interagiu no momento pós-leitura. Os pais são agricultores e dizem não ter o hábito da leitura, mas ela o adquiriu em decorrência da irmã, que já está na escola. No decorrer da pesquisa, os profissionais da enfermagem disseram que ela prefere os livros aos brinquedos, sempre escolhia alguns livros para levar para o leito. Foram contabilizados 14 livros emprestados.

A partir de uma conversa com a mãe de ML3, ela afirma que a menina trouxe de casa a prática da leitura e o contato com os livros. Os comentários dos profissionais do setor de pediatria também revelaram esse aspecto, segundo a mãe da criança: *“Ah, a enfermeira disse que nunca viu uma criança preferir mais o livro do que o brinquedo”* (MML3). Estava sempre com alguns livros no leito, interessada em folhear e contar histórias a sua maneira, tendo o livro como refúgio das tensões geradas na hospitalização.

Pude observar sua atitude perante o uso do livro como amenizador das suas tensões quando seus pais descobriram a possibilidade dela estar com câncer; ao ver os pais chorarem, a menina chorou junto, mas quando a terapeuta ocupacional do setor a convidou para ir até a sala escolher alguns livros que estavam comigo, para que ela pudesse mexer, ela prontamente foi e parou de chorar, refugiando-se nos livros, esquecendo, por algum tempo, daquele sofrimento observado no comportamento dos pais.

É possível observar, na Figura 6, com relação a ela preferir livros a brinquedos; percebo a importância que ML3 vê nos livros e nas suas diversas histórias. Afinal, “a literatura ajuda as crianças a descobrirem que existem palavras para descrever o exterior, para nomear o que acontece em seu interior” (COLOMER, 2017, p. 27). A Figura 7 mostra o livro que ela escolheu:



Figura 6 – Fotografia de ML3 com livro-brinquedo *O Jardim Encantado das Fadas*
Fonte: Acervo da autora (2019).



Figura 7 – Foto do livro-brinquedo *O jardim Encantado das Fadas*.
Fonte: Acervo da autora (2019).

Os profissionais de saúde afirmam que a leitura “[pode] trazer um momento de mudança de foco. A criança viaja para outra realidade e mergulha na história [...], pode manter seu desenvolvimento cognitivo” (EF3). Foi o que aconteceu com a menina ML3, quando foi convidada para ir até a sala de leitura, conforme dito. Além disso, outra profissional afirmou: “Acho muito interessante para ‘distrair’ a criança da internação e procedimentos hospitalares, os quais alteram a rotina das crianças e dos pais/cuidadores” (EF2). Não posso afirmar que houve uma ressignificação daquele sofrimento, apenas que, momentaneamente, ela conseguiu se refugiar nos livros, no ato de folheá-los e voltou a sorrir enquanto estávamos na sala de recreação.

Ao refletir sobre o fato dos sujeitos se refugiarem nos livros, observo que isso já tem início na infância e permanece por toda a vida, como forma de fugirem da realidade e esquecerem o sofrimento momentâneo. Ou seja, “a literatura ajuda a processar aquilo que não se pode suportar na vida real e permite ir avançando lentamente na interpretação” (REYES, 2012, p. 81). Como já descrito sobre ML3, que aceitou sair de uma situação de tensão na qual se encontrava, aceitando se refugiar nos livros; enquanto folheava, ela esquecia momentaneamente a situação que havia gerado seu choro.

Assim, posso inferir que a mediação da leitura literária pode acontecer por intermédio de qualquer pessoa, como afirmou a profissional F2, reiterando que,

a leitura é *“uma ideia ótima para incentivar o lúdico para crianças e tirá-las da rotina hospitalar”* (F2). Pude observar que os profissionais convergem acerca da presença da ludicidade, da influência da leitura no cotidiano da criança. Sendo assim, no caso de ML3 a maior contribuição do uso do livro em sua hospitalização se dá pelo refúgio que ela apresenta nos livros.

3.1.2 O menino-lobo e sua nova descoberta

H3 é um menino que tem medo de lobo, ainda não está na escola e, recentemente, teve seu primeiro contato com os livros. Sua mãe conta que descobriu o interesse dele pelos livros quando o levou para participar da Coorte³¹ e lá lhe deram um livrinho. Antes disso, ela achava mais fácil colocar desenhos na internet para ele ver e ouvir as histórias, pois a família não gosta de ler e nem tem o hábito de leitura. A partir da participação nesta pesquisa, observo a mãe ensinando o cuidado que ele deve ter com os livros, a forma de pegar e virar as folhas, etc. Tem seu primeiro contato com os livros-brinquedos e no período de internação troca os livros com seu colega de quarto, V5. Foram contabilizados 5 livros emprestados.

A partir do relato da mãe sobre H3 recém ter começado seu contato com os livros, ela conta que ele tem medo de lobo mau, como visto na Íntegra: *“[...] só que ele tem medo do lobo mau né, fala em lobo lá em casa, lá em casa tem uma peça que ele não vai porque é meio escura, então ele tem um medo, um medo daquela peça, mas ele tem medo do tal do lobo mau”* (MH3). Partindo desse medo e refletindo sobre uma forma de utilizar a mediação da leitura e o livro como recursos terapêuticos, indiquei alguns livros como *Chapeuzinho Vermelho*³², *Os três porquinhos*³³, *Mogli: O menino lobo*³⁴. Ou seja, histórias que contêm lobos a fim de ajudá-lo a superar esse medo, sempre lidas e emprestadas após sua concordância com os livros selecionados, possibilitando que ele venha a se tornar mais resiliente no período da hospitalização.

³¹ Centro de Epidemiologia/UFPel - Institucional. Disponível em: <<http://www.epidemiologia.ufpel.org.br/site/content/cpe/historia.php>> Acesso em: 10. Mar. 2020

³² CHAPEUZINHO Vermelho. Ilustrado por Lie A. Kobayashi. Londrina: Editora Ciranda Cultural, 2013.

³³ OS TRÊS Porquinhos. Ilustrado por Lie A. Kobayashi. Londrina: Editora Ciranda Cultural, 2013.

³⁴ MOGLI - o menino lobo. Editora Abril Jovem. Sem data.

Ao observar a interação entre as crianças e os livros como *“possibilidades de adentrar outros mundos e viajar sem sair do lugar”* (F3), observo a relação de MH3 e de sua mãe com os livros e relembro um momento no qual ambos recontam a história dos três porquinhos, encenando o sopro do lobo nas três casinhas (Figuras 8 e 9), sorrindo enquanto olham as imagens, e H3 relembra as histórias que já conhecia com sua mãe. Além de auxiliar na superação do medo do lobo, poderia pensar nas múltiplas significações que esse medo tem para o menino. Pode ser um medo associado ao escuro da peça da casa, ao fato dele se sentir inseguro, ao medo de ficar sozinho, entre outras possibilidades. Nesse caso, o livro e a mediação estão em um processo conjunto e visível na prática de leitura entre a mãe e o filho, potencializando, a partir da leitura da história, o efeito terapêutico e aliviador de tensões.



Figura 8 – Fotografia de H3 folheando os livros.
Fonte: Acervo da autora (2019).

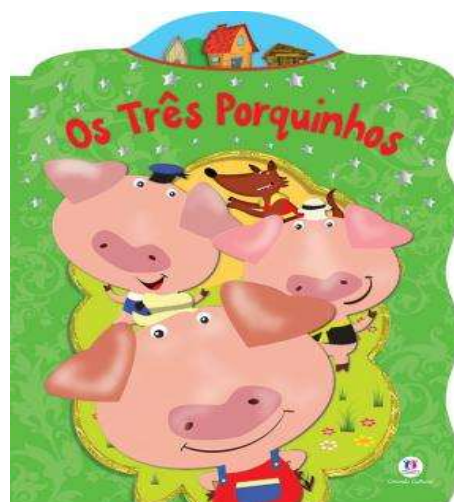


Figura 9 – Fotografia do livro encenado por H3 e sua mãe.
Fonte: Acervo da autora (2019).

Destaco a importância dos laços afetivos nesse momento, e o quanto é benéfico quando pessoas próximas se tornam mediadores da leitura, nesse caso, sua mãe. É possível corroborar o pensamento dos profissionais de saúde, quando trazem os seguintes relatos acerca da mediação da leitura, vista *“como uma distração e uma forma de apresentar os livros e criar costume de ler pois maioria de nossos pacientes não têm hábitos de leitura”* (TE1), além de considerar a leitura de livros uma maneira *“importante, pois estimula a leitura, há a possibilidade de integração da família com a criança”* (EF1).

O relato de TE1 reforça a importância da mediação da leitura e dos livros dentro do ambiente hospitalar. Para o caso relatado, a importância de “hábito” de leitura parece sobressair, no entanto, quando afirmo sobre a mediação da leitura literária e o uso do livro como dois recursos terapêuticos, penso para além disso, afirmo as duas práticas que possibilitam o alívio das tensões de um ambiente hospitalar para as crianças.

A partir do exposto acima, reflito que, para muitas crianças, a leitura não entrará em suas vidas pela porta principal, elas irão conhecê-la ao acaso, em locais os quais não têm como papel social o objetivo de propagá-la. A leitura estará à espreita e os leitores em potencial, de alguma forma, se sentirão atraídos a conhecê-la. Assim como ocorreu com H3 (Figura 9), que, em uma visita médica, descobriu os livros e encantou-se por eles, deixando sua mãe perplexa. Como Cademartori (2010, p. 11) afirma:

Tal circunstância, ao contrário do que pode parecer, não diminui sua potencialidade. Ao contrário, pode aumentá-la, dependendo da intermediação que o adulto fizer, uma vez que, dificilmente, a criança poderá prescindir desse terceiro, entre ela e o livro, para se tornar leitor.

Dessa forma, com o mediador atuando entre o livro e a criança, a mediação da leitura literária poderá se mostrar potente, promovendo momentos marcantes na vida das pessoas que se sentem atraídas por ela, tal como ocorreu com H3, que, apesar de sua família não ter o hábito da leitura, os livros e suas histórias o encontraram em um local atípico de sua vida, deixando transparecer para sua família o seu provável interesse pela leitura. Sendo possível ver um desses momentos na Figura 8.

Além disso, o relato de TE7, corrobora o que menciona a autora supracitada ao afirmar que *“muitas crianças não têm, em seu cotidiano, a leitura, porém, todo método de incentivo à leitura é válido, o manuseio do livro é uma conexão com a leitura. Na pediatria, a hora do conto com fantoches seria bem confortável”* (TE7). O relato da mãe de H3, mostrando-se surpresa com a nova descoberta do filho, também nos ajuda a pensar sobre a importância do incentivo à leitura:

Ah ele adora ler, ele gosta de ler sim. Fui descobrir isso agora, eu o levei na pesquisa da coorte e tinha um livrinho de historinha, aí ela me deu pra olhar com ele e ele se interessou. E aí agora, até pra entreter ele aqui, a gente comprou um livrinho de pintar e de rabiscar e ele fica com aquilo, rabiscando, rabiscando. Não sei quem me falou esses dias,

eu acho que ele vai gostar de ler. Porque eu não gosto de ler, se gostar de ler, vai ser o único, o único. (MH3)

É possível observar, no excerto acima, a visão da mãe de MH3 acerca do livro e seus modos de uso: ela assemelha os livros de história aos livros de pintar, ou seja, sua concepção de que o livro entretém e ajuda a passar o tempo de forma mais leve. No entanto, sabemos que existem diversos gêneros literários, materialidades, formatos e assuntos, além das funções que os tipos de livros podem ter, como livros para a leitura de uma história, de pintar, livros de montar, de brincar, entre outros exemplos.

Sendo assim, a contribuição se deu pela inserção do uso do livro na hospitalização, a fim de que MH3 conseguisse superar seu medo de lobo, potencializando o alívio das tensões daquele momento e fortalecendo o elo entre ele e sua mãe, a partir do momento em que ela assumiu o papel de mediadora na leitura das histórias e ambos dialogaram acerca dos lobos presentes nas histórias e o medo do menino. Não é possível afirmar que a mãe seguiu assumindo o papel de mediadora no dia a dia, após o período de hospitalização, mas, enquanto estava hospitalizado, foram oportunizadas leituras com essa finalidade. De qualquer maneira, a mediação da leitura literária e o encontro com o livro foram oportunizados pela pesquisadora.

3.1.3 A leitora brincalhona e saltitante

M7 é uma menina que gosta de histórias de princesas, tem interesse pelos livros, gosta de ouvir histórias e diz conhecer várias (*João e Maria*, por exemplo), além de ter o costume de pegar livros emprestados na escola. No decorrer das mediações, observo que gostou de explorar os diversos tipos de livros existentes no acervo da sala de recreação. A leitura não está entre suas atividades favoritas, prefere livros curtos para que sobre tempo para brincar (mesmo na hospitalização). No entanto, criou o hábito de escolher novos livros diariamente e levá-los ao leito para que pudesse folheá-los sozinha ou para sua mãe ler as histórias para ela. Foram contabilizados 15 livros emprestados a ela.

A menina M7 ainda não sabe ler, é aluna do 1º ano na escola, mas o gosto pela leitura, de acordo com sua mãe, foi adquirido de sua avó, leitora voraz de romances como *Julia* e *Sabrina*. Além disso, relata que a filha ainda está em

processo de aprendizado da leitura, não consegue ler sozinha, mas que a irmã mais velha costumava ler para a menina algumas histórias em casa, sempre antes de dormir. Assim, disponibilizo o empréstimo de livros para que sejam lidos à noite pela mãe, inserindo uma rotina para a família no período de internação.

A partir das vivências com a mediação, foi possível corroborar o diálogo de M7 com o que diz Petit (2013, p. 67), ao afirmar que “a leitura é uma via de acesso privilegiada a esse território íntimo que ajuda a elaborar ou a manter o sentimento de individualidade, ao qual se liga a capacidade de resistir às adversidades”. Com a inserção da leitura no contexto de hospitalização de M7, como mostra a Figura 10, posso inferir que o livro a ajudou no alívio das tensões e a fez “viajar” para outros lugares, passando-lhe uma sensação de segurança que não havia sentido no hospital, pois ela conseguiu expressar em palavras o que sentia, como destaque no diálogo a seguir:

M: Como tu te sente quando lê?

M7: Fico boa.

M: Boa como?

M7: Eu fico boa assim, parecido com quando eu não to no médico. Fica parecendo que eu não to aqui.

M: Ah que legal, então ler um livro faz tu sentir que tu tá em casa?

M7: É.



Figura 10 – Fotografia da mediação da leitura com M7.
Fonte: Acervo da autora (2019).

Na função de mediadora da leitura, acabei interferindo na resposta da criança ao perguntar se ler um livro trazia a sensação de estar em casa. A

resposta da criança, apesar de ter sido “é” não teve maior continuidade e, talvez, não seja o que realmente ela gostaria de ter dito, por ser um diálogo curto, sem aprofundamentos.

Corroborando a fala de M7, alguns profissionais, ao serem questionados acerca da influência da leitura no cotidiano da criança internada, afirmaram que: “[a leitura] *influencia de forma positiva ao tratamento por ser um momento de fantasia, de sair da rotina da internação, de novidade para a criança internada*” (EF5). Assim, partilho do mesmo pensamento, pois vejo a contribuição da mediação da leitura realizada por diversas vezes na sala de recreação e do uso dos livros, a partir do empréstimo deles para que M7 pudesse ouvir, em seu leito hospitalar, as histórias escolhidas por ela ou, algumas vezes, sugeridas por mim. Além disso, outro profissional relata se tratar de “*Uma ótima iniciativa. Mas principalmente se alguém vier “ler” para elas*” (TE2). Ou, ainda, ao ser questionada sobre M7 gostar de ler e ter livros em casa, MM7 diz:

Ela tem sim, mas ela não sabe ler né. A gente que lê. Ontem mesmo, aquele livrinho mesmo que ela levou, meu Deus, quase morri lendo pra ela, mas ela gosta [...] como ela não sabe ler, ela inventa, ela vai inventando, olhando, vai olhando as figura e dizendo o que é que tem na figura né, mas ela gosta bastante de ler, que a gente leia pra ela, ela se interessa. (MM7).

Assim, o fato de M7 avisar sua avó antes de dormir, para que, caso eu passasse por lá, ela gostaria de trocar os livros para ler histórias novas no final de semana, reafirma os excertos acima. Noto o incentivo advindo dos pais com relação à leitura, mesmo quando eles não gostam ou não têm o hábito, como no diálogo entre mãe e filha, quando M7 chega no quarto e mostra pra MM7 os livros que escolheu “*E quem é que vai ler isso tudo?*” (MM7), e M7 responde “*A mãe né*”. Corroborando a fala de TE4, quando afirma notar alguns efeitos com relação ao tratamento durante a internação após a leitura dos livros “*tanto na interação como no convívio com outros profissionais e crianças*” (TE4).

Sendo assim, M7, ao verbalizar para mim que quando ouvia uma história se sentia como se não estivesse no hospital, afirma a contribuição da mediação da leitura na sua hospitalização. Afinal, “*tanto a leitura quanto outras formas de brincadeira favorecem a experiência da hospitalização infantil*” (P1), convergindo para uma visão da leitura como brincadeira, fazendo parte do repertório da sala

de recreação a fim de distraí-la dos acontecimentos característicos do hospital e distanciá-la do mundo real.

3.1.4 O ouvi(dor) de histórias

P4 é um menino que ainda não sabe ler nem está na escola, entretanto, a mãe relata que ele já tem contato prévio com os livros; percebo que sabe folhear e presta bastante atenção na história lida, interagindo comigo enquanto realizo a mediação da leitura literária. No decorrer das mediações, observo que a mãe está sempre atenta à forma como leio e mexo nos livros e, alguns dias depois, vejo que ela começa a ler pra ele da mesma forma que eu leio, mostrando o livro para que ele possa acompanhar as imagens, por exemplo. P4 sempre preferiu que eu lesse os livros para ele, mesmo que ficasse com eles para a mãe ler novamente, e tinha preferência por histórias com bruxas. Com relação à pergunta do título do primeiro livro lido por mim *Para que serve um livro?*³⁵, P4 traz a significação de que o livro serve pra ler, embora ele mesmo diga que ainda não sabe ler, demonstrando uma concepção do que é a leitura. Foram contabilizados 12 livros emprestados a ele.

Previamente ao período de hospitalização, P4 não tinha um contato direto com os livros, ele os conhecia e sabia manuseá-los, mas sua mãe não tinha o costume de ler para ele as histórias, apenas as contava em voz alta, sem apoio visual ou algo parecido. Após algumas mediações, pude observar que a mãe começou a utilizar o livro como apoio visual e se mostrou interessada em seguir lendo para seu filho. Solicitou o empréstimo de livros e demonstrou interesse em saber no que a leitura de histórias poderia auxiliar no desenvolvimento infantil do menino para além daquele período da hospitalização. Novamente, considero que a mediação entre livro o leitor aconteceu nessa situação.

A partir do observado e vivenciado, para P4, o fato de ouvir histórias auxiliava na diminuição e no alívio da dor pós-cirúrgica, determinando um efeito terapêutico da história ouvida. Sendo assim, infiro que no momento em que P4 solicitou que queria ouvir histórias, pois estava com dor e queria que ela passasse, ele estava potencializando o efeito terapêutico da mediação da leitura

³⁵ LEGEAY, C. **Para que serve um livro?** Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

neste período hostil de sua vida, conforme é possível verificar no diálogo com a criança, no qual ele termina pedindo que eu lesse para ele no leito:

M: P4, eu trouxe mais esse livro aqui, quer que eu leia pra ti?
P4: To com dor, to cansado (pedindo colo pra mãe e seu bico).
M: Tu quer que eu leia pra ti ou eu deixo pra ler depois?
P4: Eu quer que leia pra ti.

Houve outro momento no qual P4 aceita a oferta da leitura de histórias, a primeira, quando estava com dor na sala de recreação, e a segunda, quando recusou-se a almoçar naquele momento, pois ainda estava com dor e queria ouvir mais uma história. Como aponto no diálogo, a seguir:

M: A alegria do Natal (começo a contar a história e ele prestando atenção, assim como sua mãe. Depois descubro que a mãe já havia lido essa história pra ele anteriormente). O que tu achou?
P4: Eu quero outra.
M: Chegou o almoço agora.
P4: Não quero comer, eu quero outra história.

Com relação ao alívio da dor e da necessidade de P4 em ouvir as histórias e solicitá-las em momentos tensos, reitero minha afirmação de que, para algumas crianças, há o alívio das tensões geradas pela hospitalização a partir dos recursos terapêuticos utilizados nesta pesquisa, quais sejam, os livros e a mediação da leitura literária. Os relatos de alguns profissionais de saúde ilustram isso: “[a leitura] auxilia na distração da dor e desânimo causados pela internação. Creio que ajude literalmente no suporte da internação, ou seja, período não usual de distância da escola, creche, casa, amigos, familiares” (EF2). Esse profissional afirma o que é possível a partir da mediação da leitura e do uso dos livros no hospital, ajudando “no suporte da internação”, ou seja, no suposto alívio das tensões, das dores e somatizações causadas por um ambiente não usual para as crianças.

Outro profissional diz que “por meio da leitura a criança convive com o lúdico em um período bastante difícil para eles. Além disso, a leitura é uma forma bastante eficaz de transmissão de conhecimento” (F1). Nesse sentido, o profissional também se refere ao período da hospitalização como “bastante difícil” para as crianças, mas parece ultrapassar as possibilidades do ambiente hospitalar, chegando a afirmar sobre a transmissão de conhecimento.

Tal como as palavras de Petit (2013, p. 67), ao inferir que no decorrer da “leitura ou na rememoração de obras literárias (quando ler é impossível

materialmente), há algo que pode ir muito além do esquecimento temporário da dor. Algo que, no hospital, tem a ver com o sentido da vida”. Ou seja, na leitura de livros ou na história ouvida, a criança poderá encontrar um alento para seus dias difíceis, na diminuição das suas tensões decorrentes da hospitalização, possibilitados a partir da humanização do ambiente e dos profissionais de saúde que lidam diariamente com ela.

Ao considerar as vivências e a história de P4 acerca da leitura, é possível perceber que o fato de ouvir as histórias, serviu como *“um ótimo recurso de distração, aprendizado e estímulo [...]”* (EF3). A descoberta de um mundo novo, no qual ele e sua mãe se deixaram envolver, além de terem inserido a leitura como um hábito a partir do momento em que a mãe assumiu o papel de mediadora de leitura do menino.

Então, recorro do termo “antessala da escuta” (Bajour, 2013) referindo-se ao período que abrange desde a escolha das histórias, na qual o mediador já se apropria delas para, com a leitura, conseguir repassá-las ao pequeno leitor/ouvinte. Concluindo que, nesse caso, a contribuição da prática de mediação e do uso do livro se deu, a meu ver, pelo potente efeito terapêutico da leitura na dor referida por P4, além da aquisição do papel de mediadora pela mãe, vinculando-os mais fortemente a partir da leitura de uma história.

3.1.5 O pequeno contador de histórias

W7 é um menino muito ativo, prefere praticar esportes e brincar na rua; também gosta de ler, desde que seja um livro de seu interesse. Está no 2º ano e já sabe ler, além disso, seus pais e sua irmã mais velha costumam ler para ele. Curioso e questionador, interagiu bastante durante a mediação, perguntando os significados das palavras que não conhecia e pedindo para ler em voz alta pra mim, para melhorar sua maneira de ler. Durante a leitura do livro *Para que serve um livro?*³⁶, ele relata a leitura do livro no banheiro como facilitador da saída do cocô e a leitura como amenizadora nos momentos de tédio ou quando não tem nada pra fazer em casa. Sua primeira busca foi por gibis, não me trouxe motivos explícitos para essa escolha, mas tem maior proximidade com eles. Foram

³⁶ LEGEAY, C. **Para que serve um livro?** Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

contabilizados 3 livros emprestados e/ou utilizados na mediação da leitura literária por mim.

Ele adora contar histórias de sua vida, falante e espoleta, está sempre sorrindo e, aparentemente, não tem medo do ambiente hospitalar. Afirma que sua história preferida é a dos três cabritinhos, que costuma assistir a história numa plataforma *on-line*, mas que não saberia me recontar a história sem o auxílio de um livro para apoio. Sua mãe relata que ele gosta muito de ler, embora também esteja sempre ativo, praticando esportes e brincando ao ar livre. Contou, ainda, sobre o primeiro livro que ele teve interesse e que os pais compraram para ele, o qual contava a história do seu time favorito. Não trouxe queixas acerca da hospitalização e nem apresentou sintomas de tensões advindos dela, mas, enquanto líamos o livro *Para que serve um livro?*³⁷, W7 expressou em palavras um uso peculiar do livro como amenizador de tensões no seu cotidiano, sendo possível observar no diálogo a seguir:

M: Um livro pode ir com você pra qualquer lugar.

W7: Até pro banheiro, eu sempre leio um livro no banheiro, pra sair o cocô mais fácil, que às vezes tranca.

M: Ah aqui é ele contando pra que serve um livro, várias coisas né. Então tu lê quando tu vai no banheiro também?

W7: Aham, até quando eu tô com tédio.

M: Quando tu tá com tédio, e melhora o tédio?

W7: Aham.

Não há verbalização de W7 com relação às tensões relacionadas à hospitalização, mas é possível observar que já existe uma significação prévia da leitura em seu cotidiano. Ou seja, a tendência é de que, caso ele viesse a se sentir entediado enquanto permanecesse hospitalizado, saberia recorrer à leitura como aliviadora desse sentimento. Além disso, ele solicitou gibis para levar para o seu leito, após a mediação da leitura realizada na sala de recreação, demonstrando certa preferência por esse tipo de leitura.

Assim como “ouvir histórias baseadas na leitura de livros é mais que se envolver com uma narrativa, é também participar de práticas de leitura que supõem uma relação com o outro e com o mundo” (MACHADO, 2012, p.19). Mundo no qual lidamos com o medo, com as adversidades – como a hospitalização –, tendo, na mediação de leitura, o acalento para a superação dos

³⁷ LEGEAY, C. **Para que serve um livro?** Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

temores e do tédio (tensões trazidas por MH3 e W7). Corroboro acerca de que “os livros ajudam a saber que as imagens e as palavras representam o mundo real” (COLOMER, 2017, p. 31-32).

Reitero essas afirmações com os seguintes relatos dos profissionais de saúde: *“apesar de muitos pacientes ainda não ser alfabetizados, a simples ação da leitura e manuseio desperta a vontade de aprender deles, a fantasia de se tornarem um personagem”* (TE6); além de ser *“uma ótima iniciativa. Mas principalmente se alguém vier “ler” para elas”* (TE2). No caso de W7, vejo a contribuição quando ele se permitiu vivenciar a mediação da leitura e solicitou o empréstimo de livros e gibis no leito, reforçando a ideia de que, para ele, a leitura por si só já era previamente significativa. Ou seja, ele já conhecia seu efeito aliviador de tensões e, antes mesmo de senti-las, já recorreu a elas para amenizar a hospitalização.

3.1.6 Ouvi(n)do histórias

L7 é um menino que gosta de contar histórias sobre a sua vida, está no 2º ano e aprendendo a ler. Apesar de não gostar muito de ler livros em casa, diz ter o costume de ler em função da escola, mas, se possível, prefere ouvi-las. Durante as mediações, conta que seu pai lê algumas histórias para ele, em uma classe de aula antiga que tem em casa, cheia de livros. Observo que quando escolhia um livro, preferia olhar todas as imagens primeiro para só depois ler ou ouvir a história do livro e sempre perguntava sobre as palavras que não conhecia. Foram contabilizados 5 livros emprestados a L7.

A partir da mediação da leitura de um livro previamente escolhido por mim, trago a proximidade da história de L7 com o elefante Otis³⁸ (Figura 11), pois ambos estavam com dor no ouvido. A partir da leitura em voz alta, há uma identificação com a personagem, momento no qual, a meu ver, houve o efeito terapêutico, pois, a partir disso, L7 conta como se daria o procedimento invasivo – o uso de um tubo de ventilação para a retirada de secreção do ouvido, em decorrência de uma otite que não curou – que seria feito em seu ouvido no dia posterior. Ou seja, há uma introjeção da história lida e uma elaboração de seus

³⁸ OTIS em: meu ouvido está doendo!. Editora Bristol-Myers Squibb Brasil, 1996.

possíveis medos com relação ao procedimento, amenizando seus anseios, como destaco a seguir:

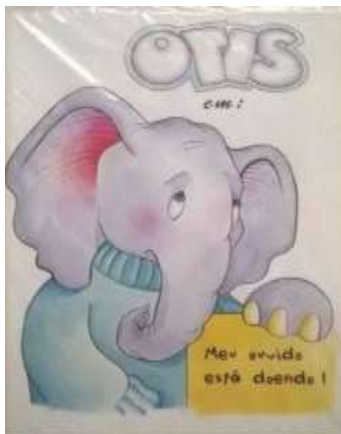


Figura 11 – Fotografia do livro *Otis*.
Fonte: Acervo da autora (2019).

M: Quer eu leia esse aqui pra ti? Esse é o Otis em: Meu ouvido está doendo (Figura 11).

L7: Parece eu. (ele começa a repetir as falas; e presta bastante atenção). Já foi 2 dias, e agora tô no 3º dia. [...] muito legal esse livro. Amanhã vou fazer uma coisa, aí minha irmã disse que eu tenho que contar até 10, e que no 3 eu vou tá dormindo. Ai só vão enfiar um caninho pra dentro, pra ver como é que tá o meu ouvido. Ai eu nem vou lembrar, vou tá, tipo assim, desmaiado.

A existência de uma simbolização do real, conforme dito pelo profissional no trecho a seguir, é perceptível na fala da criança que se identifica com o personagem do livro por apresentar o mesmo problema relacionado à dor de ouvido. Consolido minha afirmação com o relato de P1, quando afirma, a partir de uma visão mais científica e calcada em conceitos previamente estabelecidos, que a leitura de livros:

pode facilitar o processo de hospitalização e adoecimento para a criança e seus familiares, uma vez que possibilita a simbolização da experiência real da doença através da narrativa da história. Porque através da leitura a criança pode acessar o faz de conta, o que é importante para o desenvolvimento emocional. (P1)

E com TE6, que traz a relação do simbólico com a criança e o livro, pois vê, na leitura de livros para as crianças,

um momento de descontração e entretenimento para as crianças, uma proposta válida que auxiliaria na recuperação e colaboração dos mesmos ao tratamento, com temas que abrangem manipulação de dispositivos como acessos periféricos, seringas, diminuindo o medo. (TE6).

Com a leitura de um livro no qual a personagem tem o mesmo diagnóstico de L7, é possível utilizar a imaginação e, a partir do lúdico, adentrar nos anseios do menino, a fim de amenizar este período. Visto que, “ouvir histórias baseadas na leitura de livros é mais que se envolver com uma narrativa, é também participar de práticas de leitura que supõem uma relação com o outro” (MACHADO, 2012, p. 18-19). Assim, quando F2 afirma que a leitura contribui “*levando a universos alternativos, estimulando a imaginação, fazendo-as viajar o mundo sem sair dos quartos*” (F2), pondero acerca da simbolização entre o real e o imaginário que as crianças poderão alcançar através da fantasia presente nas histórias contidas nos livros. Tal como Corso e Corso (2006, p. 303) afirmam, a partir da definição das histórias, dizendo que elas

não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem.

Assim como os pais que, mesmo não tendo práticas de leitura, trazem a importância da leitura no desenvolvimento intelectual dos filhos, principalmente referenciando a escola, como quando ML7 diz “*pega aí que depois a mãe vai ler pra ti*”. Ou, ainda, MV5 ao falar sobre a interação que a leitura do livro trouxe no quarto onde “*todo mundo gostou (MEXA-SE!³⁹ em 3D), elas leram pra ele, que elas vêm aqui brincar um pouco todo o dia e leram esse livro de novo. Eu tive até que imitar os bichos, ontem de noite. Foi muito legal, muito mesmo*”.

Sua mãe traz a leitura como forma de passar o tempo mais facilmente, já que os dias são longos no hospital; embora não goste muito de ler, a mãe leu para ele algumas histórias do gibi do Cascão. Com relação à pergunta do título do primeiro livro lido por mim *Para que serve um livro?*⁴⁰, L7 traz a significação de que o livro serve para ler, ou seja, uma ideia pré-concebida, mesmo por aqueles que não tenham o hábito da leitura.

Sendo assim, a contribuição da mediação da leitura e do uso do livro, neste caso, deram-se a partir do simbólico, a fim de trazer a história para sua realidade e verbalizar sobre o procedimento invasivo que seria feito no dia

³⁹ SEDER, Rufus Butler. **Mexa-se!**. Ilustrações do Sistema Scanimation. Editora Sextante Infantil, 2010.

⁴⁰ LEGEAY, C. **Para que serve um livro?** Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012

posterior à aplicação da mediação, conseguindo elaborar e amenizar seus medos e anseios. Ou seja, a partir da imaginação da criança e a simbolização do real e do imaginário, a leitura poderá auxiliar no enfrentamento das tensões e dos possíveis traumas gerados a partir da hospitalização.

3.1.7 A leitura como refúgio

E9 é um menino que gosta muito de ler, está no 4º ano e sua mãe relatou que ele apresentou dificuldade no aprendizado do ato de ler. Gosta de treinar a leitura em voz alta, solicitando que eu escutasse uma história lida por ele, pois estava tentando melhorar sua forma de ler, já que estava engrenando na leitura. Não quis ouvir histórias lidas por mim, disse que preferia escolher os livros e lê-los em silêncio, no leito, pra não incomodar os colegas de quarto.

Antes mesmo de convidar E9 para participar da pesquisa, ele já havia solicitado o empréstimo de livros, pois havia visto na sala de recreação durante o final de semana e ninguém tinha a chave do armário. Quando cheguei para convidá-lo, em uma tarde, já estava lendo *Diário de um banana*, vol.1; havia conseguido escolher um livro na segunda-feira pela manhã. Ele tem, na leitura, o seu lazer no tempo livre em casa, além dos jogos no celular. Observo que ele não conhecia alguns tipos de livros (*pop-ups*, de sons, brinquedo), mas fica alegre ao ter o primeiro contato com eles. Foram contabilizados 4 livros emprestados a E9 para a leitura no leito.

Seus familiares afirmaram que ele sempre teve dificuldade na leitura, *“tinha muita dificuldade na leitura, agora ele aprendeu a ler né, custou, custou, mas agora foi. Agora que aprendeu a ler né, agora foi”* (familiar de E9). Ao conversar com sua mãe, ela traz a leitura como uma forma de entretenimento e passatempo, para amenizar os longos dias da internação. Assim, abri o armário e mostrei a E9 alguns tipos de livros diferentes. O menino ficou fascinado com os livros-brinquedos, reconheceu um de poesia, mas não gostava desses; ele preferia gibis a qualquer outro tipo de livro. Então me contou que tinha gibis em casa, que esses eram os seus livros preferidos:

M: que tipos de histórias tu gosta de ler?

E9: histórias? Do Tio Patinhas, são essas histórias que eu gosto de ler. Mas não tem né? [...]

M: aqui tem do Tio Patinhas.

E9: da Mônica também, é os livros que eu gosto.

Portanto, mostrei a ele outras opções de histórias em quadrinhos e livros condizentes com sua preferência. Apesar de que, em nenhum momento, ele tenha verbalizado que a mediação da leitura e/ou o uso do livro ajudavam na hospitalização; ao ter tido a iniciativa de ir em busca de um livro fosse para “passar o tempo”, para “treinar a leitura” ou pra se refugiar em seu próprio mundo, é possível inferir que o livro, de alguma forma, o ajudou. Afinal, ele encontrou na leitura o seu refúgio durante a hospitalização.

Foi possível observar sua preferência por gibis pelo o fato de possuírem textos curtos e muitas imagens, com diversas formas de expressão e ações do cotidiano, por exemplo. Esse tipo de livro é acessível em seu conteúdo, pois, mesmo as crianças não-alfabetizadas conseguem lê-los à sua maneira e utilizam a imaginação a fim de explorar os diferentes tipos de gibis e as representações do mundo real, através do simbólico encontrados nas historinhas. Reitero esse posicionamento com a citação de Cademartori (2010, p. 20), ao afirmar que:

a tendência atual da produção infantil, no entanto, especialmente em livros para leitores iniciantes, é a valorização dos dois textos, o visual e o verbal, sendo mantida a interação entre eles que estimula múltiplas percepções, possibilitando diversos reconhecimentos e interpretações nas leituras dos textos compostos por diferentes signos.

Assim, vejo em E9 a busca por histórias novas, pela descoberta do prazer em ler silenciosamente, pela possibilidade de ser um explorador num mundo até então desconhecido. Além da mediação da leitura, com indicações de novos estilos de leitura, a potente contribuição para este caso se deu pela organização do espaço para empréstimo dos livros no ambiente hospitalar, fortalecendo a relação de E9 com os livros, ainda que nos finais de semana não houvesse essa possibilidade.

Portanto, “a leitura, oral ou silenciosa, permite, em certas condições, recriar um pouco essa continuidade, essa área transicional [...], e assim suportar melhor a dor da separação” (PETIT, 2013, p. 72). Exatamente o que aconteceu com E9, que se permitiu vivenciar a leitura em suas diversas interfaces, nas quais eu li para ele em voz alta, ele solicitou que lesse para mim pois estava aprendendo a ler e queria melhorar sua entonação, e solicitou o empréstimo de livros, para que pudesse manter seu hábito de leitura, já trazido de casa com os gibis, mas se permitindo acessar novos gêneros e diferentes tipos de livros.

3.1.8 (Re)existência no ato de ler

JP9 é um menino que não gosta mais de ler. Quando pequeno, seus pais costumavam lhe contar histórias, mas, ao entrar na escola, perdeu o interesse e o gosto pela leitura. Diz que ler é chato. Após um tempo de mediação, observo que a mãe faz uso da leitura em voz alta como uma forma de tentar incentivá-lo a melhorar o processo de aprendizado da leitura. A partir dos relatos da mãe, descubro que ele está no 4º ano e que apresenta dificuldade para ler, afirmando que ele criou uma aversão à leitura, por ela ter se tornado obrigatória na escola. Quando questiono quais livros JP9 mais gosta, ele me fala sobre os gêneros literários (poemas, trava-língua, brinquedo, etc.) que conhece e diz não ter preferência por nenhum. A mãe diz que a leitura no hospital ajudou na distração da cabeça, tanto para ela como pra JP9. Foram contabilizados 6 livros emprestados a ele, que foram indicados por mim.

Apesar de JP9 verbalizar que não gosta de ler livros, sua mãe relata que, quando pequeno, ele gostava de ouvir as histórias que ela contava oralmente, sem o apoio de livros e que eles têm muitos livros do programa Leia para uma criança⁴¹ do Itaú Social, mas, ao entrar na escola, o menino perdeu o interesse e o gosto pela leitura. Como pode ser observado no seguinte trecho de um dos nossos diálogos, quando MJP9 diz: *“Escolhe uma história, mas que a gente não leu ainda. As diferentes que são interessantes, essas do Itaú a gente já leu todas, que a gente tem todas lá em casa. As que tu já viu não adianta”*.

A partir da fala acima, é possível refletir acerca da dificuldade em aceitar a leitura de livros como ócio ou para seu deleite; a criança é orientada a não escolher alguma história já lida anteriormente, pois a mãe considera que interessante apenas o novo. Talvez, essa visão reducionista da leitura se deve ao fato de estarmos imersos em uma sociedade capitalista, na qual não podemos ‘perder tempo’ com algo já conhecido, e sim buscar novos conhecimentos. Isso

⁴¹ O programa “Leia para uma Criança” visa o incentivo à leitura do adulto para e com a criança como uma oportunidade de fortalecimento dos vínculos e da participação ativa na educação desde a primeira infância. Além disso, busca a ampliação do repertório cultural da criança, por meio da literatura de qualidade, para seu pleno desenvolvimento. Assim, o programa seleciona livros infantis por meio de edital público, além de ofertar formações sobre mediação de leitura. Os títulos selecionados são distribuídos para a sociedade e para espaços educativos como bibliotecas, escolas, organizações da sociedade civil e instituições de assistência social. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/programas/formacao-de-profissionais-da-educacao/leia-para-uma-crianca/>>. Acesso em 01. Jul. 2020.

e a associação da obrigatoriedade da leitura não ajudam a sanar a dificuldade da criança no ato da ler, trazido pela mãe como o fato de o menino ter perdido o gosto pela leitura a partir do seu ingresso na escola.

Então, ambos, criança e mediadora/pesquisadora, folheiam vários livros a fim de escolherem os livros e observam a quantidade de texto pra não desistir no meio da leitura. JP9 tenta sabotar o combinado e escolher um livro de imagens, mas sua mãe não concorda com sua escolha de “contar uma história de sua cabeça”, então terminam por escolher *O abc do trava línguas*⁴² e *Quem lê com pressa tropeça*⁴³. É possível fazer uma conexão da atitude de MJP9 com o conceito de letramento trazido por Soares (2019), explanado no primeiro capítulo deste estudo. Enquanto a autora entende letramento como “o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares” (SOARES, 2019, *on-line*), em seus mais variados motivos, a mãe de JP9 acredita somente no fato da leitura auxiliar na alfabetização e na compreensão dos textos, desconsiderando todos os outros contextos, nos quais a leitura estará presente também.

Ao ser questionada por mim, MJP9 afirma que ela e o pai de JP9 não gostavam de ler, mas se viram obrigados a inserir a leitura em seu cotidiano, a fim de melhorar a escrita e a leitura dele na escola. Assim, começaram uma luta contra a resistência do menino à leitura de livros. Ela ainda enfatiza que se obrigou a ler para que ele seguisse seu exemplo e começasse a desenvolver o gosto pela leitura, mas, se pensarmos objetivamente, JP9 está fazendo exatamente como sua mãe, se obrigando a ler, tal como ela mesma relata.

No decorrer da pesquisa, foram diversos os momentos que observei a mãe tentando estimulá-lo através da obrigação de realizar a leitura, fosse questionando alguns pontos da história depois que ela era lida, ou fazendo JP9 ler em voz alta, a fim de treinar sua leitura. Como na seguinte fala de MJP9:

Eu me obrigo a ler por causa dele, enquanto ele não lia eu contava uma história, toda noite eu contava uma história. Só que agora que ele lê, ele não gosta mais das histórias. Acabou o gosto e o desejo pela leitura. Mas aí a gente fala, ainda dou a oportunidade, vai e escolhe

⁴² CAMPOS, R. *O abc do trava línguas*. Editora do Brasil, 2012.

⁴³ JOSÉ, E. *Quem lê com pressa tropeça*. Ilustrações de Nelson Cruz. Editora Lê, 2012.

qual que tu quer ler, e aí ele tem que ler em voz alta pra todo mundo né, a gente já leu tanto pra ti, já tá na hora, lê pra mim e pro pai em casa. (MJP9).

No entanto, esse tipo de atitude da mãe apenas reforça a resistência do menino, que segue com aversão à leitura, sobretudo, à literatura. Noto uma mãe que tenta obrigar o filho a gostar, ao mesmo tempo que impõe a leitura como algo obrigatório no seu próprio cotidiano e não como algo prazeroso. Me questiono se, nesse caso específico, a leitura, em conjunto com a literatura, tem como função apenas o auxílio para ler e escrever melhor – como afirma MJP9, ou se ela ainda poderia ter sua função humanizadora, trazida por Candido (2011) ao nos tornarmos “mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2011, p. 180). Diferentemente da humanização trazida na Política Nacional de Humanização – Humaniza SUS, Candido (2011) entende como um processo que, estando presente no indivíduo, contém alguns aspectos considerados essenciais como

o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2011, p. 180).

A partir disso, entendo que o papel da literatura é oferecer voz aos que a acessam, criar modos de pensar e modos de refletir sobre as adversidades e os acontecimentos da vida, além de nos trazer um olhar mais humanizado perante o outro, ainda que estejamos em posições diferentes. Dentre os aspectos destacados, observo alguns em JP9, como a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções e a capacidade de penetrar nos problemas da vida (e entender os sentimentos trazidos através das histórias, como em *Vovô foi viajar*⁴⁴), além do cultivo do humor, embora um pouco sarcástico. Para JP9 não há motivação para a escolha e leitura de um livro, ainda que ele possa escolher o livro a ser lido. É possível visualizar isso quando MJP9 tenta estimulá-lo dizendo:

Nós já viemos buscar de manhã, e a gente levou um que a gente achou perdido aqui [...] Tem que ler, a gente tá de férias, a gente tá sem estudar, o que eu já te disse, a leitura ajuda depois até nas coisas de português que tu não sabe. Quanto mais ler, mais palavra vai aprender a escrever certo e vai entender as coisas melhor. É só uma preguicinha

⁴⁴ VENEZA, Maurício. **Vovô foi viajar**. Editora Compór, 1999.

que dá, porque as histórias são legal, vai dizer que a história do livro não é legal? Tem algum livro que a gente lê que a história não é legal?

Depois dessa pergunta feita pela mãe, JP9 responde a ela: “a maioria”. No decorrer das mediações realizadas, dois livros chamaram atenção com suas peculiaridades: *O mundo inteiro*⁴⁵ e *Vovô foi viajar*⁴⁶, ambos na Figura 12. Após a mediação da leitura do livro *O mundo inteiro*, iniciam os questionamentos da mãe de JP9 acerca da leitura: “E aí, me conta que eu não ouvi. Como é que foi a história? Me conta a história” (MJP9), então ele responde “As coisas de quase todo mundo, que o frio e o quente, o vento e o do mundo inteiro” (JP9). O menino tenta ser objetivo nas suas respostas, mas não consegue encontrar palavras concretas para explicar a leitura que ouvira, então sua mãe finaliza a rodada de perguntas de interpretação dizendo “Ah a maioria das histórias do Itaú são assim, elas puxam o imaginário” (MJP9).



Figura 12 – Fotografia dos livros utilizados com JP9.
Fonte: Acervo da autora (2019)

Corroborando o pensamento de MJP9, Petit (2008, p. 103) reitera que “a leitura poderia ser a chave para uma série de transformações, [...] sobretudo para uma recomposição das representações, das identidades e das relações de pertencimento”. No entanto, reflito que JP9 não se sente atraído e muito menos pertencente à leitura e suas diversas possibilidades, tanto pelas observações realizadas como pelos diálogos e vivências. Assim como não tem significado para ele o fato de que a leitura “*Ativa a imaginação, ajuda nas atividades cotidianas assim como as escolares*” (TE3), fazendo um contraponto entre a visão do menino JP9 e a do profissional de saúde (TE3), que relata aspectos do senso comum defendido pela maioria das pessoas: quem lê tem mais

⁴⁵ SCANLON, Liz Garton. **O mundo inteiro**. Ilustrações de Marla Frazee, Editora Paz e Terra, 2009.

⁴⁶ VENEZA, Maurício. **Vovô foi viajar**. Editora Compor, 1999.

imaginação; quem lê será melhor nas atividades escolares, ou seja, a referência da escola é citada por muitos participantes da pesquisa. No entanto, me incomodo e questiono se é somente para isso mesmo que lemos leitura literária.

No decorrer das mediações realizadas com JP9, ocorreu um fato curioso com relação à escolha dos livros: ele e sua mãe escolheram dois livros para ambos lerem em voz alta, mas, ao invés de ler a sinopse do livro para saber a temática da história, JP9 escolheu pela quantidade de texto, tamanho e título do livro. Como sua mãe o deixava à vontade para escolher, ele optou pelo livro *Vovô foi viajar*⁴⁷, esperando que fosse uma viagem de carro, ou para algum local diferente. No entanto, se tratava da morte do vovô, uma história contada por sua neta.

É possível inferir que o diálogo 2 demonstra a abertura de diálogo que propus para a mãe de JP9, no qual ela demonstra se sentir acolhida para que pudesse ser sincera comigo e trazer sua opinião e percepção acerca do livro escolhido e lido por ambos. Além de ser interessante observar a reação dos dois acerca dessa situação: enquanto ele é objetivo e não viu problema algum, sua mãe maximizou o fato de um livro infantil tratar sobre a morte. Como visto nos diálogos a seguir.

Diálogo 1:

M - JP, qual desses dois tu gostou mais?

JP - Esse (aponta pro Quem lê com pressa, tropeça⁴⁸)

M - O que que tu achou esse diferente do outro?

JP9 - É que o outro é o vovô de uma guria que morreu e esse é trava-língua.

M - Hum, trava língua é mais engraçado, né?

JP9 - Pois é. (MJP9).

Diálogo 2:

Não, e aí a história, tu viu o livro que eu peguei, eu não me atinei guria, a história da morte do vovô. Sim, eu pensei que o vovô ia viajar pro espaço, sei lá eu, aí eu comecei a ler aquilo pro guri e hum é pra outro lugar o destino do vovô. E aí no final diz ali né, não sei o que vovô morreu, e eu disse: Opa. JP9, o que que aconteceu com o vovô? E ele respondeu: Ué morreu hahaha. (MJP9).

Portanto, é possível refletir sobre o quanto os assuntos considerados tabu ainda estão presentes em nossa sociedade atual. Afinal, a literatura traz temas que estão no mundo e que refletem temas pouco discutidos, ou seja, ela “é

⁴⁷ VENEZA, Maurício. *Vovô foi viajar*. Editora Compor, 1999.

⁴⁸ JOSÉ, E. *Quem lê com pressa tropeça*. Ilustrações de Nelson Cruz. Editora Lê, 2012.

sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos” (CHARTIER, 1994, p. 13). Talvez a minha visão mais naturalística da morte seja pela formação da residência em Atenção à Saúde Oncológica, na qual a experiência e vivências da morte de muitos pacientes, de diferentes idades, me possibilitou entender a morte como algo natural da vida.

Apesar de MJP9 não ter dito em palavras, pude notar sua dificuldade em abordar um assunto que deveria ser considerado natural, até mesmo por ser recorrente na vida de todas as pessoas. Talvez, se fosse um assunto abordado desde a infância, não teríamos tanto receio em conversar sobre a morte com os pequenos. Ou, ainda, essa resistência e tensão se deem pelo fato de se encontrarem no contexto hospitalar e da proximidade com a iminência da morte, mobilizando questões internas e vivências de cada pessoa.

No entanto, este dado me motivou a refletir acerca da dificuldade que muitas pessoas têm em entender e aceitar a morte como um processo natural. Além disso, reflito sobre os diferentes sentidos e percepções entre a morte e o morrer, pois ambos os conceitos possuem dimensões e significados diferentes para cada indivíduo. Não há como simplificar a partir de um dado ou argumentar sobre um assunto tão mitificado e evitado pelas pessoas, apenas apontá-lo para que cada um reflita acerca de suas próprias vivências, considerando sua dimensão existencial.

Petit (2008, p. 43) aborda sobre a concepção trazida e o quanto os “leitores são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica, se apropriam do que leem, interpretam o texto, e deslizam entre as linhas seus desejos, suas fantasias, suas angústias”. Ao concluirmos as mediações, questiono a mãe sobre sua opinião, se a leitura ajudou JP9 a passar por esse período de internação, tendo como resposta o seguinte trecho de MJP9:

Olha, acredito que ajude né. Em algum aspecto provavelmente deva ajudar. Assim dá uma distraída né, na cabeça, ele até tava um pouco ruinzinho, mas o que é que eu vou fazer, faz parte né (se referindo a hospitalização), [...] porque ontem, claro, a gente já leu tarde né, o que eu li pra ele. Agora vou ler outro livro, vai ficar mais cansativo, aí ele não vai nem prestar atenção, mas dá uma espreitada né. (MJP9).

Observo o fato de a mãe tentar relacionar a leitura com algo bom, tentando tornar JP9 um leitor ativo e cativado. É possível observar isso em sua fala, ao afirmar: “*Eu me obrigo a ler por causa dele, enquanto ele não lia eu contava uma*

história, toda noite eu contava uma história” (MJP9). No entanto, ela mesma assume não gostar de ler, tendo adquirido o hábito a fim de estimular o filho, ou seja, ambos leem por obrigação. Acredito que, com a resistência que ambos criaram com a leitura, a concepção de leitores trazida por Petit (2008) acaba se desvanecendo, pois é possível que não se apropriem efetivamente do texto, ao passo que não há uma entrega completa no momento da leitura e da interpretação textual.

Nesse caso, mãe e filho puderam falar sobre alguns pontos em relação ao livro e à leitura durante o período das práticas de mediação. Para o ambiente de hospitalização, esses aspectos são importantes, pois puderam verbalizar aspectos acerca das suas experiências com o livro e a leitura.

3.1.9 O guri de botas

B4 é um menino que não sabe ler, não está na escola e não conhecia os livros. Ao iniciar a mediação da leitura literária, ele demonstrou interesse e sua mãe mostrou como deveria mexer nos livros, como folhear as páginas com cuidado e decidiu ler as historinhas para ele. Observei que, depois da leitura, a mãe solicitava que B4 interagisse com o livro, pedindo que ele mostrasse onde estavam os porquinhos, quais eram as cores das suas blusas, por exemplo. Ele demonstrou preferência pelos livros com texturas aos outros tipos de livros, acredito que pela questão sensorial do material. Foram contabilizados 4 livros emprestados a ele.

Discuto, agora, alguns aspectos relativos ao caso do menino B4, que não era alfabetizado. Não foi possível observar se, para B4, os recursos terapêuticos utilizados (mediação da leitura e uso do livro) tiveram algum efeito aliviador das tensões da hospitalização; somente é possível inferir que, no decorrer da mediação, ele me contou as histórias em voz alta, relacionando os livros (Figura 13) que levei com as histórias que já viu em filmes: *[apontando para Mogli, o menino lobo] esse é do menino com o urso; esse do gato [apontando para O gato de botas] é igual ao do filme aquele do gato que fica com a espada; e os três porquinhos que tem o lobo que assopra a casa”* (B4). Os livros utilizados na

mediação foram *O gato de botas*⁴⁹, *Os três porquinhos*⁵⁰ e *Mogli, o menino lobo*⁵¹, como demonstrados na Figura 13:



Figura 13 – Fotografia dos livros utilizados com B4 na primeira mediação de leitura literária. Fonte: Acervo da autora (2019).

Os livros que aparecem na Figura 13 possuem pouco texto e várias imagens, além de várias partes texturizadas, a fim de estimular o contato da criança pequena com o livro e a história. Pois, *“apesar de muitos pacientes ainda não serem alfabetizados, a simples ação da leitura e manuseio desperta a vontade de aprender deles, a fantasia de se tornarem um personagem”* (TE6). E com a leitura de livros, alcança a imaginação da criança e possibilita adentrarem em um completo mundo de fantasia, tal como a conexão destas histórias com os filmes vistos pelo menino. Então, a partir disso, B4 fez uma relação dos livros com filmes que já viu em casa, como *O gato de botas*.

A mãe não tinha a prática da leitura e relatou nunca ter lido um livro pra B4. Ele não quis ouvir a leitura das histórias, apenas quis olhar, me contar com suas palavras, para depois seguir mexendo no celular de sua mãe. Penso, naquele momento, que o letramento literário poderia estar em fase inicial para ele, visto que ele reconhece, dá função ao livro e cria histórias a partir da sua imaginação. MB4 não fez questão de se envolver como os livros, mas ao ser questionada se gostaria de ficar com alguns livros para ler ou olhar com B4 depois, ela aceitou.

⁴⁹ O GATO de botas. Editora Yoyo Books. 2018. 10p.

⁵⁰ OS TRÊS porquinhos. Editora Yoyo Books. 2018. 10p.

⁵¹ MOGLI, o menino lobo. Editora Yoyo Books. 2018. 10p.

No segundo dia de mediação da leitura literária, cheguei ao leito enquanto a mãe estava lendo as historinhas que havia deixado no dia anterior; ela pedia que ele mostrasse e nomeasse os animais e as cores, estimulando que B4 explorasse o livro. Quando cheguei com os livros novos, ele já pegou, folheou, olhou as imagens, falou que tinha dois de elefantes, nomeou objetos e as demais figuras dos livros, além de eu ter mostrado como funcionava o livro pop-up, que ambos não conheciam. Posso inferir que há probabilidade desses momentos incitarem ao letramento literário, pois Cosson (2019) nos traz a possibilidade de ele iniciar com as cantigas de ninar, no caso de B4, seria este seu primeiro contato com os livros.

Nesse sentido, reflito sobre o primeiro contato das crianças pequenas e/ou não-alfabetizadas com os livros, a possibilidade de ampliação que elas conseguem desvelar e os novos conhecimentos que adquirem, com o ato de folhear os livros e as histórias. Um olhar percebido também por outros profissionais de saúde, afinal, *“muitas crianças não têm em seu cotidiano a leitura, porém, todo método de incentivo à leitura é válido, o manuseio do livro é uma conexão com a leitura.”* (TE6). No entanto, o fato de não ter o hábito da leitura no dia a dia da criança não diminui seu potencial quando se dá o início do letramento literário, mesmo que seja em locais incomuns, como o hospital.

Tendo por lazer uma “atividade não obrigatória que é intrinsecamente motivada e realizada durante o tempo livre, ou seja, o tempo não comprometido com ocupações obrigatórias, tais como trabalho, autocuidado ou sono” (PARHAM e FAZIO, 1997, P. 250), não houve nenhum gesto, verbalização ou observação de alguma ação que remetesse ao alívio das tensões. No entanto, para o menino, o ato de me contar as histórias e folhear os livros pode ter sido visto como uma forma de desfocar a dor e a tensão, provenientes do contexto hospitalar. Além de ter feito referências aos filmes e desenhos que já assistiu com os livros que levei para ele, envolvendo a questão da narrativa e participação na pesquisa.

Antes de finalizar o relato sobre B4, gostaria de expor um fato curioso que ocorreu em minha ausência, o qual registrei em meu diário de campo: “Em certo momento, ocorreu uma situação engraçada: B4 pergunta se a doutora dos brinquedos ia passar lá naquele dia, e a mãe responde: ‘Hoje só tem a doutora dos livros’ (MB4) – fazendo referência a mim e à pesquisa”. (DIÁRIO DE

CAMPO, jul. 2019). Quando soube disso, senti que a leitura estava ocupando um espaço em sua rotina hospitalar, ou seja, que a leitura estava se tornando algo interessante para MB4 e seu filho.

3.1.10 O menino-brinquedo

V5 é um menino que ainda não está na escola, tem o estímulo da mãe para que leia livros e ouça histórias antes de dormir, como uma forma de lazer. Embora ele prefira brincar, sempre que possível, a mãe tenta inserir a leitura como algo prazeroso e legal, solicitando que ele escolha os livros na sala de recreação para que pudesse ler para ele à noite, hábito que ela optou por inserir em suas rotinas no decorrer de suas duas internações (que ocorreram no período da coleta de dados desta pesquisa). Foram contabilizados 26 livros emprestados para a mediação de leitura a ser realizada por sua mãe, sendo ele, a criança que mais escolheu livros para empréstimo no decorrer da hospitalização.

Em uma das primeiras mediações, a criança denominada aqui de V5 relata que gosta de ouvir histórias antes de dormir, um hábito que sua mãe já tinha, mas que, antes da participação na pesquisa, nem sempre via uma utilidade no livro, fazendo uso apenas da contação de histórias. Apesar de V5 gostar muito de ouvir histórias e de contá-las, tinha relacionado a leitura de livros com o momento de descansar a mente e dormir. Nossas mediações se deram de forma rápida, porque ele não tinha muita paciência em ouvir as histórias, pois queria brincar na sala de recreação. Mas concordo com a afirmação da profissional P1 ao dizer que *“tanto a leitura quanto outras formas de brincadeira favorecem a experiência da hospitalização infantil”* (P1).

No entanto, V5 demonstrou, em alguns momentos, gostar de ouvir as mesmas histórias, como é possível visualizar após o questionamento de sua mãe *“esse é o mesmo livro que nós pegamos da outra vez”* (MV5) e ele responde *“É que eu gostei desse”* (V5). Corroborando, dessa forma, o pensamento de Britto (2015), ao afirmar que *“o pequeno gosta de repetir talvez porque, para ele, o mundo seja sempre novo e, diante dessa novidade, a repetição do texto ofereça uma espécie de segurança”* (BRITTO, 2015, p. 43). Ou seja, o fato de a criança solicitar a leitura da mesma história por diversas vezes tem relação com a

sensação de segurança em seu mundo, auxiliando no enfrentamento dos medos que possam surgir, tal como no decorrer da hospitalização.

O menino foi internado duas vezes durante o período da coleta de dados, sendo possível observar que a mãe levou a prática da leitura de livros para o seu cotidiano. Considero este um ponto bastante positivo da pesquisa, ou seja, a partir da primeira internação, a mãe adquiriu o papel de mediadora da leitura com seu filho, tornando a leitura de livros um hábito e mantendo a contação de uma história todos os dias, antes de dormir; esse comportamento, que começou a partir da primeira hospitalização, se estendeu para o ambiente da casa.

É possível perceber que o menino tem sua história preferida, a qual é contada pela mãe sem o auxílio dos livros, desde muito pequeno; menção trazida no diálogo realizado antes de iniciarmos as mediações da leitura:

M: Deixa eu te perguntar uma coisa, tu gosta muito muito de ouvir histórias?

V5: Gooosto.

M: E tu ouve histórias sempre antes de dormir?

V5: É, gosto.

M: Qual a tua história preferida?

V5: A minha história é a do Pé de feijão.

M: Ah a do João e o pé de feijão?

V5: É, do João e do feijão, e ele sobe lá no céu.

Ao partir do pressuposto de que lazer é uma atividade não obrigatória, realizada em seus momentos livres a partir de uma motivação interna (PARHAM e FAZIO, 1997), é possível identificar que a leitura mobilizava mais a sua mãe, pois ela sempre solicitava que ele escolhesse alguns livros para ela lhe contar a noite, antes de dormir. Reitero a ideia de Machado (2012) ao afirmar que “a história não é só a história; quando contada, ela é também um evento em que a criança se encontra com alguém, numa atividade comum ou partilhada” (MACHADO, 2012, p. 18-19). Sendo assim, o momento de leitura entre V5 e sua mãe era sempre realizado antes de dormir, quando ambos estavam deitados, demonstrando uma possível relação da mediação da leitura e do uso do livro como lazer para ambos.



Figura 14 – Fotografia do livro *Mexa-se!*.
Fonte: Acervo da autora (2019).

No decorrer da pesquisa, a mãe assumiu o papel de mediadora da leitura e incentivava o filho a escolher os livros que gostaria de ouvir à noite, antes de dormir. Ocorreu até um episódio engraçado, na qual sua mãe adorou um livro *Mexa-se!*⁵² (figura 14), e fazia questão de mostrar para todos do quarto.

O fato de V5 ter iniciativa e solicitar a ida na sala de recreação para brincar com a terapeuta responsável, dá a visibilidade de que, para ele, essa era uma atividade motivadora, uma “válvula de escape” para o seu período de hospitalização, no qual ele tinha um momento dele, que não envolvia a realização de exames, punção do acesso venoso na mão ou braço, entre outros procedimentos realizados. Assim, o que pude observar é que, para V5, o brincar era seu aliviador de tensões na hospitalização – como observado no diálogo abaixo.

V5 – *É a chave dos armários? Eu quero ir.*
MV5 – *vocês só vão pegar os livros e voltar?*
V5 – *quero ver os brinquedos também.*
MV5 – *[...] pega um livro bem legal pra mãe ler depois pra ti, tá?*
V5 – *taaa, mãe.*

Ou seja, com os jogos e brincadeiras propostos na sala de recreação, ele ficava animado, conseguia esquecer momentaneamente que estava internado e conseguia abstrair das tensões geradas na hospitalização, pois o brincar era significativo, diferentemente da leitura. Ele fez alguns amigos de leito no hospital, os quais brincavam com ele na sala de recreação e trocavam os livros para as suas mães lerem

⁵² SEDER, Rufus Butler. **Mexa-se!**. Ilustrações do Sistema Scanimation. Editora Sextante Infantil, 2010.

à noite, como ocorreu quando V5 trocava de livros com H3 após a leitura ou exploração das obras.

Houve uma mediação compartilhada, visando agregar leitura de livros e o brincar, para ver se a participação seria mais efetiva. Eu e a terapeuta ocupacional do setor de pediatria combinamos com V5 de fazermos algo diferente, ele aceitou e o momento se deu da seguinte forma: começamos a ler um livro sobre animais, uma das preferências dele e tema sempre solicitado na hora de escolher os livros. V5 se assustou e quase caiu da cadeira quando viu o jacaré em um livro *pop-up*, saiu correndo pela sala e gritando. Depois, montamos uma casinha, lemos *Os três porquinhos* e encenamos o lobo mau derrubando as casinhas dos três porquinhos, tentando englobar a brincadeira e a leitura em um mesmo momento, ressignificando a leitura para ele, para além do momento de dormir, na qual sua mãe lhe contava uma história.

A partir desse relato de intervenção, refleti acerca da definição do brincar, visto como “Qualquer atividade espontânea e organizada que ofereça satisfação, entretenimento, diversão e alegria” (Parham e Fazio, 1997, p. 252). Ou seja, para que a leitura de livros se tornasse terapêutica para ele, foi necessário associá-la ao brincar, para que este momento específico de mediação da leitura tivesse um significado para V5 e que pudesse ser considerado terapêutico e aliviador das tensões. Além disso, os recursos foram absorvidos pela mãe da criança que começou a realizar a mediação da leitura literária a partir da hospitalização, colocando-se no papel de mediadora e fazendo uso do livro para contar as histórias.

3.1.11 A guria que lia livros

R8 é uma menina que começou a ler sozinha, há pouco mais de duas semanas antes da realização desta intervenção, está no 3º ano e encontra-se motivada para a leitura, principalmente para ler em voz alta para os outros. Sempre receptiva à mediação de leitura, aceitou ouvir as histórias que levei e depois pediu que eu a escutasse ler também. No decorrer da mediação, me mostrou seus dois livros trazidos de casa e contou que já escreveu um livro com alguns colegas de aula, narrando os principais acontecimentos dessa história. Durante a leitura em voz alta, utilizou-se de diferentes entonações para os diferentes personagens, algo que já trouxe de suas vivências anteriores à hospitalização.

MR8 relata que ela e seu marido já tinham o hábito de ler histórias pra R8 desde pequena, afinal, a família toda tem o hábito de ler: *“Acho que a leitura faz tu montar na cabeça a história, enquanto no filme ele já mostra tudo ali na imagem”* (MR8). É possível inferir pelo seu relato que essa seria uma vantagem da leitura de livros perante os filmes. No entanto, ao refletir sobre essas duas opções, contraponho o fato de que os livros também possuem imagens e ilustrações, muitas vezes mobilizando a associação de diálogos inventados e da criação da história a partir de sua imaginação. Foram contabilizados 6 livros emprestados a R*.

Conforme relata sua mãe, R8 é uma menina que adora ouvir histórias desde muito pequena. Estava em uma fase de leitora iniciante, sua motivação se dava pelo prazer em aprender a ler. Não posso afirmar que os recursos terapêuticos que utilizei com ela lhe proporcionaram alívio das tensões na hospitalização, mas foi possível observar que a leitura é significativa para ela. Afinal, R8 trouxe alguns livros seus para o hospital – observado no diálogo a seguir, a fim de seguir treinando sua leitura, e de manter-se próxima ao aprendizado, já que estava em processo de alfabetização, pois já tinha a prática de leitura em casa. Além disso, é possível visualizar os livros na figura a seguir:

M: E em casa, tu tem livros também?

R8: Eu tenho esse só, posso te mostrar?

M: Pode.

R8: Oh que lindo. O peru de peruca⁵³ e A Bíblia da Princesinha⁵⁴. (Figura 15)

M: E sobre o que fala esse livro? (Bíblia da Princesinha)

R8: Eu vou te ler, pode ser? Deixa eu ver onde eu parei.



⁵³ JUNQUEIRA, S. **O peru de peruca** Ilustrado por Alcy. Editora Ática. 2007. 24 p.

⁵⁴ WALSH, S. **A bíblia da princesinha**. Editora Thomas Nelson. 2012. 352 p.

Figura 15 – Fotografia dos livros pessoais de R8.
 Fonte: Acervo da autora (2019).

Vejo aí um grande potencial para que R8 se torne uma leitora voraz, que tem prazer pelo ato de ler. Em função do gravador ter descarregado no decorrer da entrevista com MR8, não foi possível transcrever a entrevista com a mãe na íntegra, então o trecho a seguir se refere a transcrição literal do meu diário de campo, no qual escrevi meus sentimentos e percepções acerca das intervenções realizadas no dia:

A mãe conta que eles liam pra ela, e que faz só 2 semanas que ela começou a ler sozinha e em voz alta; diz que lia pra ela desde que era pequena; enquanto isso R8. estava fazendo broncodilatador pra retomar o nível de saturação normal; [...] a mãe diz, também, que toda a família tem o hábito de ler, a mãe lê sempre, desde muito pequena; acha que a leitura faz tu montar a cabeça na história, enquanto no filme ele já mostra tudo ali na imagem [...]. (DIÁRIO DE CAMPO, jul. 2019).

Talvez por ter levado as tarefas escolares para o hospital, ela se sentisse mais acolhida e permanecia tranquila ao realizar os procedimentos como a nebulização e a administração dos broncodilatadores, pois ela conseguia manter sua mente ocupada. Fato trazido na fala do profissional de saúde P1, ao falar sobre a importância de manter o desenvolvimento infantil dentro de cada etapa esperada da criança, sendo *“importante que brinque, realize tarefas escolares (se for o caso) e mantenha os vínculos afetivos e sociais”* (P1). Correlacionando a ideia à humanização, preconizada pelo SUS e alicerçada em valores como “autonomia e protagonismo dos sujeitos”, o simples fato do profissional de saúde trazer a importância desses aspectos, já é um grande passo para que a humanização ocorra efetivamente dentro do contexto hospitalar.

A menina aceitou participar da mediação da leitura desde que eu a ouvisse contar uma história lida em voz alta por ela também. Então, fizemos dessa forma e, após a leitura de nossos respectivos livros, ela perguntou se poderia seguir lendo para mim trechos da *Bíblia da Princesinha*⁵⁵, para que treinasse sua leitura em voz alta, exigida na escola pela sua professora. Logo depois, pediu para ler *O peru de peruca*⁵⁶, com entonação na fala das personagens, demonstrando conhecimento sobre os livros:

R8: *Eu amo essa história*
 M: *Ela é bem engraçada mesmo.*

⁵⁵ JUNQUEIRA, S. **O peru de peruca** Ilustrado por Alcy. Editora Ática. 2007. 24 p.

⁵⁶ WALSH, S. **A bíblia da princesinha**. Editora Thomas Nelson. 2012. 352 p.

R8: E essas imagens, elas são muito detalhadas. Eles não devem ter feito com lápis. Como será que eles fizeram?

M: É verdade né. De certo eles pintaram antes de botar no livro, com tinta, alguma coisa assim.

Ao considerar as diferentes percepções dos profissionais de saúde, EF1 acredita que a mediação da leitura auxilia no estímulo e na “*possibilidade de integração da família com a criança*” (EF1). Fato tão presente no cotidiano de R8, no momento da pesquisa, seu foco me pareceu não ser pelo prazer de ler nem para alívio das tensões hospitalares, mas, sim, pelo fato de estar aprendendo a ler, descobrindo as letras e dando vida a elas através de sua voz. Em função disso, não consegui observar e nem relacionar dados que afirmem que a leitura tenha sido aliviadora de suas tensões no decorrer da hospitalização, mas consegui verificar que a criança já possuía um forte vínculo com os livros e com as leituras, trazendo as tarefas escolares para realizar no período de hospitalização, bem como seus livros para ler no hospital.

3.1.12 A guria silenciosa

E11 é uma menina que não gosta muito de ler, está no 5º ano. Os pais demonstraram curiosidade acerca da pesquisa quando questionados sobre a presença da leitura em seu cotidiano e se mostraram receptivos autorizando a participação da menina na pesquisa, embora gostasse “mais ou menos” de ler, conforme ela disse. Não quis ouvir nenhuma história, não sendo possível observar a mediação da leitura nem sua interação com o livro durante a hospitalização. Somente aceitou algumas sugestões de livro para que lesse silenciosamente, sozinha em seu leito.

Apesar de demonstrar ser introspectiva, foram contabilizados 10 livros emprestados e indicados por mim para a leitura no leito, não havendo iniciativa na escolha de seus próprios livros. Sendo assim, o silêncio de E11 poderia dizer muito, ao refletir sobre a possibilidade de o livro ser um recurso terapêutico. Poder ficar em silêncio sem ser incomodada, não poderiam ser consideradas as contribuições do uso do livro, neste caso?

Não é possível mensurar quantitativamente, mas posso inferir que, ao estar doente, a criança irá preferir permanecer quieta em seu leito até o seu reestabelecimento, o silêncio de E11 poderia ser considerado qualitativamente. No decorrer de sua participação, observei que os pais não a deixaram ler alguns livros

como *Iara* (versão Turma da Mônica)⁵⁷, *Sulliver*⁵⁸ e *O Corcunda de Notre-Dame*⁵⁹. Os livros lidos foram *Alice no País das maravilhas*⁶⁰ (em quadrinhos), *Diário de uma garota nada popular*⁶¹, *Prendarella*⁶², *João e Maria*⁶³ (versão Turma da Mônica). Talvez possa ter relação com sua religião, fato comentado pela mãe, ou com o cuidado que eles tinham com ela, mas permanece sendo apenas uma suposição, pois os dados não permitiram tal análise e o contexto das famílias fora do hospital não foi o foco da pesquisa.

Tentei fazer uso de uma atividade após a leitura silenciosa, para que E11 conseguisse expressar, de alguma forma, suas opiniões ou sentimentos, mas não obtive retorno. As respostas verbais eram sempre breves e objetivas, não se permitindo conversar e dialogar sobre as histórias; sobre suas preferências ou demais assuntos, somente respondia diretamente ou concordava com o que era dito. Até na hora de negar a leitura em voz alta, E11 negou com receio. É possível observar os aspectos descritos no diálogo a seguir:

M: Que tipo de história tu gosta de ler?

E11: Diário de um banana.

M: Hmm, tá. E tem o Diário de uma garota nada popular.

Obs: E11 não respondeu, apenas concordou com a cabeça e pegou o livro para levar para o leito.

E também no seguinte trecho do diário de campo:

Ao aceitar participar da pesquisa, questiono se gostaria de ouvir uma história, ela faz que não com a cabeça e fica meio sem graça. Aí pergunto se gostaria de escolher algum livro pra ler depois no quarto, aí ela concorda e então vamos pro armário na sala de recreação. E11 vai olhando os livros e parece confusa para escolher algum. E11 não nega as sugestões de livros para leitura, quando mostrei a coleção *Diário de uma garota nada popular*, ela prontamente pegou e seguindo olhando os outros livros, a fim de escolher suas leituras. Quando fala, é bem baixinho. (DIÁRIO DE CAMPO, fev. 2019).

Assim como as outras mães, ME11 traz a mesma visão da leitura como eficaz para relaxar a mente antes de dormir “*viu, agora vai ter alguma coisa pra gente ler à noite*” (ME11). Os profissionais de saúde corroboram esse pensamento dizendo que

⁵⁷ SOUZA, M. *Iara* - Lendas Brasileiras. Turma da Mônica. Editora Girassol, 2009.

⁵⁸ KELLER, R.S. *Sulliver*. Editora Edibook, 2015

⁵⁹ KORMAN, J. *O corcunda de Notre-Dame*, Editora Melhoramentos, 2000.

⁶⁰ ALICE no País das Maravilhas – Disney Filmes Clássicos em Quadrinhos, nº 3. Editora OnLine, 2010.

⁶¹ RUSSELL, R.R. *Diário De Uma Garota Nada Popular* – Vol. 1. Editora Verus, 2009.

⁶² KELLER, R.S. *Prendarella*. Editora Edibook, 2015.

⁶³ SOUSA, M. *João e Maria* – Coleção Clássicos Ilustrados Turma da Mônica. Vol. 8. Editora Girassol, 2015.

a leitura auxilia *“como uma distração e uma forma de apresentar os livros e criar costume de ler pois maioria de nossos pacientes não têm hábitos de leitura”* (TE1). Nesse sentido, muitas mães trouxeram a relação entre o momento de dormir e a leitura de livros, algo para distrair a cabeça dos pensamentos do dia a dia e relaxar até o sono chegar, mas não em relação à melhora das tensões durante a hospitalização; relacionando o interesse pela leitura aos fins escolares ou como algo que induz ao sono ao final do dia – seria pelo fato da leitura das histórias ser cansativo ou pelo fato de ser algo bom, duas possibilidades para refletir –, sendo possível observar esses aspectos no decorrer do texto.

Além disso, a partir da citação de De Certeau (1994) ao refletir acerca da autonomia dos leitores perante os textos lidos, na qual ele afirma que a leitura depende *“das relações sociais que sobredeterminam sua relação com os textos”* (DE CERTEAU, 1994, p. 268), é possível relacionar com a falta de interesse de E11. Afinal, quando não há uma relação significativa entre livro e leitor, principalmente quando não há um interesse da parte do leitor, fica difícil estabelecer o vínculo necessário para que ela ocorra.

Apenas posso apontar que, em muitas vezes, a dificuldade se deu pelo fato de o cerceamento dos pais ter influenciado na aquisição dos dados e nas intervenções ou tentativas de leitura a serem realizadas. Algumas vezes, pude observar que a religiosidade e a crença trouxeram barreiras ao acesso a diferentes gêneros literários, como alguns livros com temas folclóricos ou com ambientações religiosas, tendo a leitura destes censurada pelos pais. Além disso, havia o controle dos pais em todas as suas ações, fosse indo na sala de recreação para escolher os livros ou jogar com as outras crianças, na coleta de algum exame na enfermaria ou nas respostas que ela não dava por estar sempre na presença de um deles.

3.2 (Re)Lendo algumas questões...

Acredito que *“ouvir histórias baseadas na leitura de livros é mais que se envolver com uma narrativa, é também participar de práticas de leitura que supõem uma relação com o outro e com o mundo”* (MACHADO, 2012, p. 19); mundo no qual lidamos com o medo e com as adversidades – como a hospitalização –, tendo, na mediação de leitura, o acalento para a superação dos temores e do tédio (tensões trazidas por MH3 e W7). Corroboro a linha de pensamento de Colomer (2017, p. 31-

32), acerca de que “os livros ajudam a saber que as imagens e as palavras representam o mundo real”.

Proponho uma reflexão acerca do pedido de três participantes, o gibi como livro preferido. Pude observar que, no decorrer da pesquisa, três crianças demonstraram maior apreço pela leitura de gibis, e o consideravam seu tipo de livro preferido. A partir disso, comecei a me questionar quais seriam os motivos em preferirem ler histórias em quadrinhos ou gibis a livros considerados literários. Primeiramente, pensei que se daria pela facilidade no acesso com relação aos preços, por exemplo. Então, me questionei se a questão social das famílias interferia no acesso ao mundo da leitura e se isso tinha relação com os gibis ou as histórias em quadrinhos, mesmo nenhuma mãe ou familiar tendo comentado sobre isso.

Além dessas, outras possibilidades surgiram, tais como: questão estética e da imagem, o uso de frases menores, a linguagem acessível aos diversos tipos de leitores, os locais de venda desses livros, entre outros. Por fim, me perguntei se eles estimulavam a leitura, ou ao menos a entrada das crianças no mundo da leitura. No entanto, são questionamentos sem respostas para o tipo de pesquisa realizada e que precisariam de um estudo mais aprofundado, a fim de elucidá-los com esse foco.

Com relação ao ato de folhear os livros mesmo sem saber ler, talvez se dê pelo fato de a criança avistar as formas de exploração dos diversos materiais dos quais os livros são feitos, sejam eles de pano, papel, borracha, plástico, entre outros. As formas dos livros se modificam, possibilitando os diversos usos, formando em sua mente os modos de usar, seja por meio da observação de outros indivíduos ou no próprio manuseio. Assim, a criança irá internalizar e, a partir do ato de folhear, poderá incorporar os modos de ler, previamente estabelecidos (MACHADO, 2012). Ela irá internalizar quando encontrar na leitura um potencial reparador para suas mazelas para ressignificar a representação de si perante a hospitalização, além de amenizar suas angústias e anseios decorrentes desse período. Mesmo que, na leitura de obras infantis, a criança encontre ampla possibilidade de dar diferentes sentidos para uma mesma história, baseada em suas vivências, “a literatura infantil digna do nome estimula a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, em lugar de deixá-la cerceada pelas intenções do autor” (CADEMARTORI, 2010, p. 17).

A partir do que Corso e Corso (2006, p. 303) relatam ao afirmarem que as histórias “são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade”, a imaginação da criança será mais efetivamente ativada com o auxílio

das imagens e do texto verbal presentes nos livros e nas histórias, os quais auxiliam os indivíduos em suas vidas.

Além disso, não é possível fazer a relação do número de livros com o tempo de internação, porque isso independe do número de dias, e está mais relacionado com o alívio ou não das tensões decorrentes da internação gerado através da mediação da leitura literária. Por exemplo, nos casos de V5 e JP9, as mães enfatizavam a leitura, mas não era por iniciativa dos meninos, e sim por iniciativa delas. Quero dizer, observo uma maior relação na singularidade de cada caso com seus próprios dados e vivências, em conjunto com a percepção das mães e dos profissionais de saúde do hospital. Afinal, uma criança poderia ter lido 15 livros que não lhe aliviassem nenhuma tensão, enquanto outra leria 5 livros que lhe trouxessem um grande alívio nesse período de hospitalização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa atual conjuntura, em que algumas áreas estão sendo desvalorizadas em detrimento de outras, compartilhei, nesta pesquisa, o seu caráter interdisciplinar, a fim de agregar conhecimentos diversos sobre uma mesma temática: a mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos na hospitalização infantil, na tentativa de aliviar as possíveis tensões decorrentes deste período de internação. No estudo, procurei relacionar os conhecimentos adquiridos tanto em minha formação como terapeuta ocupacional e profissional da saúde como no mestrado em Educação. Procurei, ainda, discutir os dados produzidos a partir da interseção de duas áreas (Saúde X Educação), as quais se complementam em alguns pontos e se distanciam em outros. Tendo, na mediação da leitura e no uso dos livros, os recursos terapêuticos utilizados com as crianças hospitalizadas.

Afinal, um livro serve para quê? Ao iniciar as mediações de leitura no hospital com esse questionamento, as crianças eram incitadas a participarem e isso possibilitava a abertura de um diálogo. Todas as crianças, até mesmo as que ainda não sabiam ler, respondiam com convicção que os livros serviam “para ler”. No mínimo curioso, já que uma possível representação sobre a leitura está imbricada, pois, de certa forma, antes mesmo de aprender a ler a criança já tem consciência da ligação entre o livro e a leitura.

Ao refletir sobre o fato de os sujeitos se refugiarem nos livros, observo que isso já inicia na infância e permanece por toda a vida, como forma de fugirem da realidade e esquecerem o sofrimento momentâneo. Assim, posso inferir que a mediação da leitura literária pode se dar por intermédio de qualquer pessoa que se disponha a exercer esse papel, tal como os dados da pesquisa demonstraram, nos quais se vê alguns familiares como mediadores.

No entanto, parti do princípio de que a utilização do livro e da mediação da leitura literária como recursos terapêuticos só poderão ser assim consideradas quando, durante a mediação, for criada uma relação entre a terapeuta (neste caso, mediadora da leitura literária), o paciente e o uso do livro. Há um equívoco relacionado ao olhar dos profissionais de outras áreas, por não conseguirem captar a dimensão subjetiva da relação interpessoal que ocorre entre criança, terapeuta/mediadora e o livro. Muitos têm dificuldade em ver além do que é concreto, diminuindo o valor do

significado subjetivo que cada criança traz para a mediação da leitura, quando não considera sua história e sua prévia relação com a leitura e com os livros.

Após a leitura dos casos trazidos, na qual fiz uso da mediação da leitura literária e do uso do livro, a fim de manejar as possíveis tensões geradas na hospitalização infantil, como principais contribuições, encontrei o refúgio nos livros, a superação de medos, a proveniente sensação de segurança, as mães como mediadoras de leitura, a leitura como aliviadora de dor no pós-operatório, o uso peculiar do livro no seu cotidiano e a leitura como aliviadora de tédio, ora a identificação com a personagem ora com posterior introjeção da história lida. Além de algumas crianças trazerem a resistência e aversão a qualquer estímulo referente à leitura, a imposição da leitura como algo benéfico para seu aprendizado – leitura em voz alta, escolha de livros – e para melhora de escrita na escola, barreiras e censuras que as crenças podem trazer ao acesso de diferentes gêneros literários, a leitura como lazer e o brincar como aliviador das tensões decorrentes da hospitalização.

Além disso, a importância dos sentimentos gerados e trazidos pelas crianças participantes, em conjunto com as experiências de mediação vividas pelas mães, enfatizam o potente uso da imaginação e das representações que surgiram após as histórias lidas e/ou ouvidas, tal como a leitura como refúgio, observada por algumas crianças, fosse para o alívio da dor, na superação de medos prévios à hospitalização, nos diferentes usos do livro no cotidiano e na ambiência da criança no período da hospitalização. Percebi que a mediação da leitura literária e o uso do livro podem ser considerados recursos terapêuticos potentes para a viabilização de uma estratégia de humanização, a fim de fomentar a ambiência das crianças no hospital.

Apesar disso, é possível inferir a existência de outros efeitos terapêuticos não observados, além do focado neste trabalho, o qual diz respeito à leitura ter sido inserida no cotidiano das crianças, a partir da hospitalização, com uma finalidade terapêutica. No entanto, não cabe a este estudo explorar os outros vieses, pois seriam necessários estudos mais específicos para o período pós-hospitalização. Apenas reitero que a mediação da leitura literária e o uso do livro como recursos terapêuticos se mostraram eficazes quando as crianças já tinham ou elaboraram uma significação da leitura de histórias para enfrentar as adversidades na hospitalização. As contribuições se mostraram presentes nos casos em que a criança via a leitura como algo significativo em suas vidas, fosse previamente à hospitalização ou criando um significado no decorrer dela.

Assim, entre algumas conclusões possíveis, posso afirmar que houve a contribuição da mediação da leitura e do uso do livro como recursos terapêuticos no alívio das tensões geradas na hospitalização infantil, principalmente para aquelas crianças que já tinham na leitura um significado positivo em suas vidas. Por se tratar de leitura, alívio de tensões e a subjetividade de cada sujeito, não existe uma receita pronta com eficácia para todos que a fizerem, como é possível observar nas discussões acerca das contribuições presentes nas 12 experiências descritas e problematizadas. De alguma forma, as mães foram protagonistas, junto com as crianças, por fomentarem a leitura em um ambiente hostil como o hospital, além de muitas terem assumido o papel de mediadora da leitura, a partir da participação na pesquisa, como expus nos casos em que isso ocorreu.

Sendo assim, reafirmo minha instigação sobre a pesquisa realizada, na qual pude, como terapeuta ocupacional e leitora, refletir as múltiplas possibilidades que a leitura pode abranger. Constatei que, para que se promovam inserções da leitura no hospital, é preciso que este esteja preparado e receptivo para acolher novas ideias, assim como contar com profissionais de saúde engajados em realmente humanizar o ambiente para as crianças e suas famílias se sentirem mais acolhidas durante a hospitalização. A leitura, sozinha, não poderá mudar o mundo e nem alcançar um reconhecimento, mas, com o auxílio de pessoas dispostas – seriam os mediadores?! – e a inserção da prática em diferentes lugares, possibilitamos o seu acesso para que as pessoas possam pensar e refletir sobre o mundo que os cerca.

Como contribuições para as áreas da Educação e Saúde, vislumbro o diálogo de ambas acerca do uso dos livros e da mediação da leitura literária como recursos terapêuticos utilizados no hospital, chegando a um ambiente diferente do considerado habitual. Além da abrangência que a leitura poderá alcançar na vida e na construção dos sujeitos envolvidos, demonstrando os efeitos terapêuticos relacionados ao alívio das tensões nas crianças, envolvendo, inclusive, a ambiência no decorrer da hospitalização.

REFERÊNCIAS

ALBANO, M.A.S; CORREA, I. Lectura de cuentos infantiles como estrategia de humanización en el cuidado del niño encamado en ambiente hospitalario. **Investigación y educación en enfermería**, v. 29, n. 3, p. 370-380, 2011.

BAJOUR, C. **Ouvir nas entrelinhas**: O valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.

BRIOSCHI, L. R.; TRIGO, M. H. B. Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 39, n. 7, 1987, p. 631-7.

BRITTO, L. P. L. **Ao revés do avesso**. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura Infantil**. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CALDIN, C.F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Santa Catarina, n.12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/36/5200> Acesso em: 30 jan. 2019.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CARDOSO, B. Mediação literária na Educação Infantil. In: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M. G.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). **Glossário CEALE**: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. 2020. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em 16 mar. 2020.

CASTANHA, M.L.; LACERDA, M.R.; ZAGONEL, I. P.S. Hospital: lugar para o enfermeiro cuidar do imaginário?. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 18, n. 1, 2005.

CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia ocupacional, fundamentação & prática**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2007.

CERIBELLI, C.; NASCIMENTO, L. C.; PACIFICO, S. M. R.; LIMA, R. A. G. A mediação de leitura como recurso de comunicação com crianças hospitalizadas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n1/pt_13.pdf Acesso em: 30 abr. 2020.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1994.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSSON, R. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R. Verbetes Letramento literário. In: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M. G.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). **Glossário CEALE: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. 2019. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em 24 mar. 2019.

COSTA, A.C.C; NETO, J.A.S. Brinquedotecas e ludotecas: ambientes para a mediação da leitura no Paraná. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 359-380, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6486379> Acesso em: 5 nov. 2019

COUCEIRO ARCÍS, D.; PARRONDO, M. G.; RODRÍGUEZ, D. M. L.; PERALTA, S. M.; VIVERO, N. V.; SOTOLONGO, Y. N.; NÚÑEZ, A. S. Libros para la vida: un proyecto para la promoción de la lectura en la sala de pediatría del Instituto Nacional de Oncología y Radiobiología. **Acimed**, Havana (Cuba), v. 12, n. 5, p. 1-1, 2004. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/5908/> Acesso em: 27 nov. 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**/ John W. Creswell - 3.ed. - Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

DAMIANI, M. F.; ROCHEFORT, R. S.; RODRIGUES, R. F. C. M.; PINHEIRO, D. S. S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, n. 45, p. 57- 67, maio/agosto 2013.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CARVALHO, C.B.M. Biblioteca viva em hospitais: a importância da leitura como estratégia de humanização, a experiência do Instituto Fernandes Figueira. RBBd. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 143-154, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/721> Acesso em: 15 maio 2020.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTRICK, M. C. (org.). **Handbook of research on teaching**. New York: Macmillan, 1986.

FLORES, E. P.; SANTOS, G. F. A.; AMADEU, L. F. M.; DIAS, A. R. Leitura Compartilhada em um Hospital Pediátrico: Análise do Comportamento Verbal dos Contadores. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 4, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v26n4/11.pdf> Acesso em: 27 nov. 2019.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados - Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, A. M. O. Histórias das culturas do escrito: Tendências e possibilidades de pesquisa. 218-243p. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010. 533p.

GARRALÓN, A. **Ler e saber**: Os livros informativos para crianças. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

GOLDIN, D. **Os dias e os Livros** – Divagações sobre a hospitalidade da leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. **A investigação etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

HOSPITALIZAÇÃO. In: **Biblioteca Virtual em Saúde**. Descritores em Ciências da Saúde. 2019. Disponível em: <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decsserver/> Acesso em: 24 mar. 2020.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LOIS, L. **Teoria e prática da formação do leitor**: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MACHADO, M.Z.V. **A criança e a leitura literária**: livros, espaços, mediações. Curitiba: Editora Positivo, 2012.

MANSUR, O. M. F. C. O imaginário na literatura infantil. **Perspectivas Online**, Campos dos Goytacazes, 2007-2011, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/revista_antiga/article/view/215 Acesso em: 25 abr. 2020.

MENDES, L. R.; BROCA, P. V.; FERREIRA, M. A. A leitura mediada como estratégia de cuidado lúdico: contribuição ao campo da enfermagem fundamental. Esc Anna Nery **Revista de Enfermagem** [Internet], v. 13, n. 3, p. 530-36, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v13n3/v13n3a11.pdf> Acesso em 13 jan. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Verbetes “Humanização”. In: **Glossário PNH**. 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/acoes-e-programas/humanizaus/glossario-pnh>. Acesso em 16 ago. 2019.

OLIVEIRA, A.; MOURÃO-JUNIOR, C. A. Estudo teórico sobre percepção na filosofia e nas neurociências. 2012. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, 5(2), 41-53. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnl/v5n2/v5n2a05.pdf> Acesso em: 7 dez. 2019.

OTHERO, M.B. **Terapia ocupacional** – práticas em oncologia. São Paulo: Roca, 2010.

PARHAM, L. D.; FAZIO, L. S. (Eds.). **Play in occupational therapy for children**. St. Louis, MO: Mosby, 1997.

PAULINO, G.; **Das leituras ao letramento literário**. Belo Horizonte: FaE/UFMG; Pelotas: UFPel, 2010. 168p.

PAULINO, G. Verbetes Leitura literária. In: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M. G.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). **Glossário CEALE**: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. 2020. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria> . Acesso em 13 ago. 2020.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETIT, M. **A arte de ler** – ou como resistir a adversidade, São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, M. **Leituras** - do Espaço Íntimo ao Espaço Público, São Paulo: Editora 34, 2013.

PRADO M.R.; BARTALOTTI C.C. (org.). **Terapia Ocupacional no Brasil**: fundamentos e perspectivas. São Paulo: Plexus, 2001.

TERAPÊUTICO. In: **Dicionário** da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática. 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/terap%C3%AAAutico> Acesso em 16 ago. 2020.

RECURSO. In: **Michaelis on-line** – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos. 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/> Acesso em: 02 mai. 2019.

RETRATOS da leitura no brasil. 4ª ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf Acesso em: 05. mai. 2019.

REYES, Y. **Ler e brincar, tecer e cantar** – Literatura, escrita e educação. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

REYES, Y. Verbetes Mediadores de leitura. *In*: FRADE, I. C. A. S.; COSTA VAL, M. G.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). **Glossário CEALE**: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. 2019. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura> Acesso em 19 mar. 2019.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R.(orgs). **A criança e o livro**: Guia prático de estímulo à leitura. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

SANTA ANNA, J.; GREGORIO, E. M.; GERLIN, M. N. M. Atuação bibliotecária além da biblioteca: o espaço de leitura do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM). **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 9, n. 2, 2014.

SANTANA, C. **Práticas de leitura em um hospital do município de Vitória/ES**. 2012. 234 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

SILVA, E.T. da. **Conferências sobre leitura**: trilogia pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOARES, L.G. **Práticas de leitura literária em uma escola no campo no município de Canguçu/RS**. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação/FaE, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, 2016.

SOARES, M. Verbetes Letramento. *In*: FREIRE, I. C. A. S.; VAL, M. G. C. (Org.). **Glossário CEALE**: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. 2019. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento>. Acesso em 17 mar. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Estudos selecionados

Título	Tipo/Gênero	Observações gerais do estudo
“A leitura mediada como estratégia de cuidado lúdico: contribuição ao campo da enfermagem fundamental” (MENDES; BROCA; FERREIRA, 2009)	Pesquisa qualitativa e descritiva	Aplicação de três técnicas: livre associação de ideias (LAI), a entrevista semiestruturada, com os dados sobre a identificação dos sujeitos; e a observação participante da dinâmica da enfermagem e dos sujeitos quando da realização da leitura mediada. Os objetivos centrais foram: identificar os sentidos atribuídos pelos sujeitos às ações de mediação de leitura; caracterizar suas contribuições às crianças hospitalizadas; e discutir a leitura mediada como estratégia expressiva/lúdica de cuidado fundamental. A partir da análise de conteúdo dos depoimentos coletados das crianças e seus acompanhantes foram delineadas categorias temáticas que evidenciaram os atributos e as vantagens do cuidado, além do auxílio da leitura no bem-estar, favorecendo assim o trabalho da equipe de saúde. Já para os profissionais de saúde e mediadores, a leitura foi vista como uma estratégia de humanização do cuidado, diminuindo a sobrecarga psíquica e promovendo conforto emocional à criança. Concluiu-se que aliar o lúdico ao cuidado vem ao encontro dos princípios da teoria do cuidado humano e, também, do Projeto Humaniza SUS, cujas estratégias de acolhimento do cliente ganham vulto.
“A mediação de leitura como recurso de comunicação com crianças hospitalizadas” (CERIBELLI, 2009)	Pesquisa descritiva e exploratória	Coleta de dados empíricos sendo realizada em dois momentos: um de observação das sessões de mediação de leitura e outro de entrevista semiestruturadas com os mediadores e crianças maiores de sete anos. Tendo como objetivo de apreender em que medida a estratégia da mediação de histórias, proposta pelo Projeto Biblioteca Viva em Hospitais, pode ser recurso de comunicação com a criança hospitalizada. Assim, procedeu-se à análise qualitativa dos dados constatou-se que a mediação de leitura facilita os diálogos e o relacionamento, amplia o processo diagnóstico e terapêutico e valoriza o processo de desenvolvimento de crianças, familiares e equipe de saúde. Na caracterização dos participantes identificou-se que os mediadores conheceram o projeto Biblioteca Viva em Hospitais, através de cartazes, de pessoas que fizeram a indicação e da mídia local.
“Atuação bibliotecária além da biblioteca: o espaço de leitura do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM)” (SANTA ANNA; GREGORIO; GERLIN, 2014),	Relato de experiência	A partir de um relato de experiência de um projeto de extensão voltado à leitura no ambiente hospitalar, cujas ações envolveram docentes e discentes de Biblioteconomia e profissionais da saúde na implantação e dinamização do espaço de leitura na referida instituição hospitalar. Com os objetivos principais de identificar as etapas de implantação e dinamização do Projeto de leitura no ambiente hospitalar, enfatizando as reais possibilidades de atuação do profissional bibliotecário no Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM). Sendo assim, o relato deu visibilidade à necessidade de uma atuação efetiva do bibliotecário no espaço, bem como, possibilitou identificar a demanda de criação de políticas na área de leitura no ambiente hospitalar.
“Biblioteca viva em hospitais: a importância da leitura como estratégia de humanização, a experiência do Instituto	Pesquisa qualitativa	tendo como instrumento de coleta de dados um questionário com duas perguntas abertas realizadas com os profissionais de saúde e voluntários acerca do efeito da mediação da leitura sobre as crianças. Além do uso de outra estratégia como a pesquisa de campo utilizando a observação do cotidiano do cenário, pela autora do estudo, a fim de concluir o presente trabalho. Constatou-se que a mediação da leitura atenua situações de angústia e sofrimento de crianças internadas, amenizando a solidão hospitalar, além da relação da criança com as pessoas ao seu redor e sua socialização no hospital. Foram observados, a partir da literatura estudada para a

Fernandes Figueira” (CARVALHO, 2018)		realização deste trabalho, os efeitos benéficos da leitura para crianças que ficam internadas no hospital por um longo período de tempo.
“Brinquedotecas e ludotecas: ambientes para a mediação da leitura no Paraná” (COSTA; NETO, 2016)	Pesquisa exploratória e descritiva	valendo-se de revisão bibliográfica, que utilizou como fonte de coleta de dados materiais publicados em livros, periódicos científicos, teses e dissertações da Ciência da Informação e áreas correlatas e, posteriormente, de uma coleta de dados. Reflete sobre a importância e contribuições que a mediação da leitura nas brinquedotecas e ludotecas exerce nas crianças. Aborda o papel do mediador da leitura como incentivador do ato de ler e como a mediação da leitura pode ocorrer em diferentes espaços. Os resultados apontam uma diversidade de atividades promotoras da leitura no ambiente lúdico. Conclui-se que trabalhar a leitura nas brinquedotecas e ludotecas favorece a aprendizagem da leitura e estimula as crianças se envolverem com essa ação. Conclui-se que a mediação da leitura é essencial para o desenvolvimento das crianças, não apenas em sua formação como também no estímulo da criatividade.
“Hospital: lugar para o enfermeiro cuidar do imaginário?” (CASTANHA; LACERDA; ZAGONEL, 2005)	Relato de experiência	A partir de um relato de experiência acerca da atuação do enfermeiro como Contador de História. Onde para contar histórias, é necessário seguir determinada metodologia. As seções de leitura, quanto a dia, hora e local, são programadas pelo próprio enfermeiro. Ainda, a duração da narrativa também deve ser adequada: de 5 a 10 minutos para as crianças menores e de 15 a 20 minutos para as maiores. A repetição da história, se solicitada, deve ser sempre atendida. Outra história não deve ser iniciada sem intervalo. A autora conclui dizendo que “utilizar essa forma de cuidar é muito importante, pois é como tirar breves férias das preocupações do dia-a-dia e se pôr a voar em busca de um mundo onde as soluções para os problemas do cotidiano podem ser mais facilmente encontradas.”.
“Lectura de cuentos infantiles como estrategia de humanización en el cuidado del niño encamado en ambiente hospitalario. Investigación y educación en enfermería” (ALBANO; CORREA, 2011)	Pesquisa qualitativa	utilizou a entrevista individual, questionário, desenhos e histórias feitas por crianças antes e depois da primeira e quarta sessão de leitura de histórias infantis. Tendo como objetivo central avaliar a estratégia de humanização no atendimento de crianças em uma unidade de internação pediátrica baseada na leitura de histórias infantis. Obtendo como resultados algumas aferições como a melhora das reações das crianças durante as sessões de leitura, permanecendo atentas, participativas e alegres. Assim como os acompanhantes também aceitaram essa intervenção com bom gosto. A partir da análise da informação a partir dos instrumentos previamente descritos, mostraram-se possibilidades a prática de leitura de histórias para as crianças hospitalizadas.
“Leitura compartilhada em um hospital pediátrico: análise do comportamento verbal dos contadores” (FLORES; SANTOS; AMADEU; DIAS, 2013)	Pesquisa observacional e de análise funcional	Participaram da pesquisa doze voluntários da Associação Viva e Deixe Viver, dois homens e dez mulheres, que atuam em um hospital público do Distrito Federal. O tempo de experiência na associação variou entre dois meses e nove anos. Foi realizada a análise das ações verbais de doze voluntários leitores de histórias (contadores) em um hospital pediátrico. Os resultados foram discutidos à luz das contingências específicas ao trabalho do contador no contexto hospitalar e do potencial de suas intervenções para a aprendizagem verbal do ouvinte. A análise das falas dos contadores, resultou em 1.980 unidades funcionais (antecedente – verbalização do contador – consequência), então classificadas em 30 categorias que foram descritas e analisadas.
“Libros para la vida: un proyecto para la	Relato de experiência	A partir de um relato de experiência, contando a criação de uma coleção especial para crianças e jovens como parte do grande fundo de biblioteca em que esse tipo de literatura é escassa ou inexistente. São discutidos os

promoción de la lectura en la sala de pediatría del Instituto Nacional de Oncología y Radiobiología" (COUCEIRO <i>et al.</i> , 2005)		fundamentos das atividades de promoção da leitura, seus aspectos metodológicos e suas ferramentas, além das experiências adquiridas pelos autores durante a execução das diferentes etapas do projeto são detalhadas. Refere-se a um projeto para a promoção da leitura na ala pediátrica do Instituto Nacional de Oncologia e Radiobiologia de Cuba.
"Práticas de leitura em um hospital do município de Vitória, ES" (SANTANA, 2012)	Estudo de caso de caráter qualitativo	se utilizou o recurso de observação participante e de entrevista individual com as professoras, as crianças e os adolescentes para caracterizá-los, bem como registros do diário de campo durante observação, fotografia e filmagem dos eventos de leitura para a produção das análises. Tendo como principal objetivo o de analisar as práticas de leitura que são realizadas no hospital com crianças e adolescentes em tratamento de saúde. Ou seja, busca compreender o que leem esses sujeitos, qual concepção de leitura, linguagem, texto e sujeito fundamenta essas práticas e, ainda, quais são os suportes e gêneros textuais mais utilizados pelos professores da classe hospitalar. Em seu decorrer, foi possível saber que as crianças e adolescentes no hospital leem uma variedade de gêneros discursivos, tais como: conto, fábula, crônica, informativo, explicativo, opinião, verbetes, poema, poesia, música, Histórias em Quadrinhos, curiosidades, mito, lenda, aventura, rima, jogral e outros. As professoras possibilitaram que a leitura desses gêneros fosse realizada de diferentes maneiras: leitura individual em voz alta e silenciosa, leitura coletiva e leitura ajudada pela professora para aqueles em fase de alfabetização. A pesquisa analisou as leituras de contos, lendas e verbetes e verificou que as concepções de leitura, linguagem e texto que fundamentaram as práticas das professoras não eram homogêneas.

APÊNDICE B - Observações e percepções da mediadora acerca do projeto-piloto

.	.	Percepções da mediadora a partir da intervenção e dos áudios gravados	Assuntos para discussão
n c o n t r o n o 1 t e s	p a r t i c i p a n t e	No primeiro dia quatro meninos, E7, E8, G10 e G11, participaram da intervenção. A conversa anterior a prática de leitura deu-se de forma tranquila, todos se mantiveram sentados na mesa da sala de recreação, contando algumas vivências com os livros. E8 quis ler sozinho e em voz alta, enquanto aguardávamos os outros meninos chegarem. Contou sobre sua ida à biblioteca pública acompanhado do pai, um local visto como cheio de regras, onde não se pode ler o livro em alto e bom som, somente lendo com o pensamento, no caso, a leitura silenciosa. Conta ter alguns livrinhos em casa, como os da Marvel e da Turma da Mônica, fazendo assim, menções as suas leituras preferidas: história em quadrinhos e gibis. Sobre os locais de leitura, ele diz que costuma ler tanto na escola como em casa. Durante a leitura do livro “Para que serve um livro?”, falava suas observações acerca das imagens do livro, como por exemplo: “esse aqui é comilão, que nem eu”; “o ratinho lendo deitadinho”, “ele deve ser o ator principal”. Seu pai destaca a inteligência do filho e sua constante busca por leituras, tendo alguns livrinhos em casa. Não ficou clara a origem da motivação de E8 pela leitura, se fora pela escola, por algum familiar ou por vontade própria. E7 disse que não gostava muito de ler, mas que ouvia algumas histórias na escola. Gostava de super heróis, mas preferia mexer no celular. Não participou de toda intervenção, pois precisou ir para o quarto para receber o antibiótico via endovenosa, perguntou se poderia ser feito na sala de recreação, mas sua avó não deixou. G10 disse que gosta mais ou menos de ler, mas que está aproveitando esse momento de internação pra ler mais; concordou com E8 com relação aos gibis, mas diz que lê outros livros na escola, inclusive já tinha lido esse usado; adquiriu o costume da leitura com o incentivo da escola. A mãe relata a importância da escola como motivadora da leitura, pois ajuda na escrita correta do português; traz a forma que a escola faz o incentivo, com prêmios ao final do ano pelos alunos que leem mais durante o ano, como se fora uma competição de quem le mais. Onde os alunos precisam completar uma ficha de leitura com dados específicos de um livro de histórias da própria escola, além da retirada de livros de seu gosto na biblioteca. Reitera a existência da hora do conto desde o pré. Relata que as vezes a leitura é feita aos trancos e barrancos, mas que é algo necessário. G11 não participou da prática de leitura, somente da conversa pré-leitura. Diz gostar muito de ler, principalmente nas horas livres. Apaixonado pela série “Diário de um banana”; tendo escolhido um dos livros naquele dia para levar pro quarto e ler, de vez em quando. Estava com muita dor de cabeça e no pé machucado, pedindo pra ir pro quarto tomar remédio, pra ver se a dor passava. De acordo com a mãe, não há motivação para a leitura em casa, ela até considera estranho uma criança gostar de ler, como G11 gosta: “É difícil uma criança gostar de ler assim né, é uma coisa que interte ele”, passando a ideia de que a leitura de livros infantis como passatempo, ou seja, para ser feito quando houver tempo livre ou que outras possibilidades de entretenimento não estiverem disponíveis.	A visão sobre a biblioteca e suas regras; Leitura silenciosa; Leitura em voz alta; Os gibis e as HQ na leitura das crianças; Locais de inserção da leitura O reconhecimento de si nas características da personagem; Leitura prazerosa; Leitura como passatempo; Leitura na escola; Contação de histórias; Hora do conto desde a educação infantil;

n c o r t i r c o i n p o a 2 n t e s	No segundo dia três meninas participaram da intervenção, mas apenas uma interagiu antes e pós a leitura. A3, E5 e R5. *E5 estava triste porque as estagiárias haviam ido embora naquele dia. Quis ouvir a história, mas não quis comentar nada, nem fazer a atividade proposta após o término da leitura do livro. *R5 os dados não puderam ser considerados, pois não houve a assinatura do TCLE pelo responsável, pois o mesmo encontrava-se dormindo durante o período que permaneci no hospital. A3 foi convidada a participar da intervenção e estava animada para ouvir a leitura do livro, prestou bastante atenção durante a leitura do livro. Por vezes sorria, e mostrava-se atenta à leitura, concordando com as afirmações realizadas pelo livro. Folheou as páginas do livro, olhando atentamente as imagens, e quis um livro pra levar pro quarto, mas pediu que eu escolhesse. Sua mãe relata que costuma contar histórias dos gibis das irmãs mais velhas de A3, mas que ela não costuma pegá-los pois gosta de rasgar as folhas, não tendo muito cuidado com os mesmos. Incentivou a participação de A3 e sua fala sobre o que ouviu. Realizou a atividade proposta, mas quis ficar com o desenho	Mediação do uso do livro; Primeiro contato com o livro; As faixas etárias e o uso dos livros; Incentivo da leitura pela família; O uso do desenho pelas crianças para expressão de suas percepções e sentimentos.
n c o r t i r c o i n p o a 3 n t e s	K7 e A3 ouviram as histórias propostas “Anton sabe fazer mágica” (livro 1) e “Quem afundou o barco?” (livro 2). A3 estava mais falante, falando durante a leitura, repetindo algumas frases propostas pelo livro (livro 2); sempre atenta e fazendo caras e bocas com o que acontecia no livro, opinando sobre quem afinal teria afundado o barco. Enquanto K7 quis participar, mas afirmou não gostar muito de ler, lendo apenas os livros e textos que a escola exigiu durante o ano “ah tenho livros em casa, mas tenho preguiça de ler”; apenas considerou as histórias legais, mas não interagiu muito. *áudio com péssima qualidade	Livros com repetição e a interação das crianças menores; Leitura na escola como exigência;

Legenda:

E.= nº de encontros P.= nº de participantes

*a sigla com letras e números se referem a letra inicial do nome da criança participante e sua idade

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Educação

Introdução: Você está sendo convidado a fazer parte deste estudo intitulado “Leitura de Livros e a hospitalização infantil” e está recebendo estas informações para ajudá-lo a decidir sobre a sua participação neste estudo. Este estudo será conduzido na sala de recreação do Hospital Escola UFPel/Ebserh pelo Serviço de Pediatria. Por favor, leia estas informações cuidadosamente e sintase à vontade para tirar suas dúvidas. Após todas as dúvidas serem esclarecidas e você consentir a participação, será solicitado que você assine e date a última página deste documento. Você receberá uma cópia deste termo.

Por que este estudo está sendo feito? Este estudo faz-se necessário a fim de descrever as possíveis influências da leitura para crianças hospitalizadas. Com o uso da *Leitura de Livros* a fim de auxiliar as crianças no período de hospitalização. Além disso, buscamos: auxiliar a criança a entender melhor suas limitações, reações, conflitos e frustrações relacionados as suas vivências no hospital; incentivar o gosto pela leitura estabelecendo o contato das crianças com os livros; proporcionar um espaço para criatividade ao final das leituras.

Quantas pessoas farão parte deste estudo? Serão incluídos neste estudo todas as crianças internadas no Hospital Escola UFPel/Ebserh e seus responsáveis legais (pais ou cuidadores).

Tenho que participar do estudo? Cabe a você decidir esta participação. A participação neste estudo será voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízo no atendimento oferecido.

Quais são os procedimentos do estudo? Serão realizados encontros diários para a leitura de livros de histórias infantis em voz alta na Sala de Recreação do Hospital Escola com as crianças e seus pais. A duração será em torno de 30 minutos de leitura, com posterior entrevista e conversa com as crianças e seus pais. Além de proporcionar um espaço para criatividade ao final das leituras, com atividades a serem desenvolvidas pelas crianças acerca das histórias, por exemplo.

Quantas avaliações serão realizadas e quanto tempo durará o estudo? O estudo será realizado com todos os pacientes do setor de Pediatria que confirmarem sua participação. Serão realizadas duas avaliações diferentes a serem realizadas, uma direcionada aos pais ou responsável legal da criança e outra diretamente à criança. Com a criança serão utilizadas perguntas para guiar as conversas e posterior a leitura dos livros. Por exemplo: “O que tu mais gostou na história? Alguém já tinha te lido um livro antes? Tinha te contado uma história?”. Com os pais/responsáveis legais será utilizada um roteiro com perguntas acerca de sua percepção sobre a leitura, o ler e o contato com o livro. Ambas avaliações serão gravadas em áudio para posteriormente copia-los na íntegra.

Quais são os custos? Sua participação neste estudo não envolve qualquer custo de sua parte.

Existem riscos? O estudo apresenta riscos mínimos, pois poderá haver algum desconforto ou constrangimento ao responder alguma pergunta, que poderá ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ao participante.

E sobre confidencialidade? A sua identidade e outras informações obtidas neste estudo permanecerão confidenciais.

A quem eu chamarei se tiver perguntas ou problemas? Quando tiver questões relacionadas ao estudo você poderá contatar a pesquisadora responsável: Manuella Rasch Saraiva (53)981617000 ou manuellarasaraiva@gmail.com

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em autorizar a participação no estudo.

Nome do participante: _____ Data: ____/____/____

Assinatura do(a) participante:

Assinatura da pesquisadora:

ANEXO B – Carta de Anuência do Hospital Escola



CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que o projeto de pesquisa intitulado **Leitura de livros e o processo de hospitalização infantil** submetido para apreciação da Gerência de Ensino e Pesquisa do HE-UFPEL/EBSEH, sob o protocolo nº **00754/18** pela pesquisadora **Manuella Rasch Saraiva** e sob a orientação da Profª. **Vania Grim Thies** está APROVADO para ser realizado no **Hospital Escola**.

A aprovação está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares e à entrega do Parecer Consubstanciado com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa a esta gerência, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa.

Pelotas, 16 de agosto de 2018.

Thiago Gonzalez Barbosa e Silva
Chefe do Setor de Gestão da
Pesquisa e Inovação Tecnológica
HE-UFPEL/EBSEH

ANEXO C – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Leitura de Livros e a hospitalização infantil

Pesquisador: Manuella Rasch Saraiva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 99219018.2.0000.5317

Instituição Proponente: Faculdade de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.946.990

Apresentação do Projeto:

As histórias infantis são ótimos recursos a serem utilizados com fins terapêuticos, pois estimulam a imaginação e o raciocínio, além de estimular a criatividade da criança. Auxilia na transmissão e entendimento de valores como ética, amor, respeito, carinho, cooperação, além de promover a cultura. Assim, o ato de contar histórias tem a agregar no pleno desenvolvimento infanto-juvenil, indo muito além do passatempo, entretenimento ou diversão. A forma de desempenhar o papel de leitor de histórias ou ainda mediador de leitura irá se relacionar as diversas conotações das palavras, conectando o lúdico e a aprendizagem. Diversos locais necessitam deste tipo de intervenção, independentemente de suas faixas etárias, tais como: escolas, creches, hospitais, asilos, etc.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a influência da leitura em voz alta de livros para crianças hospitalizadas;

Objetivo Secundário:

- Promover a ambiência/ambientação da criança com o ambiente hospitalar;
- Incentivar o gosto pela leitura em crianças internadas;
- Estabelecer o contato das crianças com os livros.

Endereço: Av Duque de Caxias 250

Bairro: Fragata

CEP: 96.030-001

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3284-4960

Fax: (53)3221-3554

E-mail: cep.famed@gmail.com

**UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS**



Continuação do Parecer: 2.946.990

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O estudo apresenta riscos mínimos, pois poderá haver algum desconforto ou constrangimento ao responder alguma pergunta, que poderá ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ao participante.

Segundo os autores os benefícios são:

Para alguns poderá ser o primeiro contato com o objeto livro, com o mundo da leitura e com sua imaginação. Além de proporcionar um espaço para criatividade/expressividade ao final das leituras, com - resgate das impressões das crianças acerca das histórias e a elaboração dos diversos sentimentos gerados pela hospitalização.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As ações propostas são de grande importância na tentativa do desenvolvimento cognitivo e aprendizado das crianças do grupo alvo, além disso essa troca de conhecimentos e sentimentos poderá de alguma forma contribuir para a promoção da saúde. Trata-se de um estudo transversal e intervencionista de caráter qualitativo; amostra de conveniência da Clínica Pediátrica do Hospital Escola/UFPEl/Ebserh por período a ser delimitado após o início das intervenções. A primeira etapa iniciará com a inserção dos livros infantis no "Cantinho da Leitura", onde os livros estarão disponibilizados para o contato com as crianças, a fim de incentivar o contato com os livros. Após cerca de um mês, serão realizados encontros para a leitura de livros de histórias infantis em voz alta na Sala de Recreação do Hospital Escola com as crianças e seus pais, pelo período de 6 meses a 1 ano. Os autores comentam que uma das ferramentas para a coleta de dados será entrevistas com as crianças e com os seus respectivos pais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

OK

Recomendações:

OK

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

OK

Endereço: Av Duque de Caxias 250

Bairro: Fragata

CEP: 96.030-001

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3284-4960

Fax: (53)3221-3554

E-mail: cep.famed@gmail.com

UFPEL - FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE PELOTAS



Continuação do Parecer: 2.946.990

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	TCLEatualizadoPROJETO.pdf	09/10/2018 12:56:40	Patricia Abrantes Duval	Aceito
Outros	TCLEatualizadoPROJETO.pdf	09/10/2018 12:56:40	Patricia Abrantes Duval	Aceito
Outros	Questoes_norteadoras.pdf	08/10/2018 09:20:08	Patricia Abrantes Duval	Aceito
Outros	Questoes_norteadoras.pdf	08/10/2018 09:20:08	Patricia Abrantes Duval	Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA.pdf	08/10/2018 09:19:16	Patricia Abrantes Duval	Aceito
Outros	CARTA_DE_ANUENCIA.pdf	08/10/2018 09:19:16	Patricia Abrantes Duval	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1203123.pdf	24/08/2018 15:51:22		Aceito
Folha de Rosto	2018_08_24_15_45_01.pdf	24/08/2018 15:49:30	Manuella Rasch Saraiva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	17/08/2018 15:55:54	Manuella Rasch Saraiva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MESTRADO.docx	17/08/2018 15:55:36	Manuella Rasch Saraiva	Aceito

ANEXO D – TCLE direcionado aos profissionais de saúde



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em Mestrado em Educação

Introdução: Você está sendo convidado a fazer parte deste estudo e está recebendo estas informações para ajudá-lo a decidir sobre a sua participação neste estudo. Este estudo será conduzido na sala de recreação do Hospital Escola UFPel/Ebserh pelo Serviço de Pediatria. Por favor, leia estas informações cuidadosamente e sinta-se à vontade para tirar suas dúvidas. Após todas as dúvidas serem esclarecidas e você consentir a participação, será solicitado que você assinasse e date a última página deste documento. Você receberá uma cópia deste termo.

Por que este estudo está sendo feito? Este estudo faz-se necessário a fim de descrever as possíveis influências da leitura para crianças hospitalizadas. Com o uso de recursos terapêuticos como a *Leitura de Livros* a fim de auxiliar no enfrentamento das crianças no período de hospitalização. Além disso, buscamos: auxiliar a criança a entender melhor suas limitações, reações, conflitos e frustrações relacionados aos procedimentos invasivos vivenciados no hospital; incentivar o gosto pela leitura estabelecendo o contato das crianças com os livros; proporcionar um espaço para criatividade/expressividade ao final das leituras.

Quantas pessoas farão parte deste estudo? Serão incluídos neste estudo todas as crianças internadas no Hospital Escola UFPel/Ebserh e seus responsáveis legais (pais ou cuidadores). Além dos profissionais de saúde do setor de Pediatria, que lidam diretamente com as mesmas.

Tenho que participar do estudo? Cabe a você decidir esta participação. A participação neste estudo será voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízo no atendimento oferecido.

Quais são os procedimentos do estudo? Serão realizados encontros diários para a leitura de livros de histórias infantis em voz alta na Sala de Recreação do Hospital Escola com as crianças e seus pais. Com relação aos profissionais de saúde do setor de Pediatria, será solicitado o preenchimento de um questionário relacionado a sua percepção sobre a inserção da Leitura no contexto hospitalar pediátrico.

Quantas avaliações serão realizadas e quanto tempo durará o estudo? O estudo será realizado com todos os pacientes do setor de Pediatria que confirmarem sua participação e seus respectivos pais ou cuidadores. Além dos profissionais de saúde, no qual após a confirmação de sua participação irão preencher um questionário relacionado a sua percepção sobre a inserção da Leitura no contexto hospitalar pediátrico.

Quais são os custos? Sua participação neste estudo não envolve qualquer custo de sua parte.

Existem riscos? Este estudo foi aprovado por um comitê de ética que acredita não haver riscos para sua participação.

E sobre confidencialidade? A sua identidade e outras informações obtidas neste estudo permanecerão confidenciais.

A quem eu chamarei se tiver perguntas ou problemas? Quando tiver questões relacionadas ao estudo você poderá contatar a pesquisadora responsável: Mannella Rasch Saraiva (53)981617000 ou manuellersaraiva@gmail.com

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em autorizar a participação no estudo.

Nome do participante: _____ Data: ____/____/____

Assinatura do(a) participante:

Assinatura da pesquisadora:

ANEXO E – Questionário aberto para os profissionais de saúde

Nome: _____ Profissão: _____
Idade: _____

Questões dirigidas aos profissionais de saúde:

1. O que achas da proposta da leitura de livros para as crianças internadas?

2. Para ti, de que forma a leitura influencia no cotidiano da criança internada?

3. Notas algum efeito/diferença de reação no tratamento e na internação após a realização da leitura dos livros?

4. Que tipo de ações tu achas que possui relevância para as crianças internadas a fim de amenizar as tensões geradas pela hospitalização?

5. O que é ler pra ti? (Responda com as suas palavras)

6. O que os livros são pra ti?
